

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS**

Felipe Augusto de Sousa Sobrinho

**PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO E RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE MEMES MISTOS E IMAGÉTICOS**

**TERESINA – PI
2020**

Felipe Augusto de Sousa Sobrinho

**PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO E RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE MEMES MISTOS E IMAGÉTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação do Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva.

Área de Concentração: Linguagem e Cultura

Linha de Pesquisa: Estudos do texto: produção e recepção

S677p Sobrinho, Felipe Augusto de Sousa.

Processo de recategorização e relações intertextuais na construção de sentidos de memes mistos e imagéticos / Felipe Augusto de Sousa Sobrinho. – 2020.

134 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, Teresina - PI, 2020
"Orientador (a): Prof. Dr. Franklin de Oliveira Silva."

1. Recategorização. 2. Intertextualidade. 3. Meme. I. Título.

CDD: 469.02




GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

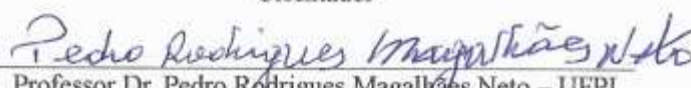
TERMO DE APROVAÇÃO

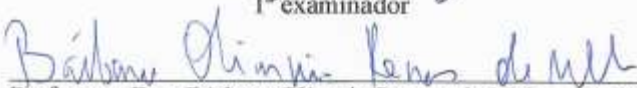
**PROCESSO DE RECATEGORIZAÇÃO E RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE MEMES MISTOS E IMAGÉTICOS.**

FELIPE AUGUSTO DE SOUSA SOBRINHO

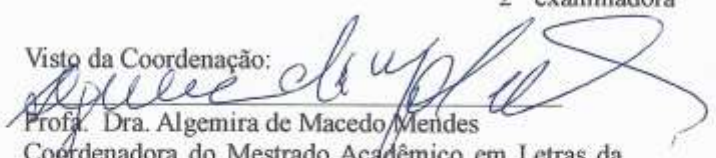
Esta dissertação foi defendida às 09h, do dia 05 de maio de 2020, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado..... (Aprovado, não aprovado).


Professor Dr. Franklin Oliveira Silva – UESPI
Orientador


Professor Dr. Pedro Rodrigues Magalhães Neto – UFPI
1º examinador


Professora Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo – UESPI
2º examinadora

Visto da Coordenação:


Prof.ª Dra. Algemira de Macedo Mendes
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Letras da
UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

À minha avó Graziela: minha história.

AGRADECIMENTOS

A realização dos nossos sonhos só é possível porque existem pessoas importantes que nos dão força para continuar. Não poderia deixar de citar algumas, das muitas que fizeram e que fazem parte desta história.

Em primeiro lugar, a Deus por sempre acreditar em mim. Paizinho, obrigado por plantar em mim grandes sonhos e por me ajudar a realizá-los. Olha o meu coração, pois o mais belo texto não traduz a imensa gratidão que tenho a Ti neste momento.

Em especial, a minha avó Graziela Silva (*in memoriam*). Foi num momento de muita dor que eu iniciei este ciclo da minha vida. É e com muita saudade que o encerro. Tua história marcou a minha. E hoje meu coração se enche de gratidão por lembrar-me dos teus caminhos. Dedico este trabalho a ti, meu amor.

Mãe (Ângela Silva), traduzo o meu muito obrigado em teus braços, pois foi sempre neles que encontrei apoio, aconchego e o mais puro amor. É imensurável a admiração que tenho pela força que há em ti.

Ao meu grande amor, Lara Beatriz (Bia), por ter estado comigo em muitas madrugadas, enquanto eu estudava. Obrigado por tanto carinho! O Bibi sempre estará aqui.

Tia Maria Flor, jamais será possível agradecer por sempre apoiar o meu crescimento profissional.

Marcos Colaço, obrigado por ter me ouvido, por ter dito que ia dar certo, por ter me abraçado e por ter abraçado este desafio comigo. Que os nossos sonhos sempre estejam alinhados! Tia Isabel, receba o meu carinho. Você também faz parte deste momento tão importante.

Aos meus avós Anacleto Pereira da Silva (*in memoriam*), Manoel Sobrinho (*in memoriam*) e Maria Flor.

Aos meus tios, Francisco, Sônia (*in memoriam*), Arcângela, Nilton, Fernando e Giseuda.

Ao meu pai José Augusto Timóteo Sobrinho e ao meu padrasto João Pereira.

Aos meus primos.

Ao Héberton Mendes por me incentivar nesta empreitada, pelas leituras compartilhadas e pelas orientações.

Aos meus colegas de turma, Maria Oliveira, Aline, Liviane, Evandro, Mirna, Mariana, Osilene, Thaísa e Eliana.

Aos meus professores Bárbara Olímpia Ramos, Iveuta de Abreu Lopes e Wellington Borges. Vocês foram essenciais na construção de um pesquisador, de um professor, de um ser humano melhor.

Ao Prof. Pedro Neto pelas contribuições.

Ao meu amigo André Medeiros pela atenção.

À Coordenação do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí, sob a coordenação da Profa. Algemira Mendes.

À Secretaria de Educação do Estado do Ceará pela liberação de minhas atividades profissionais, possibilitando total dedicação nesta pesquisa.

À Escola Estadual de Educação Profissional Professor Sebastião Vasconcelos Sobrinho, por me apoiar neste momento tão importante.

Ao meu orientador Prof. Franklin Silva. Obrigado pela adoção! Muito obrigado por acreditar e abraçar a minha ideia. Que teus caminhos sempre sejam de muita paz! Obrigado.

Em especial, à Profa. Silvana Maria Calixto de Lima. Foi num momento delicado que comecei este trabalho e em oração encerro este ciclo transmitindo energia positiva. Que outros mestrandos tenham o enorme prazer de aprender com a senhora. Deixo a minha gratidão por todos os ensinamentos. Fica o meu respeito e admiração pela grande profissional que és e pelo coração enorme que tens.

A todos que contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada e para que este momento fosse possível.

As palavras do homem
são águas profundas,
mas a fonte da sabedoria
é um ribeiro que transborda.

Provérbios 18:4

RESUMO

O meio digital está repleto de gêneros que assumem como ponto máximo caracterizador de sua composição um jogo de relações multimodais, como o gênero meme, que constrói os sentidos a partir da relação entre o verbal e o não verbal. Por isso, é preciso analisá-los criticamente, observando como esses elementos são dispostos para o alcance dos objetivos pretendidos. Essa forma de ver o texto é uma tendência muito forte nos estudos atuais da Linguística Textual. Diante disso, trabalhamos com a seguinte problemática: como o fenômeno da recategorização estabelece uma relação com os mecanismos da intertextualidade de forma a contribuir com a construção de sentidos de memes mistos e imagéticos? Dessa forma, o nosso objetivo se volta para investigar a relação entre a recategorização e os mecanismos de intertextualidade na construção de sentidos de memes mistos e imagéticos sobre temáticas políticas. Trabalhamos com a hipótese de que a recategorização, encontrada em memes mistos e imagéticos, além de reconstruir o referente apresentado, poderá estabelecer uma relação intertextual a partir dos mecanismos de intertextualidade, sendo responsável por estabelecer a ironia, o humor e/ou o sarcasmo presentes nesse gênero. A partir dos estudos pioneiros de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995), novas perspectivas surgiram, apresentando outros posicionamentos em torno do fenômeno, como o aspecto cognitivo a partir de Lima (2003; 2009), considerando que a recategorização pode, ou não, manifestar-se por meio de expressões referenciais; e a relação entre o fenômeno da recategorização e a multimodalidade sob o olhar de Custódio Filho (2011), Cavalcante e Lima (2015) e Lima (2017). Além disso, para apresentarmos as discussões a respeito do fenômeno da intertextualidade, tomamos como base Piègay-Gros (1996) e Koch, Bentes e Cavalcante (2012). A pesquisa é bibliográfica, de cunho exploratório e descritivo e tem uma abordagem de natureza qualitativa. Coletamos vinte e sete exemplares de memes com temáticas políticas. Selecionamos e analisamos dez e utilizamos uma amostra de cinco memes, sendo 4 (quatro) mistos e 1 (um) imagético, observando nestes os referentes recategorizados e marcas de intertextualidade, traçando uma relação entre os dois fenômenos. Os resultados das análises apontaram para a confirmação da hipótese formulada, considerando que o fenômeno da recategorização pode efetivar mais de uma relação no texto, apresentando novas informações acerca do referente e estabelecendo relações intertextuais em textos com mais de uma modalidade, contribuindo para a construção de sentidos, ampliando, dessa forma, a nossa visão acerca de tais fenômenos.

Palavras-chave: Recategorização. Intertextualidade. Meme.

ABSTRACT

The digital environment is full of genres that take as a maximum characteristic point of its composition a game of multimodal relations, such as the meme genre, which builds the senses from the relationship between verbal and non-verbal. Therefore, it is necessary to analyze them critically, observing how these elements are arranged to achieve the intended goals. This way of viewing the text is a very strong trend in current Textual Linguistics' studies. Therefore, we work with the following problem: how does the recategorization phenomenon establish a relationship with the mechanisms of intertextuality in order to contribute to the construction of meanings in mixed and imagery memes? Therefore, our goal is to investigate the relationship between the mechanisms of recategorization and intertextuality in the construction of meanings of ten mixed and imagery memes on political themes. We work with the hypothesis that the recategorization, found in mixed and imagery memes, in addition to reconstructing the referent presented, may establish an intertextual relationship based on the intertextuality mechanisms, being responsible for establishing the irony, humor and / or sarcasm present in this genre. From the pioneering studies of Apothélos and Reichler-Béguelin (1995), new perspectives emerged, presenting other positions around the phenomenon, such as the cognitive aspect from Lima (2003; 2009), considering that the recategorization may or may not manifest through referential expressions; and the relationship between the recategorization phenomenon and multimodality under the outlook of Custódio Filho (2011), Cavalcante and Lima (2015) and Lima (2017). Besides that, in order to present the discussions about the intertextuality's phenomenon, we use Piègay-Gros (1996) and Koch, Bentes and Cavalcante (2012) as a basis. The research is bibliographic, exploratory and descriptive and has a qualitative approach. We collected twenty-seven copies of memes with political themes. We used a sample of five mixed and imagery memes, observing in these the recategorized referents and marks of intertextuality, tracing a relationship between the two phenomena. The results of the analyzes pointed to the confirmation of the formulated hypothesis, considering that the phenomenon of recategorization can effect more than one relation in the text, presenting new information about the referent and establishing intertextual relations in texts with multiple semiosis, contributing to the construction of meanings, expanding, that way, our view of such phenomena.

Keywords: Recategorization. Intertextuality. Meme.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Locke carrega o ferido.....	53
FIGURA 2 – Locke na areia.....	53
FIGURA 3 – Vício nas redes sociais.....	59
FIGURA 4 – Congresso brasileiro.....	60
FIGURA 5 – Debate.....	63
FIGURA 6 – José e Maria.....	69
FIGURA 7 – Poeira.....	73
FIGURA 8 – Tomate.....	74
FIGURA 9 – Tropa de Elite.....	75
FIGURA 10 – Sobremesa.....	77
FIGURA 11 – Celular.....	79
FIGURA 12 – Pedra no Caminho.....	84
FIGURA 13 – Monalisa.....	85
FIGURA 14 – Pietá, de Michelângelo.....	89
FIGURA 15 – Pietá, de Jan Fabre.....	89
FIGURA 16 – Pietá, foto de Samuel Aranda.....	90
FIGURA 17 – O grito.....	92
FIGURA 18 – Intertextualidade proposta por Piègay-Gros (1996).....	95
FIGURA 19 – Intertextualidade proposta por Koch (2004).....	96
FIGURA 20 – Chapolin.....	101
FIGURA 21 – Bolsonaro e Lula.....	109
FIGURA 22 – Fúria de Titãs.....	109
FIGURA 23 – Marina como Mestre dos Magos.....	113
FIGURA 24 – Mestre dos Magos.....	114
FIGURA 25 – Lula tatuado.....	117
FIGURA 26 – Adolescente tatuado.....	117
FIGURA 27 – Lula como Elsa.....	120
FIGURA 28 – Elsa.....	120
FIGURA 29 – Bolsonaro como minion.....	123
FIGURA 30 – Os minions.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 REFERENCIAÇÃO E SUA MULTIPLICIDADE.....	14
1.1 A construção da referência.....	14
1.2 A visão pioneira sobre o fenômeno de recategorização.....	16
1.3 A perspectiva sociocognitiva do fenômeno da recategorização.....	32
1.4 A recategorização e a multimodalidade.....	46
2 A INTERTEXTUALIDADE, O GÊNERO MEME E FOCALIZAÇÃO DOS ASPECTOS TEÓRICOS.....	65
2.1 A intertextualidade.....	65
2.1.1 A intertextualidade nos estudos da Linguística Textual.....	66
2.2 O meme.....	97
2.3 Focalização dos aspectos teóricos.....	102
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	105
3.1 Tipo e natureza da pesquisa.....	105
3.2 Constituição do <i>corpus</i>	106
3.3 Procedimentos de análise.....	107
3.4. Análise dos dados.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	130

INTRODUÇÃO

A Linguística Textual teve seu ápice na Alemanha nos anos 1960 com importantes publicações voltadas para estudar o texto e propor novos métodos de se trabalhar com esse objeto. No primeiro momento, as análises ficavam restritas apenas em nível frasal. Atualmente, os estudos se concentram em investigar o texto em um nível interacional, considerando fatores de produção, recepção e interpretação textual, tanto em textos escritos como em textos orais.

No Brasil, a Linguística Textual só ganha destaque na década de 1980 com a chegada das discussões advindas das pesquisas feitas na Europa, acendendo a curiosidade de pesquisadores e abrindo caminhos para inéditas investigações sobre o texto. Os estudos sobre Referenciação tiveram destaque na Linguística Textual a partir dos estudos pioneiros de Mondada e Dubois (1995) e de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) que, de maneira complementar, trouxeram inquietações sobre fenômenos de progressão textual e de construção de sentido, como, por exemplo, a recategorização, que serviu de objeto de investigação para diversos estudiosos que buscaram compreender os mecanismos que estavam por trás dos sentidos pretendidos por essa estratégia na porção textual e que também elegemos como objeto de estudo para este trabalho. Esses estudos buscaram mostrar como se estabelecem as categorias, bem como suas características (estabilidade e instabilidade), além de descrever como acontecem as estratégias de designação.

A partir daí, o fenômeno que escolhemos como foco desta dissertação, a recategorização, teve seus primeiros fundamentos consolidados. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) foram os primeiros a tratar do fenômeno da recategorização numa perspectiva lexical e textual, mas já admitindo a não extensionalidade dos objetos do discurso, aceitando a língua no seu caráter dinâmico.

É nessa perspectiva que buscamos, nesta pesquisa, apresentar como o fenômeno da recategorização foi visto nos trabalhos de Lima (2003; 2009; 2017), Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Lima (2015), partindo do estudo pioneiro de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), destacando as contribuições relevantes para o campo da Linguística Textual e para a construção de sentido dos textos verbais e multimodais. Além disso, lançamos mão do aporte teórico de Piègay-Gros (1996) e Koch, Bentes e Cavalcante (2012), para, assim, considerarmos os dois fenômenos

como mecanismos fundamentais para a construção de sentidos de memes mistos e imagéticos.

Tendo em vista o surgimento de diversos gêneros nas mídias digitais, é importante que tenhamos um olhar crítico quanto aos elementos que compõem esses gêneros, bem como a função que esses elementos exercem na construção de sentido, especialmente o gênero meme, foco da nossa análise. Diante disso, trabalhamos com a seguinte problemática: como o fenômeno da recategorização estabelece uma relação com os mecanismos da intertextualidade de forma a contribuir com a construção de sentidos de memes mistos e imagéticos?

Levando em conta o caráter sociocognitivo do fenômeno da recategorização e a intertextualidade como um fenômeno que poderá se apresentar em qualquer gênero, partimos da hipótese de que a recategorização, encontrada em memes mistos e imagéticos, além de reconstruir o referente apresentado, poderá estabelecer uma relação intertextual a partir dos mecanismos de intertextualidade, sendo responsável por estabelecer a ironia, o humor e/ou o sarcasmo presentes nesse gênero. Dessa forma, os nossos objetivos se voltam para identificar as ocorrências de recategorização no *corpus* constituído para investigação; descrever os tipos de recategorização identificados no *corpus*; reconhecer no *corpus* a presença da intertextualidade e sua classificação; e analisar as ocorrências de recategorização identificadas no *corpus* estabelecendo as relações devidas com o mecanismo da intertextualidade em suas mais diversas formas de manifestação.

Assim, esta dissertação se torna importante porque mostra, na prática, como o estudo pioneiro de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995), assim como as pesquisas de Lima (2003; 2009; 2017), Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Lima (2015) podem ser observados em gêneros digitais, especificamente o gênero meme, foco das nossas análises, e que foram muito importantes para considerar que o fenômeno pode ser contemplado além da perspectiva lexical em relação à construção de sentidos atrelados aos textos, abordando, portanto, aspectos relacionados ao viés cognitivo relacionado ao fenômeno. Esclarecemos, antes de adentrar na exposição dos trabalhos, que não somos exaustivos na exploração das pesquisas. Recortamos, com objetividade, o que de mais relevante os autores apresentaram sobre o fenômeno devido à extensão agregada à recategorização e ao foco deste trabalho.

Didaticamente, dividimos este estudo em três capítulos. No primeiro, iniciamos com o estudo clássico sobre a construção da referência sob olhar de Mondada e Dubois (1995), seguido do trabalho pioneiro sobre recategorização de Apothéloz e Reichler- Béguelin (1995), a partir do seu artigo *Construction de la référence et stratégies de désignation* (Construção da referência e estratégias de designação) e, em seguida, descrevemos o fenômeno da recategorização a partir da perspectiva sociocognitiva do fenômeno proposto por Lima (2003; 2009); assim como explanamos, a partir dos estudos propostos por Custódio Filho (2011), Cavalcante e Lima (2015) e Lima (2017), a relação entre a recategorização e a multimodalidade. No segundo momento, apresentamos a perspectiva de Piègay-Gros (1996) e Koch, Bentes e Cavalcante (2012) sobre a Intertextualidade, observando a classificação voltada para a intertextualidade *stricto sensu*, além da caracterização e origem do gênero meme e focalização dos aspectos teóricos que direcionaram a pesquisa. O terceiro capítulo foi dedicado aos procedimentos metodológicos e análise dos dados, que corroboraram para a confirmação da nossa hipótese.

Não pretendemos neste trabalho negar a importância de todos os estudos já realizados acerca do fenômeno da recategorização e acerca dos aspectos norteadores da Intertextualidade, mas buscamos fortalecer as pesquisas que dizem respeito aos estudos do fenômeno da recategorização em textos verbo-imagéticos numa interface com a Intertextualidade, mostrando o papel desses fenômenos na construção de sentidos de memes.

1 REFERENCIAÇÃO E SUA MULTIPLICIDADE

Este primeiro capítulo tem como objetivo mostrar algumas pesquisas acerca do fenômeno de recategorização, considerando, portanto, pesquisadores respaldados nos estudos dessa estratégia de progressão textual. Partimos da concepção sobre o fenômeno da referenciação, sob os pressupostos teóricos de Mondada e Dubois (1995). Como trabalho pioneiro sobre a recategorização, analisamos a pesquisa desenvolvida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), bem como as pesquisas posteriores que ampliaram a perspectiva sobre fenômeno, quais sejam, os trabalhos discutidos por Lima (2003; 2009; 2017), Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Lima (2015).

1.1 A construção da referência

Antes de adentrarmos nos posicionamentos que guiam a compreensão acerca do fenômeno da recategorização, é imprescindível que conheçamos, e aqui apontamos superficialmente pontos fundamentais deste primeiro trabalho, o aporte teórico que o baseia, seguindo, portanto, as perspectivas abordadas por Mondada e Dubois (1995) sobre a construção dos objetos de discurso e categorização, considerando, assim, a noção sobre a passagem da referência à referenciação, além dos processos que circundam a instabilidade e estabilidade das categorias.

As autoras partem da ideia inicial sobre a relação entre a língua e a realidade, num quadro sustentado pela *metáfora do espelho* ou *mapeamento*, cuja ideia aborda a relação estrita entre as palavras e as coisas “numa correspondência dada, preexistente” (MONDADA e DUBOIS, 1995, p. 18). Esse pensamento apresenta a língua como puramente lógica e capaz de explicar as coisas do mundo como elas realmente são, considerando, portanto, a objetividade nesse processo.

Essa perspectiva, segundo as autoras, leva em consideração um mundo autônomo, observando que a língua deve se ajustar às suas realidades, sem considerar o sujeito. Por isso, Mondada e Dubois (1995) propõem um questionamento sobre tal concepção, destacando a importância de se considerar não mais o mundo em entidades objetivas, mas sim sublinhando a instabilidades das categorias cognitivas e linguísticas e os seus processos de estabilização. Nesse

viés, o foco se voltará para o processo de construção dessas categorias, ou *referenciação*. Segundo essa concepção, não mais será considerada apenas uma visão representacional do mundo, sobretudo, como se dá o processo de construção dessas entidades, destacando que o sujeito assume um papel relevante. Esse sujeito será considerado sob uma abordagem sociocognitiva numa relação indireta entre os discursos e o mundo, numa construção baseada no aspecto intersubjetivo das negociações (MONDADA; DUBOIS, 1995).

Para sustentar essa visão, Mondada e Dubois (1995) mostram como a instabilidade e os processos de estabilização dessas categorias fazem parte desse processo de construção. Primeiramente, destacam pontos relacionados à literatura científica, quanto às suas controvérsias, que surgem das divergências dos julgamentos nos diversos casos das práticas que envolvem a ciência, e processos de negociação na escolha das suas categorias, além de escolhas feitas pelos atores sociais dentro das práticas discursivas e cognitivas, ponto destacado pelas autoras como “a instabilidade generalizada”.

Essas escolhas partem de um contexto em que esses atores sociais escolhem uma categoria em detrimento de outra, num processo intersubjetivo de construção dessas categorias, segundo Mondada e Dubois (1995). Essas variações categoriais concorrem para que uma situação seja vista de perspectivas diferentes, fazendo, portanto, com que essas categorias sejam reformuladas, como nas metáforas, recategorizações ou metalepses (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995), posicionamento que assumimos neste trabalho como foco da nossa discussão e que será discutido no próximo tópico.

Mondada e Dubois (1995, p.32) discutem, também, o processo de referenciação sob a ótica das categorias prototípicas ou estereótipos, uma vez que a primeira escolha parte da categoria que assume essa característica de prototipicidade para, posteriormente, dar lugar a outras categorias, que passam, segundo as autoras, do campo central, semanticamente falando, para um ponto periférico, “o que provoca uma recategorização radical”. Em outras palavras, as categorias vão sendo modificadas e assumem remodulações, partindo da perspectiva que o locutor quer compartilhar no seu discurso.

As transformações sofridas pelo discurso vão sendo marcadas pelas escolhas lexicais do locutor, uma vez que cada nova categoria presente no discurso apresenta uma forma de construção mais adequada, implicando, não

necessariamente, uma relação semântica exata, mas produzida para que o objeto seja construído no próprio discurso, dentro de um contexto específico. De acordo com o pensamento de Mondada e Dubois (1995, p. 34), “a discretização do mundo em categorias não é dada absolutamente *a priori*, mas varia segundo as atividades cognitivas dos sujeitos que operam com elas”.

Diante dessas caracterizações que regem a instabilidade das categorias, Mondada e Dubois (1995) sublinham, também, os processos que as estabilizam, quais sejam, protótipos, estereótipos e designação, além das anáforas e dos processos de inscrição.

Toda essa discussão sobre as categorias foram promovidas por Mondada e Dubois (1995) para mostrar que as categorias podem ser analisadas sob a ótica da estabilização do mundo e sob a visão de um mundo construído num processo de interação, partindo da construção dos objetos de discurso através da referenciação, objetos que podem ser remodulados, reapresentados ou recategorizados, segundo os pontos de vista estabelecidos pelo locutor nas atividades discursivas.

O fenômeno da recategorização, já pontuado, mas não desenvolvido por Mondada e Dubois (1995), será retomado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) numa discussão sobre situações em que os autores mostram como se dá a construção da referência e uma proposta de classificação sobre o fenômeno.

1.2 A visão pioneira sobre o fenômeno de recategorização

A primeira visão sobre o fenômeno da recategorização parte do trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), em que os autores apresentam uma posição sobre a evolução dos referentes, tendo como base estudos sobre a anáfora. O trabalho dos autores é dividido em três partes. A primeira diz respeito à evolução dos referentes, como objetos do discurso, em contraposição à visão do referente como “espelho da realidade” ou “visão mundana”. A segunda parte foca nas intervenções do sujeito no processo de designação dos referentes. E na terceira, os autores lançam uma proposta de classificação para o fenômeno da recategorização.

Nesse primeiro momento, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) discutiram sobre as anáforas dentro de um processo comunicativo e o que acontece quando

elas sofrem transformações, modificando suas características, e buscaram confirmar a validação do processo de retomada ao apontar, ou não, para um mesmo referente.

A proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) é analisar o que acontece dentro dos discursos no que diz respeito à evolução desses referentes e ao seu processo de retomada. Observaremos, a seguir, uma discussão a partir dos exemplos clássicos dos autores que sustentarão a definição de recategorização elaborada por eles e fundamental para os estudos subsequentes.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 3) fazem a análise do próximo exemplo em que duas substâncias, água e whisky, são misturadas em proporções não definidas.

1a) Ele vira três dedos de whisky em um copo, acrescenta um pouco de água e o bebe.

1b) Ele vira três dedos d'água em um copo, acrescenta um pouco de whisky e a bebe.¹

A considerar que o primeiro é um substantivo feminino e o segundo um substantivo masculino (água e whisky), não há, depois da mistura, como considerar o líquido como masculino ou feminino devido a não ser possível determiná-los na sua matéria inicial.

O segundo exemplo apresentado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 3) discutirá sobre a materialidade de um referente dado e como sua transformação pode ser recuperada, ou não, a partir de sua alteração física. Essa forma de designação é denominada de predicados “transformacionais”. Vejamos o exemplo abaixo:

2a) Pegue quatro cubos de açúcar. Derreta-os com água e leve-os em ponto de ebulição.²

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) levam em consideração, na sua pesquisa, a impossibilidade de considerar o pronome os depois do verbo ‘derreter’, uma vez que não há como retomar a matéria inicial “dois cubos”. Quanto a esse posicionamento, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) criticam o fato de não se poder assegurar a impossibilidade de se retornar à ideia da matéria inicial, pois depende do grau de aceitabilidade, isto é, depende diretamente da visão de quem

¹ Texto original em francês: (1a) Il versa du whisky dans un verre. Il y ajoute de l'eau... et il le but. (1b) Il versa de l'eau dans un verre. Il y ajoute du whisky... et il la but.

² Texto original em francês: (2a) Prenez quatre morceaux de sucre. Faites-les fondre dans de l'eau et portez-les à ébullition.

está analisando a mistura, considerando, nesse caso, a proporção dos líquidos. Assim também, os autores tomam os casos abaixo para discutir sobre uma situação semelhante.

- 3a) Sophie esmagou dois cubos de açúcar e os colocou em seu café.
 3b) Sophie esmagou dois cubos de açúcar e o colocou em seu café.³

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) consideram que os dois exemplos (2a e 3a) se diferem, uma vez que os dois verbos ‘derreter’ e ‘esmagar’ condicionam distintamente o grau de aceitabilidade nos dois casos.

O que os autores querem transmitir é que a aceitabilidade das características transformacionais dos predicados *esmagar* e *derreter* não estão ligados a parâmetros únicos confirmados por um pronome que vem a seguir. Tudo depende da forma como o referente é construído na visão dos interlocutores.

Segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), o problema é posto quando a intuição dos linguistas quanto à determinação das extensões referenciais das denominações é colocada para estabelecer limites no emprego, como no caso da água e do whisky. Os autores sublinharam o fato de esse processo subjetivo levantar dúvidas, quando esses dados que indicam esses limites são totalmente retirados do contexto de produção, e que tais dados descontextualizados são incompletos na semântica discursiva, dificultando, desse modo, uma análise mais precisa. É necessário, então, partir do contexto de produção concreto. Criticam, portanto, quaisquer julgamentos feitos metodologicamente de maneira isolada, como nos exemplos analisados.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) esclarecem que a noção do referente evolutivo pode ser compreendida tanto pela ótica do objeto extralinguístico, nesse caso, é visto como elemento correferencial, quanto pela noção de objeto de discurso, visto nesse ponto como sustentado pela atividade linguística. Sublinham a necessidade de distinção entre essas entidades no que diz respeito às interpretações anafóricas e o estado do mundo, pois é de grande importância compreender que os referentes evolutivos devem ser analisados sob a sua dinamicidade. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 9) ratificam essa visão ao afirmarem que “[...] todo objeto de discurso é, por definição, evolutivo, porque cada

³ Texto original em francês: (3a) Sophie broya deux morceaux de sucre puis les mit dans son café.
 (3b) Sophie broya deux morceaux de sucre puis le mit dans son café.

predicação é relativa à modificação de seu *status* informacional, em memória discursiva [...].”⁴

Os autores esclarecem a ideia de que essa perspectiva não pode ser traduzida como um tratamento do referente totalmente desconectado da realidade. Destacam também que a identidade dos objetos de discurso devem ser observados tanto pela perspectiva de construção desse referente, de acordo com os parâmetros do sujeito, quanto devem partir “do conhecimento e das experiências das propriedades do mundo real” ⁵(APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 9), ou seja, o conhecimento compartilhado.

O primeiro momento do trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin acerca da evolução dos referentes é concluído com a ideia de que não é possível ignorar a construção dos referentes sem relacioná-los com a interação do sujeito com o seu meio e com as concepções antropológicas. Caso contrário, o linguista não conseguirá alcançar os seus objetivos quanto à constatação da essência das entidades, pois a semântica lexical por si só não contempla mais todas as respostas relacionadas à construção desses referentes, concepção que tem relação direta com a ideia nomenclaturista do léxico.

A segunda parte do trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) é voltada para as intervenções do sujeito no processo de designação dos referentes. Os autores sublinham o fato de o léxico de uma língua, com suas características polissêmicas, possibilitar que o sujeito faça a escolha mais adequada para o seu discurso e não agir como se houvesse um conjunto de etiquetas, como uma relação direta com a realidade. Em outras palavras, o sujeito escolhe no léxico uma opção dentre muitas outras, considerando a maleabilidade dos dispositivos fornecidos por ele.

No discurso argumentativo, segundo os autores, as designações são construídas intersubjetivamente e mostram as escolhas persuasivas dos sujeitos, e que uma das formas mais claras do ato referencial é vista no uso das anáforas lexicais, já que a liberdade no uso das escolhas linguísticas nesse processo é bem

⁴ Texto original em francês: tout objet-de-discours est, par définition, évolutif, car chaque prédication le concernant modifie son statut informationnel en mémoire discursive.

⁵ Texto original em francês: D'une part, nous pensons que l'identité des objets-de-discours intègre forcément certains paramètres référentiels (au sens extensionnel du terme); d'autre part, il est bien entendu que l'interprétation des expressions référentielles sollicite constamment notre connaissance et notre expérience des propriétés du monde “réel”.

maior, considerando o objeto designado identificado. O próximo exemplo dado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 10) mostra como essa liberdade de escolhas lexicais é feita no uso das designações dos referentes, num jogo metafórico estabelecido no próprio discurso.

4) O sabão se vingou da humilhação que ela (a água) o fez passar ao se misturar intimamente à água, ao se casar de maneira mais ostensiva. **Este ovo, este prato de limanda, esta pequena amêndoa** se desenvolve rapidamente em peixe chinês, com os seus véus, seus quimonos de mangas largas e feita para o seu casamento com a água.
(grifos do autor)

6

No exemplo 4, podemos observar que, metaforicamente, o referente *sabão* foi sendo reconstruído, e reapresentado, por meio de designações que representam a recategorização do objeto, sem que o poder de interpretação correferencial fosse afetado. O sujeito lança mão de expressões linguísticas que não se limitam às mesmas condições referenciais. Esse pode optar por uma expressão que melhor se adeque àquilo que ele quer apresentar a respeito do referente ou pode fazer uso das recategorizações, que, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 10), são caracterizadas “pelo acréscimo ou pela subtração de expansões [...] ou modulação da expressão referencial em função das visões do momento.”⁷

Para a ratificação dessa visão defendida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 10) sobre as possibilidades de designação de um referente, afastando-se da sua forma puramente lexical, contudo, sem perder relações que permitam a correferencialidade, os autores exploram estes dois exemplos para marcar o uso das recategorizações, como forma de adaptações comunicacionais, a depender das intenções do sujeito.

⁶ Texto original em francês: Le savon se venge de l'humiliation qu'elle [= l'eau] lui fait subir en se mélangeant intimement à l'eau, en s'y mariant de la façon la plus ostensible. Cet œuf, cette plate limande, cette petite amande se développe rapidement en poisson chinois, avec ses voiles, ses kimonos à manches larges et fête ainsi son mariage avec l'eau.

⁷ Texto original em francês: Non seulement ce locuteur est en droit de sélectionner celle qu'il estime la plus apte à permettre l'identification du référent, mais il peut, par des recatégorisations, par l'ajout ou le retranchement d'expansions, etc., moduler l'expression référentielle en fonction des visées du moment.

5) [sobre o cérebro] Eu não acredito que os neurocientistas nos permitirão, um dia, compreender como esta **massa gelatinosa** fabrica os pensamentos.⁸ (grifos do autor)

6) Evocar uma lembrança parece simples como um bom-dia, portanto, quando ele não vem na cabeça, ou quando nós temos frequentemente o sentimento de ter uma palavra “na ponta da língua”, nós medimos, de repente, a profundidade e os mistérios **das curvas gelatinosas que transportamos em cima dos ombros**.⁹ (grifos do autor)

As designações destacadas nos exemplos 5 e 6 descrevem a aparência do cérebro, fazendo referência ao seu funcionamento, e assumem um caráter argumentativo a partir de tais descrições.

Segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), existem normas, socialmente construídas, que direcionam o uso de denominações consideradas mais adequadas do que outras, perspectiva adotada nos primeiros exemplos dados.

Entretanto, considerando ainda os destaques dos autores, existem outras considerações que devem ser pontuadas quanto ao uso dessas designações, de acordo com as expectativas dos sujeitos em relação ao referente na sua construção discursiva, juntamente com o interlocutor, a partir dos vários sentidos assumidos pelo léxico de uma língua.

A terceira parte, e última, do trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) sobre a evolução dos referentes descreve sobre a evolução dos referentes e os processos de designação. Neste tópico, os autores propõem uma classificação para o fenômeno da recategorização, ponto máximo da discussão proposta por eles.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) classificam as anáforas em seus estudos, destacando três classificações exploradas por eles: a primeira é quando o objeto do discurso sofre uma transformação no momento da sua designação anafórica sem retomar, nem se relacionar com qualquer transformação anterior a esse objeto; na segunda, o objeto de discurso transformado é retomado por um anafórico que não se relaciona com nenhuma alteração sofrida pelo objeto; na terceira, o objeto do discurso sofrerá diversas transformações ao longo do texto a partir de uma expressão anafórica antecedente.

⁸ Texto original em francês: [A propos du cerveau] Je ne crois pas que les neurosciences nous permettront un jour de comprendre comment cette masse gélatineuse fabrique de la pensée.

⁹ Texto original em francês: Evoquer un souvenir paraît simple comme bonjour, pourtant quand il ne revient pas en tête ou quand on a souvent le sentiment d'avoir un mot “sur le bout de la langue”, on mesure soudain la profondeur et les mystères des courbes gélatineuses que l'on transporte au-dessus des épaules.

Na primeira análise, em que a anáfora não funciona somente como retomada, sobretudo, opera também como elemento transformador, os autores propõem três classificações:

- 1) Recategorizações lexicais explícitas;
- 2) Recategorizações lexicais implícitas;
- 3) Modificações da extensão do objeto.

A primeira classificação, **1) recategorizações lexicais explícitas**, esclarece que o termo anafórico consegue ser resgatado facilmente. Podemos reconhecer a classificação, através do exemplo dado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 13):

7) [Artigo que relata o julgamento de um motorista responsável por um acidente] Ele reconhece de ter dirigido embriagado, se lembra mal e ri. Bêbado, ele junta blocos até Payerne e destrói uma vitrina. O tribunal correcional infligiu ontem uma pena fechada a esse **reincidente**.¹⁰ (grifo do autor)

No exemplo 7, podemos perceber que o termo “reincidente” resgata facilmente o termo “bêbado”. Entretanto, traz uma nova visão acerca do referente, conferindo-lhe o atributo de “aquele que voltou a cometer o delito”, perspectiva nova sobre o referente dentro do contexto do discurso. Esse tipo de anáfora pode estar ligado a várias ideias ou objetivos, como esclarecem Apothéloz e Rechler-Béguelin (1995).

A primeira ideia está ligada à **argumentação**, quando o termo recategorizado assume uma postura argumentativa, ou seja, a termo recategorizado pode ser visto como um termo axiologicamente marcado, assumindo, portanto, um juízo de valor sobre o referente, de acordo com o exemplo dado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 13):

8) O reflexo conservador tem ainda batido em consequência com as proximidades. A adoção na noite de quinta feira pelo parlamento francês da lei de Toubon contra o “franglês” é um exemplo engraçado. Essa nova **anglicização** glaciação da língua, pega no gelo da legislação, é reveladoramente da ingenuidade onde fazem prova dos políticos, logo que

¹⁰ Texto original em francês: [Article relatant le jugement d'un automobiliste responsable d'un accident] Il reconnaît avoir roulé ivre, se souvient mal et en rigole. Saoul, il rallie Broc depuis Payerne et démolit au passage une vitrine. Le Tribunal correctionnel a infligé hier une peine ferme à ce récidiviste.

eles figuram poder controlar o incontrolável a grandes decretos.¹¹ (grifo do autor)

O exemplo 8 traz a expressão anafórica “essa nova anglicização da língua”, que remete ao termo “franglês”, como forma de argumentação sobre o processo de tomada de características do inglês para a cultura francesa.

As recategorizações lexicais explícitas também podem estar ligadas à **denominação relatada**, processo que mostra indícios de pontos de vista em relação ao objeto de discurso. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 13) usam o exemplo para caracterizar o caso:

9) Nas ecologias precárias e as estruturas sociais frágeis da Europa pré-moderna, um casal podia gerar de oito a quinze crianças entre dez a vinte anos de casamento, porque se encontravam em rudes realidades. Certos, a mortalidade infantil tirava um bom **terço de suas bocas a nutrir**, mas o abandono trazia uma solução evidente.¹² (grifos do autor)

No exemplo 9, a expressão destacada mostra a visão dos pais sobre a quantidade de crianças que necessitavam ser alimentadas, retratando, dessa maneira, uma dificuldade econômica enfrentada por eles, marcada através de uma metonímia.

Aspectualização, de acordo com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 15) é outra ideia relacionada às recategorizações lexicais explícitas. Marca um ponto de vista sobre o objetivo tido como significativo para aquele aspecto contextual.

10) Swissair abre asas. Sua filial Gate Gourmet, especializado na restauração aérea, comprou ontem seu concorrente escandinavo SAS Service Partner. Graças a **essa aquisição**, a sociedade da companhia suíça reforça sua posição na hierarquia mundial. Ela passa de quinto para terceiro lugar, atrás de empresas americanas, como Cateware e Depbs. Ela aumenta seu tamanho. O montante da transação é tido como segredo. A operação foi impecavelmente conduzida.¹³ (grifos do autor)

¹¹ Texto original em francês: Le réflexe conservateur a encore frappé en Gaule voisine. L'adoption jeudi soir par le Parlement français de la loi Toubon contre le « franglais » en est un exemple assez cocasse. Cette nouvelle glaciation de la langue, prise dans la banquise de la législation, est révélatrice de l'ingénuité dont font preuve les politiques lorsqu'ils se figurent pouvoir contrôler l'incontrôlable à grands coups de décrets.

¹² Texto original em francês: Dans les écologies précaires et les structures sociales fragiles de l'Europe prémoderne et moderne, un couple qui pouvait engendrer huit à quinze enfants en dix à vingt ans de mariage se trouvait confronté à de rudes réalités. Certes, la mortalité infantile enlevait un bon tiers de ces bouches à nourrir, mais l'abandon apportait une solution évidente.

¹³ Texto original em francês: Swissair se sent des ailes. Sa filiale Gate Gourmet, spécialisée dans la restauration aérienne, a acheté hier son concurrent scandinave SAS Service Partner. Grâce à cette

No exemplo 10, a expressão anafórica ‘essa aquisição’ marca uma retomada do objeto de discurso, destacando uma marca relevante não observada. A seguir, os termos ‘montante’ e ‘operação’ também são apresentados, progressivamente, como elementos recategorizadores que, além de apresentar uma nova visão sobre o referente, também são utilizados como mecanismos para evitar a repetição.

Marcação da estrutura discursiva é a quarta ideia apresentada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 15) quanto às recategorizações lexicais explícitas.

11) Os franceses e a maioria dos francófonos tem uma relação muito forte com **sua língua**. Mais que um sistema de comunicação, **ela** é para eles um patrimônio, como todas as grandes línguas da civilização. Eles temem por **ela** e imaginam às vezes o pior: **o francês** será uma língua ameaçada, a americanização permanente que **ela** sofre vem de seu empobrecimento lexical e de sua falta de criatividade. Bem, não! **O francês** é uma língua viva que evolui e enriquece. Como todas as línguas mais importantes, **ela** empresta e cria palavras. Esta criatividade é nitidamente acentuada nos últimos vinte anos. ¹⁴ (grifos do autor)

Segundo as observações de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), podemos constatar que o objeto de discurso é categorizado por ‘francês’ e como ‘a sua língua’ (língua dos franceses). Os autores reconhecem que não há como precisar o motivo pelo qual essas categorizações foram assim colocadas no discurso, mas direcionam duas possibilidades: a primeira aposta numa tentativa de tornar o objeto de discurso mais visível. Isso é norteado pela posição das expressões que marcam as categorizações, uma vez que estão posicionadas em momentos distintos do discurso. Por esse motivo, a mudança de uma expressão por outra traz mais visibilidade para o objeto referido.

A segunda explicação engloba o entendimento dos autores de que a expressão ‘a sua língua’ foi colocada com o intuito de evitar repetição, considerando

acquisition, la société de la compagnie suisse renforce sa position dans la hiérarchie mondiale. Elle passe de la cinquième à la troisième place, derrière les entreprises américaines Cateware et Depbs. Elle double sa taille. Le montant de la transaction est tenu secret. L’opération a été rondement menée.

¹⁴ Texto original em francês: Les Français et la plupart des francophones ont une relation très forte à leur langue. Plus qu’un système de communication, elle est pour eux un patrimoine, comme toutes les grandes langues de civilisation. Ils s’alarment pour elle et imaginent parfois le pire : le français serait une langue menacée, l’anglicisation permanente qu’elle subirait viendrait de son appauvrissement lexical et de son manque de créativité. Eh bien non ! le français est une langue vivante qui évolue et s’enrichit. Comme toutes les langues bien portantes, il emprunte et crée des mots, et cette créativité s’est nettement accentuée 16 pendant les vingt dernières années.

que a estrutura inicial é marcada por ‘franceses’, com isso podendo gerar um desconforto na progressão discursiva, caso o termo ‘francês’ fosse colocado.

A segunda classificação proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) diz respeito às **2) recategorizações lexicais implícitas**. Nesta classificação, os autores focam no uso dos pronomes como marcadores de gêneros com variadas finalidades. A primeira delas é de **redução de ambiguidade gramatical**. Esta classificação reconhece que objetos de discurso do mesmo gênero podem provocar situações de ambiguidade que podem ser resolvidas alterando o gênero gramatical do pronome, fazendo com que o objeto de discurso assuma outro gênero diferente daquele iniciado no discurso, como podemos ver no exemplo analisado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 17):

12) [Depois da morte de uma recruta] “Notadamente, graças aos excelentes contatos que **ela** tinha com seus camaradas da seção, a recruta tinha declarado ao psicólogo que o quadro militar a fornecia uma ajuda moral certa” (Nota do DMF (departamento militar federal)). A recruta teve com seu comandante de companhia uma longa entrevista na ocasião da qual **ela** foi confiada. “Desde que **ela** provou uma conduta exemplar, não levantando mais problemas em nenhum ponto que seja”, constata o DMF. Os seus superiores e camaradas estavam extremamente surpresos com seu gesto que eles não conseguem de jeito nenhum se explicar. Tanto a atitude da recruta e sua expressão deixavam pressagiar que **ela** não tinha problemas importantes [...].¹⁵ (grifos do autor)

O exemplo 12 marca a primeira finalidade das recategorizações lexicais implícitas proposta pelos autores. Podemos observar que no exemplo acima há predominância do pronome do gênero masculino, ponto de observação quanto à relação do gênero gramatical e gênero “natural”, tendo apenas o termo ‘recruta’ marcado a partir do determinante *a*, com o intuito de evitar uma ambiguidade, caso fosse usado no masculino, uma vez que o discurso seria marcado apenas por pronomes do gênero masculino, podendo, dessa forma, causar confusão quanto aos aspectos que dizem respeito aos pronomes como referência aos objetos de discurso.

¹⁵ Texto original em francês: [après le décès d'une recrue] “Notamment grâce aux excellents contacts qu'il avait avec ses camarades de section, la recrue avait déclaré au psychologue que le cadre militaire lui fournissait une aide morale certaine”, note le DMF [=Département Militaire Fédéral]. La recrue avait eu avec son commandant de compagnie un long entretien à l'occasion duquel elle s'était confiée à lui. “Depuis il s'était avéré une recrue exemplaire, ne posant plus de problème sur quelque point que ce soit”, constate le DMF. Ses supérieurs et ses camarades ont été extrêmement surpris de son geste qu'ils ne s'expliquent pas du tout, tant l'attitude de la recrue et son expression laissaient présager qu'il n'avait pas de problèmes importants [...].

A mudança do gênero gramatical em detrimento do gênero natural é uma estratégia usada para evitar a ambiguidade, assim como pudemos ver no exemplo 19, em que ‘a língua francesa’ foi apresentada como ‘o francês’, sem prejuízo para a compreensão, contudo, evitando um caso ambíguo.

A segunda finalidade é de **motivação do gênero gramatical**, segundo o exemplo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 17):

13) [Depois de uma informação indicando uma hospitalização da Madre Teresa] **O prêmio Nobel da paz** deveria ir para casa **dela** neste fim de semana. ¹⁶ (grifos do autor)

O exemplo 13 traz, a partir de uma metonímia em que “O prêmio Nobel da paz” faz referência à Madre Teresa, o uso de um pronome de gênero feminino (dela), considerado como gênero natural, e foi usado em detrimento do gênero sintático (O prêmio). Ao contrário do exemplo 12, o caso 13 não objetivou evitar ambiguidade, sobretudo quis mostrar que os sujeitos tendem a usar naturalmente o gênero gramatical, analisando-o sob a interpretação semântica. Em outras palavras, os sujeitos analisam o gênero não somente pela ótica do léxico, mas considerando o gênero “natural” ao gênero gramatical.

Indicações de uma conotação particular é também outra finalidade para o uso das recategorizações lexicais implícitas, de acordo com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 18) no seguinte exemplo:

14) O guarda traz o jantar.
[Primeiro prisioneiro:] – O que é?
[Guarda:] – Consomé a modo do chef [Os homens começam a comer...]
[Segundo prisioneiro:] – **Ela** não é comestível.¹⁷ (grifo do autor)

O exemplo 14 traz inicialmente a categoria “consomé” marcada pelo guarda no gênero masculino. Já na fala do segundo prisioneiro, podemos notar que há uma recategorização implícita, sendo usada agora no feminino “ela”, fazendo referência ao substantivo feminino “sopa”, mostrando que o prisioneiro apresentou uma visão

¹⁶ Texto original em francês: [Après une information faisant état d'une hospitalisation de Mère Thérèse] Le prix Nobel de la paix devrait rentrer chez elle dès ce week-end.

¹⁷ Texto original em francês: [Le gardien apporte le repas. Premier prisonnier :] — Qu'est-ce que c'est ? [Gardien :] — Le potage du chef au vermicelle... [Les hommes commencent à manger...] [Second prisonnier :] — Elle n'est pas mangeable

pejorativa da comida, uma vez que sopa pode ser vista como uma comida não agradável, reforçada pelo prisioneiro como “não comestível”.

A terceira classificação proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) a respeito das transformações operadas ou marcadas pela anáfora são as **3) modificações da extensão do objeto**. Algumas dessas transformações por meio da anáfora mantêm parcialmente a categorização lexical.

O primeiro caso é sobre o **abandono de determinações**. São modificações discretas em que há uma designação mais abrangente do que o referente introduzido na forma de um sintagma nominal, havendo a exclusão de certas determinações desse último. O exemplo dado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 19) retrata o caso:

15) Nesse quadro, as entrevistas efetuadas durante o exame tem uma importância particular e deslocada comparado ao **seu** papel habitual.¹⁸ (grifo do autor)

Podemos observar que no exemplo 15, o pronome possessivo “seu” está fazendo referência apenas “às entrevistas” e não “às entrevistas efetuadas durante o exame”. O pronome é usado de forma abrangente, quase imperceptivelmente.

O segundo caso é marcado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 19) como **passagem a um nível metalinguístico**.

16) Eu tenho sob os olhos um artigo assinado por Claude Terreaux, que aparece em “ajuda curativa” de setembro passado e dedicado todo ao coração, a **sua** etimologia e a **suas** significações.¹⁹ (grifos do autor)

No exemplo 16, observamos que dois objetos foram designados, um após o outro, “artigo” e “Claude Terreaux”, respectivamente. Essa passagem foi feita implicitamente, não dando clareza na colocação desse segundo objeto, e a referência pronominal, “sua” e “suas”, não deixa claro essa relação, deixando para o decodificador o papel de compreender a conexão estabelecida.

¹⁸ Texto original em francês: Dans ce cadre, les entretiens effectués durant l'enquête prennent une importance particulière et déplacée par rapport à leur rôle habituel.

¹⁹ Texto original em francês: J'ai sous les yeux un article signé Claude Terreaux, paru dans “L'Aide soignante” de septembre dernier et consacré tout entier au CŒUR, à son étymologie et à ses significations.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) compreendem esse fenômeno a partir de duas teorias. A primeira direciona a explicação para a colocação do anafórico diferente daquela que foi validada na memória discursiva. Essa mistura não pode ser explicada por dedução para que o codificador e o decodificador não corram o risco de desentendimento. A segunda compreende que as representações foram manipuladas pelos sujeitos, permitindo, dessa forma, uma fusão cognitiva, permitida pela aproximação dentro da designação. Os falantes escolhem as expressões que parecem trazer certa estabilidade. Considerando essa segunda linha teórica, os objetos de discurso são escolhidos pelos sujeitos e apresentados de uma maneira “confortável” no discurso.

As recategorizações lexicais implícitas, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 20), também podem ser observadas pela **metonimização**. Neste caso, os pronomes anafóricos podem marcar, concomitantemente, dois sujeitos do mesmo gênero.

17) Pierre Grosz [= um autor de letras de música] explica suas relações com aqueles que o cantam.²⁰ (grifo do autor)

No exemplo 17, a expressão “aqueles que o cantam” faz referência às músicas de Pierre Grosz. As pessoas cantam as suas músicas.

As fragmentações de um objeto de discurso também são formas como as recategorizações lexicais implícitas podem ser vistas. Nesse ponto, de acordo com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 20), o foco é a distinção entre os movimentos discursivos que operam sobre o estado lógico e dos movimentos que operam sobre a categorização lexical.

18) [...] Eu lhe propus um dia sair deste convento, dizendo-lhe que ela podia contar com a proteção da rainha da Suécia e que a Sua Majestade me fez ter esperanças que ela a receberia em seu palácio. Ela provou **esta proposta** e antes de aceitar **essa proposta**, eu estava nesse momento, pedindo ordem para a execução **dessa ideia**.²¹ (grifos do autor)

²⁰ Texto original em francês: Pierre Grosz [= un auteur de textes de chansons] explique ses relations avec ceux qui le chantent.

²¹ Texto original em francês: [...] je lui proposai un jour de sortir de ce couvent, lui disant qu'elle pouvait compter sur la protection de la Reine de Suède, et que Sa Majesté m'avait fait espérer qu'elle la recevrait dans son palais. Elle goûta cette proposition, et ayant accepté ce parti, je fus, dès le moment, donner ordre pour l'exécution de ce dessein.

Segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), no exemplo 18, podemos identificar vários objetos relacionados ao processo: o próprio processo, as mudanças ocorridas no processo, por exemplo. Partindo disso, podemos detectar que os anafóricos remetem, cada um, a um objeto específico, partindo dessa fragmentação.

De acordo com análise dos autores, “esta proposta” remete ao próprio processo formulado; “essa proposta” remete à decisão que será tomada, caso a proposta seja aceita; e “essa ideia” remete ao projeto que será executado depois de a decisão ser tomada.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) asseguram que a fragmentação dos objetos de discurso é possível, também, quando o objeto não é um processo, como no exemplo 18.

Considerando a visão da fragmentação dos objetos de discurso, os autores (p. 22) sinalizam a **fusão dos objetos de discurso**. A fusão consiste no processo inverso ao caso anterior. Dois objetos de discurso podem ser fundidos numa mesma expressão referencial.

19) Uma noite ele [o sobrinho] se reúne em Genebra com uma cabeleireira que virou prostituta. O sobrinho a persuadiu para parar suas atividades de estupro e de lucro. O **casal** se casou, mas o cafetão da bela noite não larga facilmente sua antiga “presa” (...). ²² (grifo do autor)

No exemplo 19, podemos identificar “o sobrinho” e “uma cabeleireira” como objetos de discurso, e “casal” como a expressão referencial que remete aos dois objetos, passando a referência de um objeto definido para a referência a uma classe de objetos, o que os autores chamam de referência genérica.

A segunda situação em que a expressão referencial é anafórica diz respeito ao **anafórico não levando em conta os atributos do predicado do objeto**. Observando o exemplo dado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 22), compreendemos o caso:

20) A ostra, da grossura de um seixo médio é de uma aparência rugosa, de uma cor não sólida, brilhantemente esbranquiçada. É um mundo obstinadamente fechado. Portanto, para ser aberta: é preciso **a** segurar no

²² Texto original em francês: Une nuit il [le neveu] fait la connaissance à Genève d'une coiffeuse devenue prostituée. Le neveu la persuade d'arrêter ses activités de stupre et de lucre. Le couple se marie mais le souteneur français de la belle de nuit ne lâche pas facilement son ancienne “proie” (...)

buraco de um pano de prato, pegar uma faca e lascá-la e faça isso diversas vezes.²³ (grifo do autor)

No exemplo 20, observamos “a ostra” como objeto de discurso, que foi recategorizado como “um mundo obstinamente fechado”. O objeto “ostra”, substantivo feminino, teve a sua recategorização marcada por um substantivo masculino, “mundo”. Em seguida, o anafórico “a” retoma a forma no feminino, ignorando a recategorização. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) explicam que isso se deu pela ideia do microcontexto em que a anáfora leva em consideração o objeto como sendo atuante, além do seu aspecto concreto marcado por “segurar no buraco de um pano de prato”.

E a terceira situação em que a expressão referencial é anafórica, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 22), é marcada pela **homologação dos atributos explicitamente predicados**. Segundo os autores, a homologação dos discursos adquiridos é uma das funções essenciais da recategorização.

21) Um jovem homem suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi preso há alguns dias pela polícia em Paris. Ele tinha “utilizado” a linha de seus vizinhos para ligar pra os Estados Unidos por uma quantia média de 50000 francos. **O tagarela** foi encaminhado para a promotoria.²⁴ (grifos do autor)

Observamos que, no exemplo 21, o objeto de discurso “um jovem homem” foi recategorizado como “o tagarela”. A homologação discursiva do jovem como tagarela, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), marca a intenção do locutor de destacar o motivo pelo qual o jovem foi preso e confirma, por meio de uma expressão referencial, os atributos mais recentes, trazendo um destaque para anáfora, proporcionando uma autonomia semântica para a frase na qual ela se encontra.

O que os autores mostram nesse exemplo é a simultaneidade na apresentação de um referente e de uma recategorização explicitada pelo próprio

²³ Texto original em francês: L’huître, de la grosseur d’un galet moyen, est d’une apparence plus rugueuse, d’une couleur moins unie, brillamment blanchâtre. C’est un monde opiniâtement clos. Pourtant on peut l’ouvrir : il faut alors la tenir au creux d’un torchon, se servir d’un couteau ébréché et peu franc, s’y reprendre à plusieurs fois.

²⁴ Texto original em francês: Un jeune homme soupçonné d’avoir détourné une ligne téléphonique a été interpellé il y a quelques jours par la police à Paris. Il avait “utilisé” la ligne de ses voisins à destination des Etats-Unis pour un montant d’environ 50000F. Le bavard a été déféré devant le parquet.

referente acerca de uma expressão anterior, “um jovem”, e que ao ser remodulado traz uma nova informação sobre ele.

Esse exemplo confirma como eles conceberam o fenômeno naquele primeiro momento, ou seja, o termo anafórico não estabelece uma relação meramente referencial. O que acontece no caso da recategorização é a expressão lexical tanto modificar quanto apontar para um objeto do discurso que já foi mencionado. Esse é o fundamento dessa estratégia de referenciação.

Percebemos, então, que os autores elegeram os processos anafóricos lexicais centrados numa perspectiva textual-discursiva, pois o objetivo era mostrar como ocorre essa transformação e essa retomada no texto verbal, marcadamente explicitados na porção textual, mas sem desconsiderar que existem fatores cognitivos envolvidos nesses processos, mesmo sem aprofundá-los.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) fecham esta discussão, mostrando que a transformação sofrida pelos referentes no discurso, fenômeno da recategorização, pode ser analisada sob duas perspectivas distintas. A primeira delas foca nos recursos utilizados pelos sujeitos para mostrar a evolução dos referentes nos discursos. São mecanismos linguísticos, pragmáticos e cognitivos utilizados nesse processo, chamado de “evolução da referência”. A segunda tem como objeto a investigação do problema do emprego das expressões referenciais, bem como as transformações sofridas pelos referentes dessas expressões, chamados de “referentes evolutivos”. É o caso da recategorização e da proposta deste trabalho.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 24) destacam que a categorização dos referentes “depende tanto quanto mais, do ponto de vista de um enunciador, de maneira geral, do contexto de interação e da situação extralinguística, uma apreensão estreitamente cognitiva do estado da realidade”.²⁵ E que a categorização pode ter como objetivo um propósito no próprio ato referencial.

Em outras palavras, esse processo não consiste apenas em um registro da realidade, sobretudo mostra muitas operações e estratégias que são envolvidas no ato, não somente mostrando informações do discurso, mas como ele é construído. A categorização não acontece aleatoriamente, mas a partir de ações ordenadas para uma determinada finalidade, sob influência do contexto.

²⁵ Texto original em francês: dépendent autant, voire davantage, du point de vue d'un énonciateur et, de manière générale, du contexte d'interaction et de la situation extra-linguistique, que d'une appréhension étroitement cognitive de l'état de la réalité.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) ratificam que o objetivo da pesquisa desenvolvida por eles foi mostrar que a referência diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos no momento do discurso. O discurso construído e possíveis transformações que os referentes venham sofrer “mundanamente” não implica, necessariamente, recategorização lexical.

O enunciador pode ou não aprovar as escolhas lexicais ou mudanças predicativas. Também pode apresentar uma nova categorização, independente das transformações sofridas pelo referente. As escolhas devem ser analisadas no próprio discurso, já que os referentes são construídos culturalmente e se fazem presentes em outros discursos.

Os autores destacam a dúvida quanto à estabilização dos referentes no discurso, ou a impressão dessa estabilização, considerando o processo de construção desses. Os objetos de discurso passíveis de mudanças dão margens à compreensão de que essas construções se dão a partir de uso de mecanismos cognitivos nesse processo, levando em consideração que, mesmo os objetos sofrendo modificações ao longo do discurso, podem ser resgatados pela sua estabilidade. Destacam também a importância do papel do decodificador nas mudanças sofridas por esses referentes.

O artigo clássico de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) serviu de base para todos os estudos posteriores que resolveram tratar do fenômeno da recategorização. Questionamentos e lacunas foram deixados para que novas pesquisas surgissem e pudessem contemplar aspectos que, minimamente, foram explorados pelos autores. A partir dessas discussões, surgem os trabalhos de Lima (2003; 2009), Custódio Filho (2011), Lima e Cavalcante (2015) e Lima (2017), que trouxeram importantes contribuições acerca da construção do sentido dos textos com base na recategorização e nos aspectos cognitivos envolvidos tanto no texto verbal, quanto no texto multimodal, como os respectivos trabalhos mostraram em suas análises.

Dentre as várias pesquisas acerca do fenômeno, selecionamos as descritas por marcarem a evolução das perspectivas da recategorização, a observar a visão cognitiva, ampliando a primeira abordagem, e por considerarem os textos multimodais. O caminho que será percorrido nos direcionará para a abordagem que contemplará o nosso objeto de estudo nas análises que serão propostas, não desmerecendo as outras pesquisas que assumem algum posicionamento sobre essa estratégia de progressão textual.

Veremos, no tópico seguinte, quais as contribuições trazidas sobre o fenômeno sob a perspectiva da sociocognição.

1.3 A perspectiva sociocognitiva do fenômeno da recategorização

Partindo da base da teoria a respeito da recategorização, sob a perspectiva abordada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), é importante que tenhamos um olhar mais atento para a compreensão dessa teoria a partir de outras visões, uma vez que essa evolução trará importantes contribuições para o entendimento do fenômeno em análises diferentes das que foram abordadas na discussão pioneira. As pesquisas posteriores são imprescindíveis para que tenhamos fundamentos que nos ajudem a compreender os desdobramentos da recategorização, a considerar, portanto, os aspectos cognitivos que o envolvem. Seleccionamos as abordagens propostas por Lima (2003), que fazem parte das nossas categorias de análise.

Lima (2003) apesar de não direcionar o seu trabalho por uma vertente que trate somente do fenômeno da recategorização, pois constrói, a partir do seu *corpus*, uma interface com a Linguística Cognitiva, tornou-se um marco na forma de analisá-lo, assumindo a necessidade de se considerar o caráter cognitivo para a construção de sentidos, como mostraremos.

Além disso, Lima (2003) se propõe a investigar, a partir de um *corpus* de piadas, a construção do humor, restringindo a sua análise para a recategorização metafórica como estratégia para engatilhar o humor nas piadas. Outros trabalhos observam a piada sob a ótica ou dos aspectos linguísticos ou dos aspectos cognitivos. A perspectiva de trabalho de Lima (2003) envolve a piada sob um viés linguístico-cognitivo, destacando a importância desses dois componentes na construção de sentidos da piada.

O objetivo do seu trabalho é mostrar como as recategorizações metafóricas são responsáveis pelo cômico nas piadas e de que forma o sentido do humor é construído e como as inferências são recuperadas para a construção da comicidade.

Com base nos estudos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que exploraram o fenômeno da recategorização apenas na perspectiva lexical, Lima (2003) apresenta uma nova visão no trato do fenômeno, trazendo a percepção sociocognitiva, não desenvolvida pelos autores, mesmo assumindo a sua existência.

Lima (2003) apresenta uma proposta de análise para justificar como o fenômeno da recategorização assume características bem mais abrangentes em relação à construção de sentidos, esclarecendo que o processo não acontece necessariamente com a homologação do referente numa porção textual.

A autora adota a concepção de língua como atividade, como lugar de interação, assumida por Koch (2012), a considerar a linguagem como “ação intersubjetiva”, levando em consideração um sujeito ativo no processo de construção das representações. Com isso, a autora também questiona a visão clássica a respeito da língua, assim como Mondada e Dubois (1995). Lima (2003) adota essa visão acerca da construção dos referentes, concordando com Koch (2002), que os sujeitos são atores sociais que constroem os objetos de discurso à medida que o discurso, também, está sendo construído.

Partindo desse embasamento teórico sobre a construção dos referentes no discurso, Lima (2003) discorre, de acordo com o aporte teórico defendido por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), sobre as (re)categorizações no processo de referenciação, ao considerar que a língua não pode ser considerada como um conjunto de etiquetas prontas para representar a realidade do mundo, mas que os referentes são construídos ao longo do discurso, a partir de expressões que se ajustam aos propósitos comunicativos, como já discurremos na primeira parte deste trabalho.

Ao observar a classificação proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) sobre as recategorizações lexicais a partir das manifestações das expressões anafóricas no discurso, Lima (2003) destaca que os autores consideram as expressões anafóricas não apenas no nível da correferencialidade, como na visão clássica da referência, contudo observa-as como instrumento de remodulação do referente, considerando, portanto, que podem ser recategorizadas.

Lima (2003) aponta que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) não apresentaram critérios suficientes para as classificações a respeito da recategorização e, com isso, restringiram o alcance das possibilidades acerca do fenômeno. A autora direciona a discussão para as recategorizações metafóricas, apresentando uma proposta de classificação.

A classificação proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) aborda a metáfora dentro dos casos que focam na 1.1.1) *argumentação* que, por sua vez, entram nas situações das 1.1) recategorizações lexicais explícitas. Lima (2003)

aponta que as recategorizações podem ser realizadas por uma metáfora. Entretanto, podem ser realizadas também implicitamente, situação não contemplada pelos autores. Lima (2003) destaca que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) reconhecem a implicitude na realização do fenômeno, porém só o trazem nos casos de silepse.

O questionamento de Lima (2003) se volta exatamente para a generalização dos autores quanto aos casos da realização do fenômeno da recategorização licenciados por uma metáfora. A autora aponta que, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), as recategorizações metafóricas se realizam apenas no nível linguístico-cognitivo. Lima (2003) observou, nas análises dos autores, que as recategorizações metafóricas também podem se realizar apenas no nível cognitivo, manifestadas lexicalmente, ponto que se encaixa perfeitamente no caso da classificação das 1.1) Recategorizações lexicais explícitas, focando na 1.1.1) *argumentação*, e que também podem ser realizadas apenas no nível cognitivo, mas sem manifestação lexical.

Para preencher a lacuna deixada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) sobre a ocorrência do fenômeno da recategorização, levando em consideração apenas o nível cognitivo, Lima (2003) lança mão da redefinição do conceito de recategorização, a partir de Koch e Marcuschi (2002, p. 46), em que consideram que “a recategorização acha-se fundada num tipo de remissão a um aspecto do contexto antecedente que pode ser tanto em nível lexical como uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação.”

A autora parte desse posicionamento, ao considerar a abertura dada por Koch e Marcuschi (2002), ao compreenderem que a recategorização pode ocorrer não necessariamente levando em consideração uma manifestação lexical, além de considerarem que o fenômeno da recategorização assume como principal característica o aspecto da *não cossignificatividade*, como também não envolve a *correferencialidade*.

Além desses aspectos, para propor uma classificação acerca da recategorização metafórica, Lima (2003) parte da proposta classificatória das expressões referenciais de Cavalcante (2003). Nessa proposta acerca das expressões referenciais, Cavalcante (2003) divide as anáforas em *anáforas com retomada* (total e parcial) e *anáforas sem retomada*.

No primeiro grupo, estão as *anáforas correferenciais recategorizadoras*. Elas se encaixam nas recategorizações metafóricas manifestadas lexicalmente, de

acordo com a proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). No segundo grupo, estão as *anáforas indiretas*. Cavalcante (2003) apresenta três propostas classificatórias para as anáforas indiretas. O nosso foco se voltará para a segunda classificação, *anáfora indireta com recategorização lexical implícita*, uma vez que parte desse segundo ponto as considerações de Lima (2003). Cavalcante (2003, p. 114) dá o seguinte exemplo para direcionar sua proposta:

22) A equipe médica continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo eles, o paciente não corre risco de vida.

No exemplo 22, a expressão “a equipe médica” foi retomada indiretamente pelo pronome “eles”. Isso se justifica, segundo Cavalcante (2013), pelo processo de pronominalização de “os médicos” em “eles”. A autora destaca que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) nomeia a silepse acima como um caso de *recategorização lexical implícita*.

Lima (2003) ratifica, a partir do exemplo 22, que a recategorização lexical implícita se deu sem a existência de uma expressão lexical anterior, reforçando, desse modo, que a recategorização lexical foi apenas cognitiva, chamada pela autora de *(re)categorizações lexicais não manifestadas lexicalmente*. Lima (2003) ressalta ainda que Cavalcante (2003) não atribuiu esse conceito ao exemplo dado, justificando a recategorização pelos elementos correferenciais e aos aspectos lexicais, necessitando, portanto, de um critério relacionado aos aspectos cognitivos para justificar sua proposta.

Partindo dessas considerações, Lima (2003) apresenta como proposta acerca das recategorizações metafóricas duas classificações: 1) *recategorizações metafóricas manifestadas lexicalmente*; 2) *recategorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente*. Segunda a autora, a primeira classificação se encaixa nas propostas de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Cavalcante (2003). E a segunda exige critério relacionado ao aspecto cognitivo para classificá-la em *categorizadoras* ou *recategorizadoras*.

A partir do posicionamento de Lakoff e Johnson (1980, p. 124 *apud* Lima, 2003, p. 64) que afirma que “as definições metafóricas permitem-nos lidar com os seres e as experiências que já categorizamos ou elas podem nos levar a uma recategorização”, Lima (2003) compreende que os autores estejam abordando a

recategorização pelo viés cognitivo e infere que toda recategorização metafórica é cognitiva, embasando a sua proposta de classificação a respeito das *(re)categorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente*.

Reiterando que a classificação proposta por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Cavalcante (2003) não contempla, na sua totalidade, a proposta de classificação de Lima (2003), a autora sublinha que a classificação dos autores referidos traz elementos que contribuirão para a sua proposta e destaca que o aspecto cognitivo é o responsável por diferenciar a sua classificação das outras já propostas.

No direcionamento da proposta de classificação de Lima (2003), damos destaque para alguns exemplos analisados pela autora, a partir do gênero piada. A concepção de Lima (2003), reforçamos, é baseada na visão de um sujeito construído sociocognitivamente, levando em consideração, assim, todo o contexto sociocultural no qual os interlocutores estão inseridos, fator essencial para a construção dos sentidos.

A partir disso, e levando em consideração a hipótese de que a recategorização, juntamente com outros fenômenos linguísticos, funciona como estratégia de construção do humor, a autora apresenta duas classificações sobre o fenômeno, como já discorremos. A primeira diz respeito às *recategorizações metafóricas manifestadas lexicalmente*. Vejamos o exemplo dado por Lima (2003, p. 111):

23) O cara chega pro amigo e fala:
 - Minha sogra morreu e agora fiquei em dúvida, não sei se vou trabalhar ou se vou pro enterro dela... O que é que você acha?
 E o amigo:
 - Primeiro o trabalho, depois a diversão!
 (PIADAS SELECIONADAS, 2003, p. 25)

No exemplo 23, observando primeiramente a visão de *sogra* construída socialmente como *persona non grata*, é possível compreender o papel assumido pelo referente *sogra* no (con)texto da piada. Podemos observar que o referente *sogra*, por meio de um item lexical, aparece recategorizado metaforicamente como “diversão”. Lima (2003) acrescenta o fato de essa manifestação explícita lexicalmente promover uma facilidade na compreensão da construção do sentido da piada.

A segunda classificação, *recategorizações metafóricas não manifestadas lexicalmente*, considera que o referente é recategorizado apenas cognitivamente, isto é, não traz a sua homologação por meio de um item lexical. Lima (2003) apresenta, a partir dessa segunda classificação, outras possibilidades de manifestação do fenômeno, mas não iremos aqui detalhá-las. O nosso objetivo é destacar apenas a sua contribuição acerca da perspectiva cognitiva do fenômeno da recategorização.

Vejamos o exemplo dado por Lima (2003, p. 114):

24) Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo... A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma joia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... O marido só de butuca! Um dia, ele a encosta na parede:
 - Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!
 - Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito! Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:
 - Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...
 Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:
 - O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!
 - Lava só o cartão de crédito!...
 (SARRUMOR, 1999, p. 93)

No exemplo 24, podemos reconhecer, inicialmente, que a expressão lexical “cartão de crédito” assume um valor semântico de dispositivo bancário. Posteriormente, a expressão assume outro significado, levando em consideração que o órgão sexual feminino é recategorizado como cartão de crédito, mas não podemos identificar o fenômeno a partir de um item lexical somente, como aconteceu no exemplo anterior.

No entanto, a recategorização do referente se dá apenas no aspecto cognitivo, a partir de inferências que são construídas ao longo do texto. É importante observar que o referente sempre é o mesmo ao longo do texto, mas no final é apresentado com outro sentido, dessa vez, construído cognitivamente, a partir de pistas textuais, processo destaque do gênero, como salienta Lima (2003), confirmando o refinamento da proposta.

Para a compreensão do fenômeno, Lima (2003) destaca que as categorias, a partir da sua natureza instável, são usadas de acordo com a(s) intenção(ões) dos interlocutores, e que as metáforas não podem ser concebidas apenas sob a visão de

figura de linguagem, sobretudo observando os seus aspectos conceituais usados no dia a dia, como foi comprovado nos exemplos já mencionados.

Tais exemplos confirmam a hipótese de Lima (2003) de que o fenômeno da recategorização não pode ser concebido apenas na porção textual, homologado no texto, mas que devem ser considerados os aspectos sociais, cognitivos e culturais, para que a construção dos sentidos se dê de maneira satisfatória. É a partir dessas reflexões que as metáforas analisadas nas piadas conseguem, através dessas ativações, promover a comicidade.

Lima (2003) destaca que as propostas sobre a metáfora não são exaustivas. Salienta também que a proposta classificatória apresentada a respeito das recategorizações metafóricas pode ser estendida para outros gêneros, não apenas para a piada, observando claramente que outras perspectivas podem ser encontradas, a depender da estrutura do gênero no qual o fenômeno será analisado. Essa possibilidade pontuada por Lima (2003) pode ser contemplada pelo gênero meme, por exemplo, como veremos mais adiante.

Corroborando com a visão de Lima (2003), Lima (2009) apresenta um novo ponto de vista acerca do fenômeno da recategorização, estendendo sua análise para a relação entre a metáfora e a metonímia na realização de um tipo de recategorização, também levando em consideração aspectos cognitivos em torno do fenômeno.

Lima (2009) propõe um estudo do fenômeno que, a partir do seu entendimento, pode-se relevar ou não em expressões referenciais, avançando, portanto, a visão de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que consideraram apenas as recategorizações lexicais, como já discutimos. Para isso, a autora investiga casos de recategorizações licenciadas por metáforas e metonímias, propondo uma interface entre a Linguística Textual e Linguística Cognitiva, assumindo uma perspectiva cognitivo-referencial.

Lima (2009) trabalha com duas hipóteses: a existência de um tipo de recategorização por interação metáfora-metonímia; e a segunda, a abordagem das recategorizações licenciadas por metáforas e metonímias na perspectiva de um *continuum*.

A considerar a ampliação do conceito de recategorização defendido por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que reconheciam o fenômeno apenas numa restrição das remissões a itens lexicais, Lima (2009) afirma que a recategorização

não envolve necessariamente o aspecto correferencial. Lima (2009) também reconhece que a ampliação do conceito de recategorização só foi possível, como ocorreu nos casos das anáforas indiretas em Lima (2003), pela ocorrência de elementos cognitivos que fazem parte do processo.

Lima (2009) observa as considerações de Cavalcante (2005)²⁶, quando esta reconhece que a partir da instabilidade gerada pela dinamicidade da construção dos objetos de discurso é que as introduções referenciais e as anáforas são construídas, no sentido amplo, afirmando que tanto as introduções referenciais quanto as anáforas podem ser dêiticas ou não, dependendo de como a dêixis é construída. O exemplo abaixo é citado por Cavalcante (2012, p. 129) para direcionar o posicionamento ora assumido:

25) A rosa de Hiroxima

Pensem *nas crianças*
 Mudam telepática
 Pensem *nas meninas*
 Cegas *inexatas*
 Pensem *nas mulheres*
 Rotas *alteradas*
 Pensem *nas feridas*
 Como *rosas cálidas*.
 Mas oh não se esqueçam
 Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroxima
 A rosa hereditária
 A rosa radioativa
 Estúpida inválida
 A rosa com cirrose
 A anti-rosa atômica
 Sem cor sem perfume
 Sem rosa sem nada
 (Vinícius de Moraes)

No exemplo 25, Lima (2009) destaca que o título, que faz relação com o bombardeamento atômico dos Estados Unidos contra o Japão, foi recategorizado e permite que os referentes sejam ativos (ou reativados?): “crianças mudas telepáticas”, “meninas cegas inexatas”, “mulheres rotas alteradas” e “feridas como rosas cálidas”.

Cavalcante (2005) pontua que as anáforas indiretas poderiam ser estabelecidas sem a particularização das metáforas que as acompanham: “crianças mudas” e “meninas cegas e feridas”; salientando que o autor utilizou-se de

²⁶ Nesta pesquisa, tomamos como base a edição de Cavalcante (2012).

mecanismos literários para causar surpresa, trazendo os referentes recategorizados metaforicamente. Outro ponto também destacado pela autora é o fato de a introdução referencial já aparecer recategorizada, considerando que o referente não pode ser localizado em nenhuma parte do contexto, e que é o nosso conhecimento de mundo é que nos permite recuperá-lo e compreender a sua função no processamento do texto.

Nessa direção, Cavalcante (2005) levanta alguns questionamentos: o primeiro deles se volta para a ideia aceita pela literatura de que, para que um referente seja recategorizado, é preciso que ele já tenha aparecido no cotexto para, só depois, ser modificado, considerando que só as anáforas poderiam assim funcionar. Em outras palavras, a recategorização só poderia acontecer a partir de uma categorização apresentada no cotexto.

O segundo questionamento de Cavalcante (2005) se aplica no posicionamento de que a recategorização não é de exclusividade da anáfora, uma vez que pode aparecer nas introduções referenciais, sendo realizadas por meio de um processo cognitivo-referencial, isto é, as recategorizações não se realizam considerando apenas as anáforas correferenciais, como podemos observar no exemplo 25.

Diante do posicionamento de Cavalcante (2005), Lima (2009) aponta que o exemplo 25, a respeito da possibilidade de as recategorizações serem realizadas em introduções referenciais, é o ponto que guiará o raciocínio que defenderá no seu posicionamento. Entretanto, Lima (2009) salienta que Cavalcante (2005) não atentou que a recategorização não necessariamente se dá na linearidade do texto, mas de forma circular, levando em consideração que a recategorização vai sendo construída à medida que se tem contato com algumas marcas no texto que engatilham a realização do fenômeno, voltando, portanto, para o título, ou seja, o fenômeno se realiza de forma circular. Como afirma Lima (2009, p. 46), “é preciso passar pelos vários elementos em que ela se ancora para, num movimento inverso, chegar-se à (re)construção do processo”.

Destaca também Lima (2009) que o posicionamento de Cavalcante (2005) é relevante quando esta afirma que, como sintetiza Lima (2009, p. 46):

- (i) o falseamento da suposição corrente na literatura de que a recategorização de um referente só pode ser feita mediante a sua introdução no discurso e, conseqüentemente, do pressuposto de que

apenas as anáforas podem ser recategorizadas; (ii) a não sustentação do argumento de que a recategorização só se aplica às anáforas correferenciais.

Tal esclarecimento ratifica a visão de Lima (2009) a respeito do fenômeno de recategorização, uma vez que este, segundo a autora, ultrapassa os limites do texto, podendo ter o seu grau de explicitude ativado por mecanismos cognitivos, e não necessariamente ser homologado por uma expressão lexical.

A partir da perspectiva assumida por Cavalcante (2005) sobre o fenômeno da recategorização, Lima (2009) encontra abertura para uma discussão acerca do fenômeno, levando em consideração o aspecto cognitivo que o cerca.

Para consolidar a sua proposta acerca do fenômeno da recategorização, de modo a ampliá-lo, como um processo de natureza cognitivo-referencial, Lima (2009, p. 57) considera os seguintes desdobramentos para esse pressuposto:

- i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais;
- ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas;
- iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais.

Estabelecendo o foco da sua proposta, Lima (2009) aborda a Metáfora e Metonímia como dois fenômenos exemplares no processo de recategorização, ampliando, desse modo, a percepção acerca do fenômeno, abordando questões, agora, de natureza cognitiva. Salientamos que a autora considera que a recategorização, enquanto estratégia de designação, está a serviço dos propósitos comunicativos, elementos ancorados na Linguística Textual.

Mesmo considerando a recategorização como um fenômeno de natureza textual-discursiva, Lima (2009) destaca que o fenômeno se amplia à medida que levamos em consideração aspectos de natureza cognitiva, como constatamos em Lima (2003). Nessa direção, Lima (2009) considera a metáfora e a metonímia nesse viés de ampliação, a observar que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) já marcaram a metáfora nas recategorizações lexicais explícitas.

Quanto à metonímia, Lima (2009) afirma que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) não apresentaram nenhuma sistematização mais precisa sobre os casos de

recategorizações motivadas pela metonímia, apenas colocaram que os pronomes metafóricos operam um deslize metonímico. Partindo desse ponto não desenvolvido por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Lima (2009) afirma que as recategorizações metonímicas podem ocorrer no mesmo nível das recategorizações metafóricas. Vejamos o exemplo apresentado por Lima (2009, p. 58):

26) O Manuel vai ao cinema, à tarde. Entra e não enxerga um palmo naquele escuro. Fica parado, de pé, esperando acostumar a vista. O lanterninha vem ajudá-lo. O Manuel vê aquela luz se aproximando, se aproximando... e pimba! Pula com tudo no colo de um caszinho que comia pipocas. Maior fuzuê, voa pipoca, todo mundo reclama aos berros.
– Me desculpe, mas é que se eu não saio da frente, aquela moto iria me atropelare!
(ALMANAQUE DE PIADAS, 2002, p. 65).

De acordo com a análise de Lima (2009) do exemplo 26, a autora destaca que a expressão “aquela luz se aproximando” foi recategorizada por “moto” por meio da metonímia “lanterninha” (parte pelo todo). Como sublinha a autora, foi esse jogo metonímico responsável pela constituição do humor.

Com base nisso, Lima (2009) faz dois levantamentos: 1) a recategorização não se realiza apenas por meio de uma manifestação lexical, podendo acontecer, portanto, apenas no nível cognitivo, como explanamos no exemplo 25 desta pesquisa, retomando o posicionamento de Lima (2003). Essa situação é caracterizada por processos que envolvem a inferência, ativando elementos cognitivos na interpretação daquilo que está licenciado no contexto, além dos aspectos culturais do sujeito que interpreta, que também são relevantes nesse processo, como pontua a autora; 2) a possibilidade da relação entre a metáfora e a metonímia como elementos responsáveis pela manifestação do fenômeno da recategorização, observando critérios defendidos pela Linguística Cognitiva.

Em Lima (2003), a autora já sinaliza a possibilidade de haver recategorização a partir da metáfora e da metonímia, entretanto, a autora analisa o caso, considerando os dois fenômenos separadamente. Vejamos o exemplo dado por Lima (2003, p 130):

27) A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:
- Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!
Ele fecha rapidamente a braguilha e diz, com a voz cheia de malícia:
- Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?
- Não senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos!
(SARRUMOR, 2000, p. 187).

O exemplo 27, dado por Lima (2003), é inserido em um dos casos analisados pela autora como uma ocorrência de outros casos *(re)categorizações metafóricas*, especificamente, um caso de *anafóra indireta categorizadora por metonímia, com categorização lexical explícita*. Lima (2003, p. 129) faz a seguinte análise quanto aos processos que são identificados no exemplo:

- 1º AI categorizadora por metonímia, com categorização lexical explícita, numa relação de parte-todo (zíper-braguilha);
- 2º AD correferencial, recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical explícita (braguilha como porta de garagem);
- 3º AI categorizadora por metonímia, com recategorização lexical explícita, numa relação de marca-produto (Ferrari-carro), seguido de AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita por repetição (Ferrari como pênis);
- 4º AI categorizadora por metonímia, com recategorização lexical explícita, numa relação de marca-produto (fusquinha-carro), seguido de AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita, por repetição (fusquinha como pênis);
- 5º AI categorizadora por metonímia, com categorização lexical explícita, numa relação de parte-todo (pneus-carro), seguido de AI recategorizadora por metáfora, com recategorização lexical implícita, por repetição (pneus como testículos).

Lima (2003) pontua a presença tanto da metáfora quanto da metonímia no processo de recategorização no exemplo acima: “Ferrari” e “fusquinha desbotado” como “genitália masculina” e “pneus dianteiros totalmente murchos” como “testículos”. Entretanto, Lima (2009), diante da sua proposta, assume que a classificação *anafóra indireta recategorizadora pela interação metáfora-metonímia* objetivaria a classificação, sem causar prejuízo na descrição do caso.

O exemplo 27, de acordo com a autora, caracteriza um caso em que as recategorizações marcadas no texto só foram possíveis pela ativação de mecanismos cognitivos ativados por elementos do próprio texto. Juntamente com os aspectos cognitivos, Lima (2009) sublinha que os aspectos culturais também são imprescindíveis na construção de sentidos assumidos no texto, ao considerar o aspecto “virilidade masculina” para que as recategorizações sejam ativadas.

No texto, podemos destacar a relação de “zíper aberto” com “porta da garagem” como, também, elementos importantes para ativação dos sentidos esperados, como destaca a autora.

Diante do caso apresentado, e de outros que a autora descreve na sua pesquisa, mas que não iremos aqui detalhá-los, Lima (2009) reforça a necessidade de um aporte teórico para sustentar o posicionamento de que a cognição, numa abordagem cognitivo-referencial, também faz parte dos processos relacionados ao

fenômeno da recategorização, especificamente falando, da relação entre a metáfora e metonímia nesse processo. Ao considerar esse posicionamento, Lima (2009, p. 63) direciona a sua perspectiva para a seguinte tese: *“a de que a metáfora e a metonímia podem interagir na instanciação de expressões linguísticas recategorizadoras”*.

A autora descreve bem as teorias relacionadas à Linguística Cognitiva, entretanto, não iremos aqui explicitá-las, uma vez que o foco na nossa pesquisa, neste capítulo, está em mostrar como o fenômeno da recategorização evoluiu, desde a sua primeira perspectiva com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

Diante dos casos analisados pela autora, e como mostramos aqui um exemplar por meio da descrição do exemplo 27, Lima (2009) faz as seguintes considerações diante das suas hipóteses:

1) **No que diz respeito à necessidade entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva para explicar o redimensionamento do fenômeno da recategorização:** Lima (2009) ratifica a necessidade de lançar mão do aporte teórico da Linguística Cognitiva para explicar as situações em que o fenômeno se deu apenas no nível cognitivo, sinalizadas por pistas linguísticas, por meio de inferenciação, sem a sua homologação por meio de uma expressão lexical, como na primeira perspectiva do fenômeno, defendida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

2) **Sobre a interação entre a metáfora e a metonímia no licenciamento de expressões linguísticas recategorizadoras:** a autora constatou que a interação entre os dois fenômenos (metáfora e metonímia) necessita de uma ancoragem nos MCI (Modelos Cognitivos Idealizados), um dos aspectos desenvolvidos pela autora no que concerne às teorias da Linguística Cognitiva. Ressalta a autora, que a complexidade dessa relação só pode ser explicada diante da interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva.

3) **Sobre o postulado referente à construção das recategorizações licenciadas por metáforas e metonímias na perspectiva de um *continuum*:** Lima (2009) levanta a hipótese de que a relação entre a metáfora e a metonímia deve ser vista na perspectiva de um *continuum*. Afirmando que os processos estruturam três classificações, recategorização metafórica, recategorização metonímica e recategorização por interação metáfora-metonímia, a autora define que essas classificações devem ser vistas da seguinte maneira nesse *continuum*: nos

extremos, a recategorização metafórica e a recategorização metonímica, e numa posição intermediária, a recategorização por interação metáfora-metonímia.

Com isso, Lima (2009) reconhece a importância das contribuições da interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, no sentido de levantar questões que envolvem o processo cognitivo-referencial, ressaltando, contudo, a compreensão acerca do fenômeno da recategorização.

Tais pesquisas ampliam as possibilidades de considerar o fenômeno da recategorização em variados textos. A partir dessas considerações, compreendemos que essas teorias nos permitem enxergar como a recategorização é marcada em gêneros digitais, como o meme, que exigem a presença do aspecto cognitivo para a efetivação do fenômeno, uma vez que nem sempre há a homologação da recategorização por meio de expressões referenciais nesse gênero.

Outros estudos, como a visão do fenômeno da recategorização em textos multimodais, por Custódio Filho (2011), abordados também por Cavalcante e Lima (2015) e Lima (2017), também contribuem para novas perspectivas no trato do fenômeno, como veremos no tópico seguinte.

1.4 A recategorização e a multimodalidade

A partir da discussão deste ponto, a nossa proposta se torna mais evidente e toma forma, uma vez que os aspectos cognitivos considerados nas análises das ocorrências envolvendo o fenômeno da recategorização, juntamente com as estruturas multimodais, nos dão o suporte necessário para que a nossa pesquisa se torne mais consistente, a considerar, portanto, a recategorização e os textos com mais de uma modalidade.

Custódio Filho (2011) assume um posicionamento que se volta para a visão acerca da referência assumida por Mondada e Dubois (1995) em que a visão social dos interlocutores na construção do referente implica, necessariamente, o aspecto cognitivo. Em outras palavras, os interlocutores lançam mão da sua bagagem mental para selecionar a melhor maneira de se colocar na ação discursiva, corroborando, dessa forma, com o posicionamento das autoras sobre o caráter da referenciação. Além disso, o autor considera as perspectivas abordadas por Lima (2003) e Cavalcante (2005) a respeito do caráter cognitivo em torno do fenômeno.

Diante dessas pesquisas, Custódio Filho (2011) identificou algumas lacunas sobre os processos que envolvem a construção dos referentes. Ao considerar o texto como objeto dinâmico e multifacetado, o autor pontua a necessidade de se observar os textos multimodais como objeto de análise, contribuindo, desse modo, para a ampliação dos estudos que consideram o caráter heterogêneo do fenômeno da recategorização. Partindo dessa mesma visão, tomamos como base os posicionamentos aqui discutidos pelo autor para direcionar as nossas análises por meio de memes, gênero que assume um caráter também multimodal na sua composição.

Para efetivar sua proposta, Custódio Filho (2011) lança mão de textos de situações de interações longas e ininterruptas, inclusive textos audiovisuais, considerando que, até então, todas as propostas de trabalho foram voltadas para textos curtos, por exemplo, notícias e artigos de opinião. O autor afirma que as várias formas de interação que são estabelecidas pelo contato do interlocutor com esses textos, considerando, por sua vez, que cada um interagirá de uma maneira diferente, promove um trabalho cognitivo que nem sempre fará com que esse interlocutor consiga identificar todas “as menções prévias a um referente” para que as recategorizações sejam estabelecidas.

Custódio Filho (2011) defende a necessidade de se analisar situações textuais e elementos relacionados ao contexto e com a cognição na construção dos objetos de discurso, a saber, o papel das imagens na construção da referência, defendendo que essas assumem o mesmo papel das expressões referenciais, inclusive podendo assumir o papel, além de construtor do referente, também de recategorizador, posicionamento que também assumimos nas nossas análises no gênero meme.

Com base nesses postulados, Custódio Filho (2011) apresenta duas tendências quanto à referenciação que se caracterizam como um avanço no trato do processo. Destaca o autor que o fato de haver duas tendências não indica antagonismo entre elas. Pelo contrário, as tendências assumem posturas complementares, considerando, contudo, a extensão do fenômeno além da estrutura textual-discursiva. São elas: expressões referenciais para refletir sobre a natureza sociocognitiva-discursiva do fenômeno da referenciação e a construção dos referentes, considerando essa construção além das expressões referenciais. Como reitera o próprio autor (p. 149), as duas tendências não devem ser colocadas numa

situação de oposição, pelo contrário, “novas reflexões, na verdade, só vêm fortalecer o paradigma pragmático-cognitivo-discursivo sobre a linguagem.”

De acordo com o autor, essa segunda tendência traz como marca a complexidade que não se limita às estruturas nominais que licenciam/direcionam a construção do referente, sobretudo, é marcada também pelas perspectivas sociocognitivistas, que compreendem o texto como uma estrutura multifacetada e licenciam estudos que compreendem o texto, além das tendências que outrora viam-no como o ponto máximo e total da construção de sentidos.

Dos pontos discutidos por Custódio Filho, destacamos a *construção de referentes sem menção referencial*. Essa construção servirá de base para as nossas análises, uma vez que identificamos que há uma forte tendência desse tipo de ocorrência em muitos exemplares de meme. Sob esse ponto recai a mesma visão abordada por Lima (2003) e Lima (2009), quando a autora defende que a construção de sentidos, por mais que parta de pistas textuais, pode ser efetivada por meio de outros fatores, dentre eles o cognitivo, não necessitando obrigatoriamente de um item lexical para a homologação do fenômeno da recategorização, assim também como pontuou Cavalcante (2005).

Além das contribuições já vistas, Custódio Filho (2011) sublinha que estudos envolvendo o texto consideram outros recursos no processo de referenciação, que não o recurso verbal. Diante disso, o autor compreende que aspectos da multimodalidade podem ser levados em consideração na compreensão do fenômeno da recategorização, último aspecto enumerado pelo autor como característica da segunda tendência. Tal posicionamento ilumina as possibilidades de análise em gêneros que apresentam mais de uma semiose na sua composição, como é o caso do meme, gênero escolhido para as nossas análises.

Ao considerar que a noção de texto tem sofrido alterações com o avanço dos estudos na Linguística Textual, e que aspectos voltados para elementos não verbais têm sido relevantes nesse aspecto, Custódio Filho (2011) questiona qual o papel que outros elementos, além do verbal, podem assumir do processo de referenciação. O autor sublinha que entre esses elementos que se encaixam no “além do verbal” estão todas as estruturas, inclusive contextuais, que fogem do limite formal do texto, observando, inclusive, os mecanismos sociocognitivos envolvidos no processo. Nessa direção, o autor abre uma discussão voltada para a relação entre a referenciação e a multimodalidade. Como defende Custódio Filho (2011, p. 150),

“essa dimensão responderia pelo conjunto de gestos, expressões faciais e outros recursos disponíveis na comunicação face a face que podem interferir no processo de negociação dos objetos de discurso dados a conhecer.”

Diante da exposição acerca dos avanços da segunda tendência que envolve os processos referenciais, Custódio Filho (2011, p. 152), assim, os resume:

- 1) a construção de referência, no que diz respeito aos elementos do cotexto, se efetiva a partir da integração de diferentes partes (tanto na natureza quanto na extensão) da materialidade verbal;
- 2) a retomada de referentes pode ocorrer entre (co)textos distintos;
- 3) o estabelecimento de referentes pode se dar sem a supostamente necessária menção referencial cotextual;
- 4) a referência pode se construir a partir de todas os modos semióticos envolvidos em um texto.

Custódio Filho (2011) enfatiza que a ideia a ser defendida na sua pesquisa será direcionada pela segunda tendência, cujo foco se volta para a presença dos aspectos sociocognitivos, além da multimodalidade e dos variados tipos de interação na configuração dos textos, fazendo uma relação com as estratégias referenciais.

O autor ressalta alguns pontos, considerados por ele relevantes para a confirmação da sua hipótese, fazendo algumas reflexões sobre eles. Entre eles:

- a não linearidade;
- a recategorização sem menção referencial;
- a multimodalidade;
- os tipos de interação.

A fim de objetivar a discussão voltada para os objetivos deste trabalho, focamos somente em dois pontos discutidos por Custódio Filho (2011), qual sejam, **as recategorizações sem menção referencial e a multimodalidade**. Reconhecemos aqui a importância dos outros pontos discutidos, mas não detalhamos, uma vez que o nosso enfoque tem o seu ápice no desenvolvimento do tipo de recategorização proposto pelo autor numa relação com as estruturas multimodais.

Custódio Filho (2011), ao olhar a possibilidade, por meio de estudos de autores ora citados, de o fenômeno da recategorização poder ser manifestado sem, necessariamente, a homologação de uma expressão lexical, resolveu assim o nomear o caso como **recategorização sem menção referencial**. A partir dessa classificação, observamos a gama de possibilidades pelas quais o fenômeno da

recategorização pode se manifestar, contribuindo, desse modo, com a proposta da nossa pesquisa, como veremos nas análises, na última parte deste trabalho.

Partindo do posicionamento de Lima (2003), que defendeu que as transformações acerca do referente podem acontecer apenas no plano cognitivo, como nos exemplos 25 e 27 desta pesquisa, Custódio Filho (2011) destaca que, por mais que haja um processamento cognitivo essencial para a construção dos sentidos sobre a recategorização, ainda foi necessária manifestação no plano lexical nos casos apresentados pela autora, com exceção do exemplo abaixo (p. 111):

- 28) Um amigo conta pro outro:
 - Minha sogra caiu do céu!
 - Ela é maneira assim mesmo?
 - Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa.
 (PIADAS SELECIONADAS, 2003, p. 10).

O termo “vassoura” faz referência à sogra, como uma estratégia de designação de sogra como bruxa. Como observado, não há necessidade, no exemplo anterior, de se considerar a manifestação de uma expressão nominal para marcar a recategorização de sogra como bruxa, fenômeno considerado por Custódio Filho (2011) como ampliação da complexidade que envolve esse fenômeno, afirmando que não há necessidade de menção referencial para a construção do objeto de discurso. O autor frisa que Lima (2003), por mais que tenha considerado o aspecto cognitivo na realização do fenômeno de recategorização, não necessitando da sua homologação lexical, classifica o caso ainda como anáfora correferencial.

O autor justifica a classificação de Lima (2003) como um caso de correferencialidade devido ao aspecto da manifestação do fenômeno não ocorrer sob uma homologação lexical não ter sido ainda, à época, discutido sob o olhar de Cavalcante (2005). Com isso, Custódio Filho (2011) evidencia que, diante desses casos, o foco se volta não mais para como esses elementos são responsáveis pela construção de sentidos dos referentes, mas como os referentes, na sua dinamicidade, podem ser construídos a partir da integração dos elementos que compõem o texto.

Custódio Filho (2011) sublinha também que há uma diferença entre a recategorização e a anáfora indireta, quando essa última necessita, como marcou Lima (2003), de uma manifestação lexical no final, o que não acontece com a recategorização. O autor também afirma (p. 175) que “a construção de referentes

em um texto não decorre, exclusivamente, da rede de relações entre os sintagmas referenciais”, isto é, exige a participação dos sujeitos “para trabalhar em cima dos implícitos”.

Outro ponto importante salientado por Custódio Filho (2011) foca na **multimodalidade**. Com a ampliação dos conceitos em torno da visão de texto, a multimodalidade começou a ser vista além dos gêneros textuais, os quais eram o foco dos estudos envolvendo o multimodal. A perspectiva acerca da multimodalidade deve ser observada numa relação com as práticas referenciais, como ele destaca.

Custódio Filho (2011) toma Mondada (2005), a partir do seu trabalho intitulado “A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica”, pesquisa envolvendo a observação da multimodalidade em procedimentos cirúrgicos. Entretanto, como ressalta o autor, Mondada (2005) apresentou sua proposta, considerando a simultaneidade entre os gestos, as indicações pelos instrumentos cirúrgicos e os apontamentos pelo “*you see*”, numa construção de sentidos em tempo real, relevando a presença de vários profissionais em interação, enquanto Custódio (2011) assume outra dimensão no tocante à multimodalidade, uma vez que o seu objetivo recai na análise de textos que assumem sua composição a partir de verbo e imagem, como na análise do fenômeno da recategorização em um seriado.

Nesse seguimento, Custódio Filho (2011) sobreleva a visão dos filmes e seriados na sua compreensão pelos interlocutores. O autor sublinha que os sujeitos constroem o sentido do filme, ou seriado, considerando o todo como um texto, não separando os elementos, quais sejam, as imagens e as falas dos personagens. A interligação entre esses elementos é que promovem essa construção. Com isso, autor (p. 176) afirma que

Por isso, não nos cabe discutir, da mesma maneira que Mondada, a multimodalidade em termos de construção negociada dos referentes. Nosso objetivo é abordar, sim, a relação entre referenciação e multimodalidade, mas enfatizando o papel dos recursos multimodais como ferramentas utilizadas pelo enunciador na concretização de seu projeto discursivo, para o que é necessário estabelecer certos caminhos de interpretação dos referentes.

Assim, ressalta o autor que uma de suas hipóteses se volta para investigar o papel da imagem na construção da referência, ressaltando a importância da imagem

nesse processo de construção, destacando o seu papel na construção de sentidos em textos longos.

A partir dos pontos discutidos, Custódio Filho (2011, p. 181) sintetiza a discussão a respeito da referência da seguinte forma:

- 1) a construção de referência, no que diz respeito aos elementos do cotexto, se efetiva a partir da integração de diferentes partes (tanto na natureza quanto na extensão) da materialidade verbal;
- 2) todos os modos semióticos de um texto, por fazerem parte de sua materialidade, são substrato para a elaboração de objetos de discurso;
- 3) o estabelecimento e a transformação de referentes pode se dar sem a menção referencial cotextual;
- 4) a recategorização referencial é um processo eminentemente discursivo, não linear;
- 5) o processo de construção e transformação dos referentes demanda operações cognitivas de reelaboração do conteúdo textual com vistas a organizar as recategorizações em etapas funcionais;
- 6) a retomada de referentes pode ocorrer entre (co)textos distintos.

Para ratificar o raciocínio construído até aqui sobre a proposta de Custódio Filho (2011), faremos uma rápida demonstração da proposta do autor a respeito da análise de quatro episódios do seriado *Lost*, para compreendermos o papel da imagem, em consonância com outros elementos semióticos, na construção de sentidos em textos longos, especificamente falando como eles são apresentados e como são transformados ao longo do texto, como nos direciona Custódio Filho (2011) na apresentação da sua proposta.

Custódio Filho (2011) verificou como a imagem, conjuntamente com outros elementos semióticos, é responsável pela construção de sentidos, partindo de cenas do seriado *Lost*. O seriado apresenta a história de um acidente aéreo em que os tripulantes caem numa ilha deserta. A partir desse contexto inicial, os personagens são construídos a partir de um jogo de cenas, mostrando alguns acontecimentos anteriores ao acidente (*flashbacks*), que permite que os telespectadores construam os personagens ao longo do seriado. O foco de Custódio Filho (2011) se volta para o personagem John Locke, levando em consideração a participação do personagem nos quatro primeiros episódios da primeira temporada. Através das imagens, o autor apresenta a forma como o personagem Locke vai sendo recategorizado.

FIGURA 1 – Locke carrega o ferido

Fonte: Custódio Filho (2011, p. 222)

FIGURA 2 – Locke na areia

Fonte: Custódio Filho (2011, p. 222)

Na figura 1, o personagem ajuda outros passageiros em um acidente de avião. A partir da figura 2, Custódio Filho (2011) começa a pontuar características acerca do personagem que vai ser apresentado, a cada nova cena, de uma maneira diferente, sendo recategorizado como “isolado” e “pensativo”. Não apresentamos todas as imagens selecionadas pelo autor, devido ao espaço, e por não haver necessidade, considerando que os exemplos apresentados alcançam o nosso objetivo de mostrar a proposta do autor. Depois o personagem é apresentado como “medroso”, como “deficiente”, como “morto” em cenas posteriores, que não são descritas pelo autor, mas destacamos pelo conhecimento que temos sobre a série.

Partindo da exposição da ideia de Custódio Filho (2011), é importante sublinhar alguns aspectos que o autor considerou relevantes após as análises. A

referenciação ganhou um novo espaço nos estudos que envolvem a multimodalidade, considerando o fenômeno em interações mediadas por esse tipo de texto, como ressalta o autor. Outro ponto relevante é a diversidade dos tipos de traços referenciais e a retomada de referentes em (co)textos distintos, como uma marca inerente a todo processo de referenciação, atingindo os vários elementos semióticos presente no texto; além da imagem como ponto imprescindível na construção de sentidos nesse tipo de texto, mudando a visão que se tinha a respeito, quando era vista apenas como característica dos gêneros textuais, envolvendo agora um novo aspecto na segunda tendência. A imagem é considerada pelo autor como essencial para a compreensão das mudanças sofridas pelo personagem. Até então, como ele marca, a imagem era concebida, nos estudos mais avançados da Linguística Textual, apenas sob uma visão do processo de encapsulamento imagético.

A não linearidade é uma marca na análise do seriado proposta pelo autor. Com isso, Custódio Filho (2011) ratifica a perspectiva de a referenciação ser um fenômeno textual e sociocognitivo, e sua dinamicidade, levando em consideração, portanto, o papel dos sujeitos na construção de sentidos. E se os sujeitos são levados em consideração, não se pode deixar de ressaltar o aspecto subjetivo presente nesse processo, como pontua o autor.

É necessário frisar que Custódio Filho (2011) não descarta a importância das perspectivas da primeira tendência. Pelo contrário, ele leva em consideração tais visões, a partir do momento em que sinaliza a importância dos sintagmas que marcam as recategorizações dos personagens, além dos nomes e pronomes relacionados a eles. Só que, para uma análise num contexto sociocognitivista, as expressões referenciais não seriam suficientes para dar conta do fenômeno, confirmando a sua hipótese de que a construção da referência não acontece apenas por meio de expressões nominais, mas também por fatores extralinguísticos.

As discussões propostas pelo autor vão ao encontro e se fazem pertinentes à proposta que aqui nos colocamos a realizar, quando consideramos que as características que regem a segunda tendência, além da ampliação acerca das suas características, são fundamentais para as análises no gênero escolhido, o meme.

Consideramos pertinente, também, as contribuições de Cavalcante e Lima (2015) sobre o fenômeno da recategorização, numa proposta em que as autoras sintetizam uma discussão sobre os parâmetros do processo de recategorização. A

partir dessa retomada a respeito das perspectivas em torno do fenômeno, podemos investigar com mais afinco outras possibilidades de manifestação do fenômeno.

No trabalho desenvolvido por Cavalcante e Lima (2015), as autoras objetivam discutir os parâmetros que envolvem o fenômeno de recategorização na literatura que envolve a temática para desenvolver uma reflexão sobre a ampliação dos estudos sobre o caso. Para o direcionamento da proposta, as autoras partem das duas concepções que envolvem o fenômeno da referenciação: 1) textual-discursiva; 2) cognitivo-discursiva.

Para o primeiro momento, que envolve a perspectiva textual-discursiva do fenômeno da recategorização, a proposta inicial de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (1995) embasará o percurso. O momento de inauguração a respeito do fenômeno parte da ideia de que a língua não pode ser vista sob uma perspectiva extensional em relação ao mundo e a respeito da necessidade de vermos como característica das línguas a plasticidade dos significados lexicais, que serve como sustento para promover a transformação de um objeto de discurso, a própria recategorização.

Além das pesquisas referidas, Cavalcante e Lima (2015) abordam, ainda envolvendo a primeira concepção acerca do fenômeno, a proposta de Matos (2005). O trabalho da autora objetiva investigar os tipos de recategorização existentes nos processos de referenciação sob as funções discursivas das anáforas correferenciais. Cavalcante e Lima (2005) destacam o aspecto apresentado por Matos (2005) sobre as marcas da recategorização que se manifestam na materialidade do texto. Para isso, as autoras partem do exemplo dado por Matos (2005, p. 107):

29) Estão abertas as inscrições para o curso de Redação para o Vestibular de Direito, Medicina e Enfermagem (UVA/UFC). O curso será ministrado pelo professor Vicente Martins, mestre em educação e docente do curso de Letras, com larga experiência no ensino de redação para o vestibular, (...) Durante o curso, **o ministrante** vai utilizar o método processual de escrita que consiste na elaboração de textos em partes. (...) (REPORTAGEM JORNAL DA UVA, 2005).

Pela análise da autora, o termo “ministrante”, destacado por nós no exemplo 29, retoma “o professor Vicente Martins”, mas sem apresentar nenhum valor axiológico na avaliação a respeito do referente no contexto do exemplo. Matos (2005) classifica a recategorização como *anáfora com função não avaliativa*

explícita, e considera que mesmo não havendo explicitamente valor avaliativo, há um sentido argumentativo por trás dessas escolhas.

Cavalcante e Lima (2015) destacam que esse primeiro momento foi importante enquanto visto nas relações construídas dentro do próprio texto, ressaltando a sua importância para os estudos que estendem a sua compreensão por meio de classificações que garantem o entendimento sobre a recategorização por outros vieses, mas dentro ainda da primeira concepção. Entretanto, outras visões acerca do fenômeno foram discutidas, trazendo perspectivas que ultrapassaram os limites formais do texto, considerando, nesse momento, aspectos cognitivo-discursos que envolvem o fenômeno. Como marcam Cavalcante e Lima (2015, p. 229),

[...] é preciso dizer que os estudos em recategorização avançaram em direção à consideração de todos os aspectos do texto, não mais se fixando necessariamente nas expressões explícitas formalmente na superfície textual. Esse processo apresenta outras formas de realização muito menos explícitas que demandam uma imersão nos aspectos cognitivos que lhe são inerentes [...].

Na direção desse posicionamento, Cavalcante e Lima (2015) marcam a pesquisa de Lima (2003) e Lima (2009) como um avanço, partindo de propostas que consideram o caráter cognitivo-discursivo. Estes trabalhos se encaixam no segundo momento pontuado pelas autoras. Cavalcante e Lima (2015) também sublinham as contribuições de Koch e Marcuschi (2002) no trato do fenômeno da recategorização, posição que amplia a primeira noção a respeito do fenômeno discutida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), como salientam Cavalcante e Lima (2015), não restringindo a realização do fenômeno a apenas a uma manifestação lexical. Assim também como defendem Koch e Marcuschi (2002, p. 13):

A recategorização não envolve necessariamente correferencialidade, isto é, nem sempre designa o mesmo indivíduo referido pelo item que opera como antecedente. É neste sentido que os referentes textuais são tomados como **objetos de discurso**, isto é, como elementos que se constituem **no discurso**, mesmo quando ancoram numa realidade extratextual, de maneira que a linguagem não cria o mundo, mas o constitui de uma dada maneira e num arranjo específico.

Tal colocação abriu caminhos para Lima (2009) sistematizar uma proposta, já que Koch e Marcuschi (2002) não propuseram nenhuma classificação para os casos que envolvem o aspecto cognitivo. Cavalcante (2005) também serviu de base para o

desenvolvimento dos estudos sobre a recategorização, uma vez que afirmou que anáfora e referência não podem ser vistas como intercambiáveis, defendendo a possibilidade de uma recategorização sem a necessidade de uma expressão lexical para confirmá-la, como já discurremos.

Assim, Lima (2009, p. 57) propõe que:

- i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais;
- ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas;
- iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais.

Com isso, Lima (2009) direciona que a relação entre a metáfora e metonímia na construção de sentidos no que diz respeito à recategorização abre possibilidades para o tratamento do fenômeno, considerando os aspectos cognitivos que são essenciais em alguns casos, como também já explanamos. A proposta de Lima (2009) também abre possibilidades para observar o fenômeno em textos multimodais.

Dentro dessa perspectiva a respeito da multimodalidade assumida pela autora, destacando também o ponto ii) da proposta de Lima (2009), encontramos uma lacuna que serve como direcionamento para a nossa proposta de trabalho nesta dissertação: a estrutura multimodal na constituição dos memes nos permitiu observar que alguns exemplares desse gênero são estruturados com base em outros textos, ou seja, há fortemente marcada uma relação intertextual na constituição desses memes. Em outras palavras, ainda seguindo a proposta do item ii de Lima (2009), alguns memes trazem pistas de outros textos, sinalizando a sua presença, possibilitando, dessa forma, a construção dos sentidos pretendidos e contribuindo para a efetivação do fenômeno da recategorização. Tais construções são formadas cognitivamente, assim como defende a autora.

Lima (2009) não enfatizou a possibilidade de textos multimodais assumirem a sua construção baseada em relações intertextuais para a efetivação do fenômeno da recategorização. É a partir desse ponto que formulamos a nossa hipótese. Silva (2016) já havia pontuado a recorrência da intertextualidade no processo de

construção de sentidos em recategorizações metafóricas, mas não desenvolveu, abrindo caminhos para que outras pesquisas fossem realizadas.

Mesmo já tendo discutido esses pontos, no momento em que explanamos os posicionamentos de Lima (2009), só agora resolvemos fazer esse destaque porque só em Lima (2015) os aspectos voltados para a multimodalidade foram acrescidos à concepção abordada pela autora, qual seja, a recategorização. No primeiro momento Lima (2009) focou apenas na ideia contextual voltada para o verbal.

Cavalcante e Lima (2015) pontuam o trabalho de Custódio Filho (2011), quando este lança a proposta de uma nomenclatura para a classificação acerca das **recategorizações sem menção referencial**. As autoras afirmam que não houve nenhuma novidade no trato do fenômeno, mas o trabalho expandiu a visão acerca das possibilidades de análise.

Vejamos o exemplo dado por Custódio Filho (2011, p. 168):

30) Que vergonha ver **a atual prefeita** censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que **essa prefeita** tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que **ela** não se contenta em ver Lula longe **dela**, tal qual em 2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era **uma defensora da democracia**, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se [de]sespera com o passado histórico dela!

Como salientam Cavalcante e Lima (2015), as recategorizações identificadas por Custódio Filho (2011) da prefeita como “autoritária” e como “competidora desleal” são recategorizações que são construídas a partir de inferências por meio de pistas cotextuais.

Como contra-argumento, as autoras concordam com a visão de Custódio Filho (2011) ao considerar que a recategorização acontece por meio de inferências através de pistas dadas pelo texto, mas não são homologadas lexicalmente, assim como já havia apresentado Lima (2009). Entretanto, a nomenclatura escolhida pelo autor, **recategorização sem menção referencial**, poderia causar ambiguidade, na visão das autoras, uma vez que as recategorizações nos casos vistos têm sua homologação apenas no nível cognitivo, apresentando, assim, como proposta de nomenclatura, **recategorização sem menção de expressão referencial**, destacando o que propôs Lima (2009, p. 57):

ii) o entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por e concentrar-se em expressões referenciais, de forma que a sua construção não se restringe a uma relação explícita lexicalmente entre um referente e uma expressão referencial recategorizadora; iii) em decorrência de ii), por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da superfície textual, isto é, em elementos radicados em modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas.

A proposta de Cavalcante e Lima (2015) a respeito da nomenclatura **recategorização sem menção de expressão referencial** recobriria casos mais complexos a respeito da implicitude e explicitude do fenômeno, como afirmam (p. 308):

1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais

E como ampliação das formas de análise do fenômeno de recategorização, Cavalcante e Lima (2015) consideram a multimodalidade como base para compreender a realização do fenômeno em textos com essa configuração.

Considerando isso, as autoras partem do posicionamento defendido por Lima (2013), cujo trabalho tem com objetivo investigar a construção de sentido no gênero charge por meio do processo de recategorização, a partir da configuração de textos multimodais, como no exemplo a seguir (p. 133):

FIGURA 3 – Vício nas redes sociais



Fonte: Cavalcante e Lima (2015, p. 310)

De acordo com a análise de Lima (2013), textos multimodais são compostos pela relação, ou não, de elementos verbais e não verbais, que corroboram com a construção de sentidos do texto. Na figura 3, é possível perceber que o símbolo do Facebook representa, por uma metonímia, todas as redes sociais, em conjunto com a posição de drogadição do personagem. É possível inferir, portanto, que a intenção da imagem foi passar a mensagem de que REDE SOCIAL É UM VÍCIO. As recategorizações, “redes sociais” como “droga” e “usuários de redes sociais” como “viciados”, como ressalta a autora, foram responsáveis pelo efeito de humor pretendido no texto.

FIGURA 4 – Congresso brasileiro



Fonte: Cavalcante e Lima (2015, p. 311)

No segundo exemplo citado por Cavalcante e Lima (2015), as autoras analisam as situações apresentadas na imagem, observando, contudo, as recategorizações constituídas numa interação entre o verbal e o não verbal: “congresso nacional” como “zoológico”; como “presídio”; “circo”; “casa de prostituição”; “vaso sanitário”. Assim, como analisam as autoras (p. 312):

Temos, assim, por um processo metonímico de PARTE PELO TODO, em que os políticos são tomados pelo Congresso Brasileiro, as seguintes recategorizações: 1. a de políticos brasileiros como animais irracionais; 2. a de políticos brasileiros como ladrões; 3. a de políticos brasileiros como

palhaços; 4. a de políticos brasileiros como prostitutas; 5. a de políticos brasileiros como excrementos.

Como sublinham Cavalcante e Lima (2015), é possível perceber que as duas vertentes, textual-discursiva e cognitivo-discursiva, assumem um posicionamento não de contrariedade, mas de complementação, à medida que os textos multimodais servem de base para a realização das inferências na constituição das recategorizações, ampliando, dessa forma, a visão acerca do fenômeno.

Essa retomada dos posicionamentos acerca do fenômeno da recategorização tem provado a amplitude assumida pelo fenômeno diante de muitas linhas teóricas. Entretanto, todas elas assumem um valor peculiar no que diz respeito às particularidades assumidas em cada uma delas, com um grau de importância elevado para contribuição dos estudos que envolvem o tema, assim como também apresentou Lima (2017).

A proposta de Lima (2017) consiste em investigar o fenômeno de recategorização em textos multimodais, a partir da perspectiva cognitivo-discursiva proposta por Lima (2009). Para desenvolver a sua proposta, Lima (2017), a partir de uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, considera dois aspectos: i) a concepção de referente desatrelada da condição de uma necessária materialidade por meio de uma expressão referencial; ii) a extensão do campo de estudo da metáfora conceitual para os textos multimodais.

Além dos posicionamentos, ora vistos, que regem os aspectos basilares da referenciação nos estudos da Linguística Textual, Lima (2017) lança mão de aportes teóricos da Linguística Cognitiva para que, por meio dessa interface, possa construir um aparato teórico consistente para defender a ideia de que, através dessa relação, há possibilidades de construção de sentidos do texto sem necessariamente haver uma marcação de uma expressão lexical para confirmar essa construção, especificamente falando do fenômeno de recategorização.

Lima (2017, p. 230), baseada em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), acerca da dinamicidade dos objetos de discurso, e em Lima (2009), a respeito dos aspectos cognitivos que envolvem o fenômeno, amplia a noção dada pelos autores e abre caminhos para investigações acerca do fenômeno, a partir de elementos baseados numa concepção cognitivo-discursiva, como no exemplo:

31) Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.
- Como você chegou até aqui? – pergunta-lhe uma índia, curiosa.

- Eu vim de helicóptero!
 - Helicóptero?! O que é isso?
- Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:
- É um negócio que levanta sozinho...
 - Ah! Eu sei... meu marido tem um helicóptero enorme!
- (SARRUMOR, 2000, p. 17)

Como observa a autora, no exemplo 31, é possível a identificação de duas recategorizações: “helicóptero” recategorizado como “negócio que levanta sozinho” e “genitália masculina” como “helicóptero enorme”. Na análise de Lima (2017), há alguns destaques que direcionam a construção das recategorizações vistas. A primeira recategorização foi marcada por uma expressão lexical explícita, considerando o modelo cognitivo MEIO DE TRANSPORTE. A segunda recategorização só foi possível por meio do processo de inferência, licenciado pelo modelo cognitivo RELACIONAMENTO SEXUAL, mas não homologado na superfície do texto.

A partir de Lima (2009), Lima (2017) volta a sua proposta para as recategorizações metafóricas licenciadas por metáforas conceituais multimodais, considerando os aspectos da multimodalidade que circundam os textos selecionados pela autora para análise.

A partir disso, Lima (2017, p. 232) ressalta a importância de Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) por ela, assim, demonstrada:

Segundo a Teoria da Metáfora Conceitual (doravante TMC), o sistema conceitual humano é metaforicamente estruturado, de forma que a metáfora integra a nossa vida cotidiana, não se reduzindo a uma figura de linguagem peculiar da feitura poética, conforme a concepção clássica desse fenômeno. Desse modo, Lakoff e Johnson (1980) firmam uma abordagem sistematicamente cognitiva da metáfora em que esse mecanismo passa a ser compreendido como experiencialmente orientado, como explicam Costa Lima, Feltes e Macêdo (2008), sendo o responsável pela estruturação de domínios conceituais os mais diversos.

Baseada em Lakoff (1993), Lima (2017) afirma que a metáfora é baseada num modelo sustentado pela relação entre dois domínios conceituais: domínio-fonte e domínio-alvo. A autora lança mão da metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM para exemplificar o caso. Situações como “A nossa relação está num caminho sem volta” ou “A nossa relação indo de vento em popa” são licenciadas pela metáfora conceitual utilizada por Lima (2017).

Destaca a autora, também, que Forceville (2007, 2009) critica o fato de as metáforas conceituais serem analisadas apenas em texto verbais, defendendo que o

fenômeno pode se manifestar em textos cujas bases estão voltadas para a multimodalidade. Partindo disso, Lima (2017, p. 233) propõe analisar charges do período eleitoral brasileiro de 2014. Assim, consideramos a seguinte imagem selecionada por Lima (2017, p 234) para exemplificar a sua proposta, entre outras também utilizadas pela autora:

FIGURA 5 - Debate



Fonte: Lima (2017, p. 234)

O primeiro destaque na análise de Lima (2017) é para os referentes homologados na superfície textual: “Dilma Rousseff” e “Marina Silva”, como candidatas à presidência da República, homologadas imagetivamente; e “Eduardo [Campos]” e “debate”, homologados verbalmente. A autora salienta que é por meio da relação entre os elementos verbais e não verbais que se é possível construir o sentido irônico e cômico da charge. E enfatiza também que a recategorização é essencial nesse processo. Assim, Lima (2017) mostra que o referente *candidata à presidência da República Marina Silva* é introduzida e recategorizado como *médium*, guiado pela posição do referente com a mão na testa, fazendo uma relação à posição assumida nos centros espíritas pelos seus adeptos, sendo direcionado, também, pela fala do referente *candidata à presidência da República Dilma Rousseff*.

A ironia se faz presente quando se considera que a religião da candidata Marina Silva é diferente da que é inferida na imagem. Como destaca Lima (2017) a

recategorização também pode indicar que o referente *candidata à presidência da República Marina Silva* não tem o preparo devido. A metáfora multimodal que baseia o processo é DEBATE É UMA SESSÃO ESPÍRITA: domínio-fonte: sessão espírita; domínio-alvo: debate.

Lima (2017) ressalta que o fenômeno de recategorização visto sob a ótica da concepção cognitivo-discursiva permitiu uma análise mais precisa a respeito da construção de sentidos em textos multimodais, a considerar uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva. Afirma também que outras possibilidades de olhares sobre o fenômeno permitiu, nas suas análises, a construção da ironia e da comicidade nas charges. E que as metáforas multimodais foram responsáveis pelo licenciamento do fenômeno de recategorização nos casos analisados, e que as metáforas conceituais multimodais são estratégias para uma maior compreensão na construção de sentidos em textos cujas bases estão na multimodalidade.

Através dos estudos que ampliaram as discussões sobre a recategorização, podemos perceber que outras perspectivas e posicionamentos podem surgir, a depender do ponto de vista que está sendo analisado. Outras propostas são lançadas para que o fenômeno possa ser estudado, considerando, sobretudo, os objetos de estudo. Com vistas a observar, na prática, como esse fenômeno pode ser visto em textos com mais de uma semiose, a nossa proposta assume uma relação entre o fenômeno observado em textos multimodais, como assinalamos nas discussões a partir Cavalcante e Lima (2015) e reforçada em Lima (2017), e a intertextualidade, focando, sobretudo, nas recategorizações baseadas em inferências por meio de pistas textuais, numa perspectiva sociocognitiva.

Para melhor compreensão, o próximo capítulo tratará dos aspectos clássicos que envolvem a intertextualidade, além de descrever as características do gênero meme. Esses dois pontos são cruciais para o alcance da nossa proposta, uma vez que, resgatando as categorias da intertextualidade e conhecendo a origem do gênero aqui pontuado, conseguimos entender a relação, pelo menos superficialmente, entre eles. No capítulo destinado às análises, descrevemos afincamente como a relação entre essas teorias nos levam ao alcance da nossa hipótese.

2 A INTERTEXTUALIDADE, O GÊNERO MEME E FOCALIZAÇÃO DOS ASPECTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, destacamos, sob a visão da Linguística Textual, o fenômeno da intertextualidade, focando nas categorias que sustentam a visão da intertextualidade *stricto sensu*, além de discutir sobre a origem e constituição do gênero meme. Ainda neste capítulo, fizemos um resgate dos principais pontos teóricos apresentados nesta dissertação, para, posteriormente, compreendermos como essas teorias nos levarão à confirmação, ou não, da nossa hipótese.

2.1 A Intertextualidade

O fenômeno da intertextualidade vem compondo, desde a década de 1960, com Julia Kristeva (1960), um cenário de pesquisas envolvendo a relação entre textos que se cruzam de diversas formas e em diversos gêneros. Genette (2010, p.14) aborda o conceito, segunda ele mesmo sublinha, de maneira mais restritiva, considerando-o “como uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro”. Para Trask (2004, p.147), a autora vê o fenômeno da intertextualidade de uma forma mais ampla, pois “ela encara cada texto como constituindo um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos”.

Apesar de ser um conceito elaborado na perspectiva literária, a Linguística Textual discute esse fenômeno sob duas perspectivas. Segundo Koch e Elias (2016), a intertextualidade pode ser vista tanto no sentido amplo, como uma característica inerente aos textos, quanto no sentido restrito, sendo uma forma de remissão a outros textos e que fazem parte da memória social. Voltamos o nosso foco para esta segunda.

Mesmo não havendo um consenso a respeito de um conceito para intertextualidade, elegemos, para fundamentar este trabalho, a proposta de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) por apresentar uma perspectiva bem clara e sólida sobre os aspectos que norteiam as discussões sobre este fenômeno dentro dos estudos da Linguística Textual, destacando e apresentando uma descrição sobre a

intertextualidade *stricto sensu*. A classificação assumida pelas autoras diz respeito à intertextualidade: temática, estilística, explícita, implícita, *détournement*, intergenérica e tipológica.

Lançamos mão também da visão de Piègay-Gros (1996), em que a autora destaca os dois tipos de relações intertextuais: copresença e derivação. A copresença é dividida em: citação, referência, alusão e plágio; e a derivação: paródia, travestimento burlesco e pastiche.

É importante ressaltar que a escolha dessa abordagem a respeito da intertextualidade servirá de base para a escolha de algumas categorias que nos auxiliarão na confirmação, ou não, da nossa hipótese, considerando que o posicionamento assumido pelas autoras, cuja explanação será apresentada a seguir, apresenta uma abordagem mais consolidada, fazendo com que esta pesquisa possa se apoiar num conceito mais consistente sobre intertextualidade.

2.1.1 Intertextualidade nos estudos da Linguística Textual

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) distinguem dois tipos de intertextualidade: a *stricto sensu* e a *lato sensu*. Para elas, a intertextualidade *stricto sensu* (consideramos apenas intertextualidade, assim como enfatizam as autoras) é aquela em que na presença de um texto, se identifica outro - intertexto - que foi previamente produzido e é resgatado pela memória discursiva dos interlocutores ou por uma memória social compartilhada por uma coletividade. Para Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 17), “é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação”. Focamos apenas naquilo que diz respeito à intertextualidade no seu sentido estrito, uma vez que observamos nos memes fortes indícios desse delineamento teórico e, conseqüentemente, consideramos nas nossas análises categorias que dizem respeito apenas a essa classificação proposta pelas autoras.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) resolveram relacionar os tipos de intertextualidades existentes. Uma ressalva feita pelas autoras é de que a autotextualidade ou intratextualidade se trata, sim, de um processo de intertextualidade, de fato, uma vez que não há distinção quando ocorrer na presença de um texto trechos de outros textos de autores diferentes ou do mesmo autor. Na

classificação descrita, as autoras deixam claro que não tratam essa diferença, sobretudo, consideram apenas intertextualidade.

No que tange aos tipos de intertextualidades *stricto sensu*, Koch Bentes e Cavalcante (2012) evidenciam uma subclassificação, apresentando as características de cada tipo de intertextualidade que poderá ocorrer. A primeira trata da intertextualidade temática. Esse tipo é definido pela presença, como o próprio nome já autodefine, de textos como temáticas afins, como os científicos de determinada área ou que partilham de uma mesma corrente. É possível encontrar também em textos jornalísticos que explorem uma mesma temática do dia ou da semana. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) destacam que a intertextualidade temática poderá ocorrer em textos literários, como as epopeias, por exemplo, que tratam da temática mitologia, além de contos de fadas, histórias em quadrinhos, peças de teatro, livros e filmes. As autoras também consideram a interseção de valores ideológicos como parâmetro para esse tipo de intertextualidade, quando considera esse tipo em textos de uma mesma escola literária ou de um mesmo gênero.

Nobre (2014) também compartilha da mesma ideia, definindo esse tipo de intertextualidade quando textos compartilham temas específicos, salientando que é importante não levar esse conceito ao extremismo, uma vez que pode esbarrar na ideia de dialogismo, ponto distinto do que é intertextual. Aqui não iremos desenvolver totalmente o ponto de vista de Nobre (2014), uma vez que o nosso objetivo se volta a destacar apenas visões que discorrem sobre essa subclassificação que aqui nos propomos a descrever. O autor (p. 33) resolve pontuar que esse tipo de intertextualidade deve ser encarado como um tipo particular, considerando que

[...] não necessariamente um texto, mas um evento desencadeia uma série de textos que compartilham um mesmo tema singular, sem que essencialmente cada texto produzido desta forma constitua, precisamente, o texto-fonte para a intertextualidade a ser reconstruída pelos interlocutores. Cada texto é produzido, de modo geral, independentemente dos demais, mas todos estão subordinados a esse único evento.

Ainda sobre essa discussão, Nobre (2014) apresenta dois conceitos desenvolvidos por Genette (2010), quais sejam, hipotexto e hipertexto, que servem de base para a compreensão do que realmente vem a ser a intertextualidade temática. O hipotexto é o texto-fonte, a partir do qual outros textos derivam, sofrendo

variações, como prosa para poesia, prosa para teatro, teatro para cinema etc. Partindo disso, Nobre (2014) pontua que não necessariamente os hipertextos, derivados do hipotexto, têm uma relação mais íntima entre si, a não ser pelo aspecto da própria derivação. Para melhor compreensão, Nobre (2014, p. 33) traz os seguintes exemplos:

33) José (Moustaki)

(Versão em português: Nara Leão)

Olha o que foi meu bom José
Se apaixonar pela donzela
Entre todas a mais bela
De toda a sua Galileia

Casar com Deborah ou com Sarah
Meu bom José você podia
E nada disso acontecia
Mas você foi amar Maria

Você podia simplesmente
Ser carpinteiro e trabalhar

Sem nunca ter que se exilar
De se esconder com Maria

Meu bom José você podia
Ter muitos filhos com Maria
E teu ofício ensinar
Como teu pai sempre fazia

Porque será meu bom José
Que esse seu pobre filho um dia
Andou com estranhas ideias
Que fizeram chorar Maria

Me lembro às vezes de você
Meu bom José meu pobre amigo
Que desta vida só queria
Ser feliz com sua Maria

FIGURA 6 – José e Maria



Fonte: Nobre (2014, p. 34)

De acordo com a descrição de Nobre (2014), tanto a letra da música quanto a tirinha são hipertextos de um mesmo hipotexto, termos usados por Genette (2010), no caso, os evangelhos. Os dois textos remetem às figuras bíblicas de José e Maria, com seus determinados propósitos. Destaca Nobre (2014) que, mesmo estando sob uma mesma linha temática, os dois textos são construídos de forma independente. Aproveitando o exemplo, podemos sublinhar o fato de considerarmos a intertextualidade, também, em textos com mais de uma semiose, defesa também de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), levando-nos a ratificar a possibilidade de analisar o fenômeno da intertextualidade em memes, ponto que será desenvolvido nas análises.

Assim como na tirinha analisada, o meme também pode apresentar na sua composição elementos multimodais que direcionam para marcas que apontam para o(s) intertextos(s). Da mesma forma, é imprescindível que o interlocutor recupere o texto fonte para que não haja prejuízo na construção do(s) sentido(s) pretendido(s) pelo produtor.

Nobre (2014) faz uma crítica a esse tipo de intertextualidade, quando afirma que a intertextualidade temática já nasce sem identidade, quando há oscilação de critérios para defini-lo: tema amplo, tema específico, gênero, autoria.

De acordo com Faria (2014, p. 61), “a intertextualidade temática refere-se a textos ou parte de textos que pertencem à mesma área de conhecimento, de pensamento, que compartilham de conceitos ou valores similares.” O posicionamento da autora não se difere dos conceitos até aqui apresentados, não trazendo nenhuma novidade. Portanto, não iremos aqui, senão, pontuar a visão de definição que autora apresenta. Na visão de Carvalho (2014), a intertextualidade temática não se configura na relação dos vários textos derivados do texto fonte, mas entre o texto fonte e cada um dos textos derivados.

Sobre a intertextualidade estilística, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 19) estabelecem que se trata dos casos em que ocorre uma intertextualidade com base na forma, pois “defendemos a posição de que toda forma necessariamente emoldura, enforma determinado conteúdo, de determinada maneira.”. Esse caso ocorre quando o produtor do texto resolve fazer uma imitação com base em textos que já possuem um modelo socialmente estabelecido e reconhecível, como no caso abaixo mostrado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p.19), em que a intertextualidade se dá pela fácil relação construída sobre a conhecida oração do Pai Nosso:

34) Sistema Operacional que estais na memória
 Compilado seja o vosso programa,
 Venham à tela os vossos comandos,
 Seja executada a nossa rotina,
 Assim na memória como na impressora.
 Acerto nosso de cada dia, rodai hoje
 Informai os nossos erros,
 Assim como nós informamos o que estais corrigido.
 Não nos deixeis cair em looping,
 Mas livrai-nos do Dump,
 Amém.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) exploram outros exemplos em que é possível perceber que há presença de intertextualidade estilística. Além da oração do Pai Nosso, elas destacam textos que imitam ladainhas, imitações de cânone, estilos particulares de autores, como o de Guimarães Rosa. As autoras também enfatizam que uma das características da poesia épica clássica era a técnica da imitação, com retomada das fontes. Um exemplo clássico é Petrarca e Camões. Custódio (2010) estende ainda o entendimento acerca desse tipo de intertextualidade e acrescenta que os falares regionais também se tornam um ponto marcante a respeito das possibilidades de estilo que podem servir para marcar um intertexto.

Nobre (2014, p. 68) defende que a intertextualidade estilística, assim como a intertextualidade temática, foca no conteúdo e não na forma, considerando-a como “imitação de estilo de autores e/ou determinados gêneros, variedades linguísticas e jargões profissionais.” O autor sublinha que esse tipo de intertextualidade assume determinada semelhança com o pastiche, imitação de estilo, e com a forjação, imitação de padrões genéricos, de acordo com Genette (2010). O autor compreende que tais nomenclaturas podem ser consideradas além dos padrões literários, como a imitação de estilos em determinadas áreas do conhecimento. Faria (2014, p. 62) também entende que a intertextualidade estilística assume como característica a “imitação de variedades linguísticas restritas a uma determinada linguagem, a um estilo de gênero, ou de um autor”, assim como Carvalho (2018), que ratifica e compartilha das mesmas noções desse tipo de intertextualidade.

Outro tipo de intertextualidade mencionado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) é a explícita. Esse tipo ocorre quando a fonte do intertexto é explicitada pelo texto produzido através de uma citação ou menção. Nesse caso, há uma explicitude de quem disse, através de marcas que caracterizam a relação estabelecida entre os textos. Isso acontece, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 29), no “caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções”.

Quanto à citação, Piègay-Gros (1996) afirma que ela deixa visível essa relação entre os textos e que as marcações em itálico ou aspas são responsáveis pela materialização desse contato entre eles. Em outras palavras, a citação marca emblematicamente a intertextualidade por caracterizar o texto por sua heterogeneidade e pela fragmentação proporcionada pelos “recortes” de textos em outros textos. Esse tipo de intertextualidade não exige do leitor muita erudição, uma vez que sua fácil identificação parte apenas do olhar sobre um dos destaques que já mencionamos aqui, como afirma a autora. Do leitor é exigido apenas que faça sua identificação e interpretação, ou seja, a construção dos sentidos construídos por meio desses recortes, considerando, sobretudo, os seus limites e as “modalidades de sua montagem”. Genette (2006) considera a citação a forma mais explícita e mais literal, posicionamento ratificado por Piègay-Gros (1996), além de destacá-la como um empréstimo literal e declarado.

Destaca Piègay-Gros (1996) que o romance dá à citação sentidos diversos, indo além das suas funções tradicionalmente atribuídas, quais sejam, a autoridade e a ornamentação. Num romance, segundo Piègay-Gros (1996, p. 222), “é importante

notar que a citação é tanto mais estreitamente motivada quanto mais o enunciado e a enunciação dos dois textos são postos numa relação de metáfora.” Dessa forma, a autora pontua que, através da citação (p. 223), “personagens secundários podem aparecer como membros completamente à parte das pessoas do romance”. Considerando isso, é imprescindível que o leitor esteja ciente da(s) relação(ões) entre os textos, além da ciência das diferentes ocorrências que o mesmo texto venha a ter na diversidade das citações em outros textos.

Um dos pontos sublinhados pela autora a respeito da citação é que ela traz o aspecto de autoridade dada por outro discurso, trazendo autenticidade, reforçando, desse modo, o efeito de verdade. Piègay-Gros (1996) também faz uma ressaltava sobre essa marca de intertextualidade, uma vez que salienta que um texto que traz muitas citações pode ser comparado a um mosaico ou a um quadro que foi montado por meio de colagens.

Além desses casos, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) destacam, também, os casos de interação face a face, quando um interlocutor resgata a fala do outro para dar continuidade ao diálogo (de forma encadeada ou contraditória); e nos textos argumentativos, poderá ocorrer através do uso do recurso de autoridade. Destacamos um trecho de um exemplo utilizado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 29) para ilustrar esse tipo de intertextualidade:

35) Mondada (2001) enuncia claramente esta tese, quando propõe substituir a noção de referência pela de referenciação e, conseqüentemente, a noção de referente pela de objeto do discurso.

“A questão da referência é um tema clássico da filosofia da linguagem, da lógica e da linguística: nestes quadros, ela foi historicamente posta como um problema de representação do mundo, de verbalização do referente em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade e de correspondência com ele (o mundo) (...)” (p. 9)

O exemplo 35 trata-se de uma citação, em que o pensamento de determinado autor, presente em um texto fonte, é utilizado para confirmar o argumento de alguém que estava produzindo um estudo envolvendo as questões abordadas no texto fonte. É importante salientar que esse tipo de intertextualidade assume uma postura diferente a partir dos objetivos para os quais são apresentados, a saber: argumento para determinada conclusão, para desacreditar, contradizer etc.

Faria (2014) entende que a intertextualidade explícita também é caracterizada quando a referência a outro texto vem marcada claramente no texto, seja em forma

de citação ou referência, muito comum em textos acadêmicos e científicos. Nobre (2014) enfatiza que nesse tipo de intertextualidade, espera-se que o leitor consiga recuperar facilmente o intertexto.

Ainda sobre os casos de explicitude, Piègay-Gros (1996) destaca também a referência, considerando-a como um caso em que o texto fonte não é exposto. É uma relação *in absentia*, como ela afirma. Ela remete um texto a um leitor sem citá-lo literalmente. O produtor desse tipo de intertextualidade não objetiva simplesmente construir um elo entre os textos, mas considera, sobretudo, que leitor tenha domínio da obra citada para que, desse modo, o(s) sentido(s) seja(m) construído(s), de acordo com as intenções do produtor, compreendendo perfeitamente as relações entre eles construídas. A autora destaca casos de referência num romance, pontuando a complexidade que a referência pode apresentar nesses casos, sublinhando que a referência pode estabelecer tal complexidade entre a realidade e a ficção, entre o narrador e o leitor.

Podemos compreender a referência no exemplo dado por Piègay-Gros (1996, p. 223), ao vermos que o exemplo remete o leitor a outro texto, ao citar Louis Lambert, essência dessa referência intertextual:

36) Na obra pela qual começam esses *Studos*, utilizei uma obra fictícia com um título realmente inventado por Lambert, e [...] dei o nome de uma mulher que lhe foi cara a uma jovem cheia de dedicação; mas esse empréstimo não foi o único que lhe fiz: seu caráter, suas ocupações me foram muito úteis nessa composição, cujo tema se deve a alguma lembrança de nossas jovens meditações.

Koch e Elias (2012, p. 88) também levam em consideração a intertextualidade em texto com mais de uma semiose para marcar a intertextualidade explícita. Aqui colocamos um exemplo para marcar esse posicionamento:

FIGURA 7 - Poeira



Fonte: Koch e Elias (2012, p. 88)

37) Sorte Grande

(Ivete Sangalo)

A minha sorte grande
Foi você cair do céu
Minha paixão verdadeira
Viver a emoção
Ganhar teu coração
Pra ser feliz a vida inteira
É lindo o teu sorriso
O brilho dos teus olhos
Meu anjo querubim
Doce dos meus beijos
Calor dos meus braços
Perfume de jasmim
Chegou no meu espaço
Mandando no pedaço
Com o amor que não é brincadeira
Pegou me deu um laço
Dançou bem no compasso
De prazer levantou poeira
Poeira, poeira, poeira
Levantou poeira

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/mpwHR. Acesso em 14 de fev. de 2020.

Na figura 07, é possível resgatar facilmente o texto fonte, uma vez que o próprio texto cita um trecho da música e marca a cantora que a interpreta, no caso, Ivete Sangalo, como podemos confirmar por meio da letra da música (exemplo 37). Além do exemplo dado por Koch e Elias (2012), mostrando a relação entre a tirinha e a letra da música, estabelecendo a intertextualidade explícita, podemos observar claramente a mesma relação entre textos multimodais, como nos exemplos abaixo:

FIGURA 8 – Tomate



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/avO35. Acesso em 24/01/2020.

FIGURA 9 – Tropa de Elite

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/zDRU3. Acesso em: 24/01/2020.

A figura 8 estabelece uma relação com o filme Tropa de Elite por meio de elementos multimodais (ou multissemióticos), especificamente falando do tipo de letra que caracteriza o layout do filme e de uma frase que ficou muito conhecida, proferida pelo Capitão Nascimento, um personagem marcante no filme: “Pede para sair!”. Outro ponto que também pode ser destacado para marcar essa relação é a boina utilizada no tomate, que também faz referência ao acessório usado pelo capitão, cuja imagem é apresentada na figura 9. Todas essas marcas caracterizam e estruturam essa relação entre o anúncio da venda de hortifrútis e o filme. Tal relação de intertextualidade explícita foi marcada pela relação entre textos com mais de uma semiose, mostrando outra forma de relação intertextual, além das relações entre somente textos verbais ou um texto puramente verbal e outro multissemiótico.

Mozdzinski (2009, p. 14) já falou sobre a possibilidade desse tipo de relação, considerando a intertextualidade entre dois textos multissemióticos, ao afirmar que é possível releituras entre textos dessa natureza, e se posiciona contra a noção de que as categorias da intertextualidade devem ser vistas de maneira estanque, como geralmente elas são abordadas, uma vez que “todas as possibilidades de intertextualidade se dão concomitantemente”. Outro ponto salientado pelo autor é

que o produtor do texto precisa fornecer pistas discursivo-cognitivas para que o leitor consiga construir os sentidos pretendidos, além de que os contextos dos interlocutores precisam estar relacionados a essas pistas, considerando também as suas interpretações nas situações comunicativas, sobretudo, observando o caráter (inter)subjetivo delas.

Esse ponto marca a composição também presente nos memes, cuja estrutura é baseada fortemente em imagens, além dos textos verbais. A relação entre as imagens marca também a recategorização em textos verbo-imagéticos, como na abordagem que iremos detalhar no capítulo das análises: a recategorização, além de marcar uma remodulação do referente, estabelece uma relação com a intertextualidade através da forma como as imagens são apresentadas.

Já a intertextualidade implícita, para Koch, Bentes e Cavalcante (2012), ocorre quando há a inserção de outros textos no texto que está sendo produzido sem a menção da fonte, de forma a alcançar algum propósito. As autoras afirmam que o intuito pode ser argumentativo, no sentido de confirmar algo, com paráfrases próximas do sentido pretendido; ou contradizer, com paródias, ironias, concessões dos enunciados. Segundo Koch e Elias (2012), nesse tipo de intertextualidade, é preciso que o interlocutor busque na memória o intertexto e quais os propósitos para os quais está sendo apresentado, para que a construção seja feita na sua totalidade e o sentido não seja prejudicado. De acordo com as autoras (p. 93),

[...] nas produções textuais marcadas por esse tipo de intertextualidade, o autor não apresenta a fonte, porque pressupõe que já faça parte do conhecimento textual do leitor. Então, para a produção de sentido, o leitor deve estabelecer o “diálogo” proposto entre os textos e a razão da recorrência implícita a outro(s) texto(s).

Koch e Elias (2012, p. 93) frisam que na intertextualidade implícita importa relevar o papel do produtor na manipulação das informações referentes ao intertexto, bem como os objetivos dessa manipulação para determinados efeitos de sentido, seja na publicidade, jornalismo, humor etc.

É claro que muitos casos de intertextualidade implícita são observados a partir das relações estabelecidas em textos verbais. Mas podemos encontrar marcas do fenômeno em textos multimodais, como no exemplo:

FIGURA 10 – Sobremesa



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/gwR67. Acesso em: 24/01/2020

38) **Mania de Você**

Rita Lee

Meu bem, você me dá água na boca
 Vestindo fantasias, tirando a roupa
 Molhada de suor de tanto a gente se beijar
 De tanto imaginar loucuras
 A gente faz amor por telepatia
 No chão, no mar, na lua, na melodia
 Mania de você
 De tanto a gente se beijar
 De tanto imaginar loucuras
 Nada melhor do que não fazer nada
 Só pra deitar e rolar com você
 Nada melhor do que não fazer nada
 Só pra deitar e rolar com você
 Meu bem, você me dá água na boca
 Vestindo fantasia, tirando a roupa
 Molhada de suor de tanto a gente se beijar
 De tanto imaginar loucuras
 A gente faz amor por telepatia
 No chão, no mar, na lua, na melodia
 Mania de você
 De tanto a gente se beijar
 De tanto imaginar loucuras
 Nada melhor do que não fazer nada
 Só pra deitar e rolar com você
 Nada melhor do que não fazer nada
 Só pra deitar e rolar com você
 Com você, com você
 Nada melhor, nada melhor
 Do que não fazer nada
 Nada melhor do que não fazer nada
 Só pra deitar e rolar com você

Rolar, rolar, rolar, rolar com você
Rolar, rolar, rolar, rolar com você

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/bEJMU. Acessos em 14 de fev. de 2020

A figura 10 retrata um caso de intertextualidade implícita em que há a necessidade, por parte do leitor, de resgatar o texto fonte através das pistas dadas pelos elementos, verbais e não verbais, que compõem o texto. Só é possível compreender o sentido pretendido pelo produtor da imagem, se o leitor recuperar a letra da música *Mania de Você*, da cantora Rita Lee.

Piègay Gros (2010) também observou a intertextualidade sob essa mesma perspectiva, quanto aos aspectos de explicitude e implicitude que envolvem o fenômeno. Entretanto, como destacam Souza Santos e Nobre (2019, p.6), as noções de implicitude da autora não se resumem a apenas a noção da presença/ausência de autoria, mas focam também, em casos como a alusão, em remissão “de forma velada a outro texto”, focando “na construção do processo intertextual que se constituirá estando presente ou ausente a autoria”.

Outro caso que faz referência a esse tipo de intertextualidade é o *détournement*, “efetuado por meio de substituições, supressões, acréscimos, transposições operadas sobre o texto-fonte.” Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 93) citam o exemplo abaixo para marcar esse tipo de intertextualidade implícita:

FIGURA 11 - Celular



Fonte: Koch e Elias (2012, p. 93)

A figura 11 é um exemplo de intertextualidade implícita, marcada como *détournement*, haja vista que houve uma alteração na forma original de texto conhecido, com o objetivo de chamar atenção para vantagens oferecidas pela companhia aérea, visando ao conforto dos passageiros ao receber notificações pelo celular. Podemos resgatar o texto fonte, ao compreender a relação entre a imagem do aparelho e a logomarca da companhia aérea. É preciso compreender o sentido dessa relação, que é exatamente a proibição do uso do celular durante as viagens, sinalizada durante os voos pela frase: “Atenção, senhores passageiros: manter os celulares desligados”. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) afirmam que a maioria dos casos envolve a contradição do texto fonte, na maioria deles em casos de subversão. Segundo as autoras, por meio de diversas formas de transformação de textos, o *détournement* assume diversos tipos: de provérbios, frases feitas, títulos de

filmes; de textos ou títulos de textos literários; de clichês, slogans, passagens bíblicas; hinos e canções populares; fábulas tradicionais etc. A seguir, alguns exemplos citados por Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 48) para marcar esse tipo de intertextualidade:

39a) E1: “Quem vê cara, não vê coração.”
E2: “Quem vê cara não vê Aids.”
(*Veja*, 17/02/1988, propaganda do Ministério da Saúde).

39b) E1: “Até que a morte nos separe.”
E2: “Até que a bebida nos separe.”
(*Veja*, 18/7/1988, mensagem do AAA).

39c) E1: “Pense duas vezes antes de agir.”
E2: “Aja duas vezes antes de pensar.”
(Chico Buarque, “Bom Conselho”)

39d) E1: “Para bom entendedor, meia palavra basta.”
E2: “Para bom entendedor, meia palavras bas.”
(Luis Fernando Veríssimo, “Mínimas”)

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) destacam que esse tipo de intertextualidade pode dar autoridade a um enunciado (captação) ou destruir a autoridade de outro provérbio para um determinado fim (subversão). Koch (2017, p. 144) salienta que nos casos de captação, destacam-se as paráfrases, “mais ou menos próximas do texto fonte”; e que nos casos de subversão, “incluem-se enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, formulações de tipo concessivo, entre outras.” Afirmam também que nos casos em que houver subversão, é importante que o leitor consiga fazer a relação intertextual, ativando, em sua memória discursiva, o texto fonte, pois, se isso não ocorrer, o leitor não conseguirá construir o sentido pretendido pelo produtor do texto. As autoras destacam que, no caso da captação, também é importante que haja esse resgate por parte do leitor, mas consideram que, nesse caso, há uma maior facilidade do leitor construir a relação intertextual, pois os textos produzidos com essa implicitude são, na maioria das vezes, paráfrases que se aproximam do texto-fonte. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 45-51),

[...] o objetivo é levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele, ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original. [...] o *détournement* envolve, em grande parte dos casos de subversão, uma contradição ao texto fonte, por intermédio da negação

de uma parte ou do todo, pelo apagamento da negação que aquele encerra, ou, ainda, pelo acréscimo de expressões adversativas.

No trecho abaixo, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 34) apresentam um caso em que a subversão (autor contrário à voz do texto fonte) acontece através de uma voz genérica, mas que a intertextualidade implícita é resgatada dentro de uma memória popular compartilhada.

40) (...) Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar (...)

O que acontece no exemplo 40, em relação ao resgate por parte do leitor, é uma recuperação do texto fonte por se tratarem de ditos populares. Essa análise é feita por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), em que elas consideram que há um enunciador que representa uma voz popular, por isso chamado por elas de genérico, e que a relação intertextual é certa de acontecer. As autoras ressaltam a importância do reconhecimento do intertexto pelo leitor, pois quando não ocorrer, poderá comprometer a construção do sentido do texto.

No exemplo 41, vemos um caso de captação destacado por Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p.39) de ampla circulação, por se tratar de um trecho do Hino Nacional, e que remete ao texto fonte, que é o famoso poema “Canção do Exílio”.

41) [...]

Do que a terra mais garrida,

Teus risonhos, lindos campos têm mais flores

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida, em teu seio, mais amores...

[...]

As autoras realçam que há casos especiais, no que se refere à recuperação, em que o objetivo do produtor é que não aconteça esse resgate do texto fonte, uma vez que a intenção do autor do texto é fazer com que o texto seja confundido como de autoria própria, como acontece no plágio, caso particular de intertextualidade implícita. O plágio é considerado um caso extremo de captação (o autor concorda com a voz do texto fonte). Piègay-Gros (1996) diz que o plágio é uma citação não marcada. Em outras palavras, não há uma marcação de autoria, mesmo citando

uma outra obra. A autora (p. 224) afirma que “o plágio está para a intertextualidade implícita, assim como a citação está para a intertextualidade explícita”. Metaforicamente, o plágio é visto como furto ou roubo. O peso da responsabilidade autoral sobre ele é proporcional àquilo que foi plagiado. Souza Santos e Nobre (2019) descrevem que o plágio tem uma relação história com a apropriação de homens e escravos livres na Roma Antiga. Posteriormente, o conceito ganhou outro significado, sendo direcionado à imprensa.

Genette (2010, p.8) considera o plágio a forma menos canônica e menos explícita da intertextualidade marcada por copresença, “empréstimo não declarado, mas ainda literal.” Para marcar a relação entre o plágio e a simples citação das ideias alheias, Piègay-Gros (1996, p. 226) destaca que

A condenação ao mesmo tempo moral e jurídica (a título de falsificação) do plágio mostra que a citação permite um equilíbrio, certamente precário, mas necessário, entre a circulação de ideias e o respeito pela propriedade literária. Compreende-se que esteja estreitamente ligada ao plágio, pois o que os diferencia é a simples marcação do empréstimo.

Genette (2010) dá destaque para o grau de explicitude de alguns desses casos, sublinhando que a citação é mais explícita e mais literal, enquanto o plágio é menos explícito. Segundo o autor, outro caso referente à implicitude em torno da intertextualidade é a alusão, considerada por ele (p. 8) “ainda é menos explícita e menos literal, isto é, cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele (texto) e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete.” Se essa percepção não chegar ao leitor, dificilmente ele encontrará sentido. O autor ainda sublinha que, além da implicitude, este estado do intertexto às vezes pode ser totalmente hipotético. Souza Santos e Nobre (2019) acentuam que a alusão é realizada por meio de pistas que atuam em diálogo com o leitor por meio da sua memória, recuperando, assim, o intertexto.

Segundo Piègay-Gros (1996, p. 226), a alusão muitas vezes é comparada à citação, mas os dois tipos assumem posturas distintas: a considerar que a alusão não é “nem literal nem explícita, pode aparecer mais discreta e mais sutil.” Destaca também que a utilização da alusão pode caracterizar certo grau de genialidade, pois é preciso trabalhar de modo a resgatar da memória do leitor a relação pretendida entre os textos, sem quebrar a sua continuidade. É preciso que o leitor entenda, nas entrelinhas, as intenções do produtor, que se baseia, para isso, num jogo de

palavras para levar o leitor a determinado fim. Souza Santos e Nobre (2019, p. 15) ainda pontuam que alusão também pode assumir uma proximidade com a referência, fazendo distinção do conceito de referência nos estudos da referenciação, e destacam que

A diferença é, portanto, a nosso ver, o fato de que explicitamente a referência coloca o trecho de um texto em prol da construção de outro, por meio de paráfrases, citações indiretas, por exemplo, não se constituindo como citação, colocação literal e demarcada, ou mesmo como uma alusão, que ganha força a partir da memória do leitor. A referência acontece ainda quando, por exemplo, é feita menção ao personagem ou ao contexto de uma obra, sem que a obra seja efetivamente citada.

Piègay-Gros (1996) pontua que nessa relação entre leitor e produtor “há uma certa cumplicidade”, por meio de mecanismos utilizados pelo produtor e que são compreendidos pelo leitor. A alusão faz relação a outro texto, mas sem a caracterização de marcação de autoridade, citando o autor, por exemplo, como acontece com a citação, mesmo fazendo atribuição a discurso conhecido. A autora ainda pontua que a manifestação clara da fonte “desmonta o mecanismo da alusão”. Piègay-Gros (1996, p. 226) frisa que

[...] a alusão ultrapassa em muito o campo da intertextualidade. Da mesma forma que podemos citar escritos não literários, podemos também remeter, por alusão, à história, à mitologia, à opinião ou aos costumes: estes são os três tipos de alusão que Fontanier distingue, aos quais ele acrescenta a alusão verbal, que, “consiste apenas de um jogo de palavras”. Esta é de fato a etimologia da palavra – alusão – o latim *allusio* vem *ludere* (brincar, jogar).

Ainda a respeito da implicitude, Carvalho (2018) marca a alusão como um tipo de intertextualidade implícita, considerando-a como uma referência indireta. Para a recuperação do intertexto, é preciso que haja um maior esforço por parte do interlocutor. Faria (2014) considera a alusão e a referência dentro de um mesmo conjunto, uma vez que tanto um como outro não objetiva a literalidade.

De posse dessas delimitações, damos destaque a esse tipo de relação de intertextualidade estabelecida em textos multimodais, como no exemplo:

FIGURA 12 – Pedra no caminho



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/aipV6. Acesso em: 24/01/2020.

42) No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra

En Revista de Antropofagia, 1928
 Incluído em Alguma poesia (1930)

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/alFQ9. Acesso em 14 de fev. de 2020

Partindo do pressuposto de que o leitor conhece o texto fonte aludido no cartum, compreende-se que o sentido foi construído de acordo com as intenções do

produtor, a partir de uma relação entre o cartum e o conhecido poema de Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho”. Trazendo o foco para o aspecto multissemiótico da figura 12, observamos que o reforço trazido pela composição das imagens ao poema também tem sua importância devido à caracterização daquilo que é relatado sob o aspecto verbal, contribuindo para a construção pretendida pelo produtor, ratificando que é possível observar que o fenômeno da intertextualidade ultrapassa os limites do verbal, solidificando ainda mais a nossa proposta de identificar a intertextualidade em memes.

E para estender ainda mais a nossa compreensão acerca da alusão em textos multimodais, selecionamos mais um exemplar para mostrar a relação do verbal e o não verbal na construção de sentidos por meio desse mecanismo intertextual:

FIGURA 13 - Monalisa



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/aipV6. Acesso em: 24/01/2020.

Assim como no cartum, podemos resgatar o texto fonte na figura 13 através da relação entre os elementos multissemióticos, que nos dão pistas para que esse resgate seja efetivado. Pela pose da pessoa retratada, o cabelo escuro e longo, a roupa escura e o jogo de cores, além do texto verbal “mon bijou deixa sua roupa uma perfeita obra-prima”, é possível compreender que o texto fonte aludido faz

referência à obra de arte do pintor Leonardo da Vinci, Mona Lisa. Não há objetivamente uma relação com a obra do pintor, mas a obra pode ser resgatada pelas marcas ora mencionadas, chegando ao sentido pretendido pelo produtor, que é passar a impressão de que, usando o produto de limpeza, a roupa ficará semelhante a uma obra de arte.

A intertextualidade pode ser identificada pela combinação desses elementos, confirmando, mais uma vez, que o fenômeno da intertextualidade não se limita ao aspecto verbal. Piègay-Gros (1996, p. 227) afirma que “de uma maneira geral, a alusão será tanto mais eficaz quanto mais ela puser em jogo um texto conhecido, do qual a associação de uma ou duas palavras será o bastante para estabelecer uma conexão.” Essa mesma relação pode ser estendida para a compreensão de textos que assumem mais de uma semiose na sua estrutura. A partir das considerações de Piègay-Gros (1996), podemos estender o mesmo raciocínio para as relações em textos com mais de uma semiose, afirmando que a alusão nessa modalidade de texto terá maior eficiência quanto mais associações houver, seja entre as imagens ou entre as imagens e o texto verbal.

Souza Santos e Nobre (2019, p.8) sublinham que a alusão pode ser confundida com a referência, pois na sua constituição pode ter uma pista que faz referência a outro texto; e podem ocorrer concomitantemente. E no que se refere à construção de sentidos, os autores pontuam que, mesmo a alusão não sendo recuperada, não é impossível essa construção, como nos casos de propósito argumentativo. Os autores lançam mão das letras de música abaixo para exemplificar um caso de alusão em textos verbais:

**43a) Coração Selvagem
(Belchior)**

[...]
Meu bem, vem viver comigo,
vem correr perigo,
vem morrer comigo
Meu bem, meu bem, meu bem

Talvez eu morra jovem,
alguma curva no caminho
Algum punhal de amor traído completará o meu destino
[...]

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/qzHJ6. Acesso em 08 de fev. de 2020.

**43b) As curvas da estrada de Santos
(Roberto e Erasmo Carlos)**

Se você pretende saber quem eu sou
Eu posso lhe dizer
Entre no meu carro na Estrada de Santos
E você vai me conhecer
Você vai pensar que eu

Não gosto nem mesmo de mim
E que na minha idade
Só a velocidade anda junto a mim

Só ando sozinho e no meu caminho
O tempo é cada vez menor
Preciso de ajuda, por favor me acuda
Eu vivo muito só

Se acaso numa curva
Eu me lembro do meu mundo

Eu piso mais fundo, corrijo num segundo
Não posso parar

Eu prefiro as curvas da Estrada de Santos
Onde eu tento esquecer
Um amor que eu tive e vi pelo espelho
Na distância se perder

Mas se amor que eu perdi
Eu novamente encontrar, oh, oh
As curvas se acabam e na Estrada de Santos
Eu não vou mais passar
Não, não, não, não, não, não

Na Estrada de Santos as curvas se acabam
E eu não vou mais passar
Não, não, não
Oh, na Estrada de Santos as curvas se acabam

Disponível em: encurtador.com.br/qsyS7. Acesso em: 08 de fev. de 2020

Como na análise dos autores, é possível perceber que na música de Belchior o eu-lírico expressa a possibilidade de morrer jovem e numa curva, fazendo relação com a letra de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, que também apresenta a mesma possibilidade.

Além dessas classificações a respeito da intertextualidade *scripto sensu*, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 63) abordam ainda a intertextualidade genérica e a intertextualidade tipológica. A primeira assume como essência “as relações intertextuais no que diz respeito à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo, permitindo ao falante, devido à familiaridade com elas, construir na memória um modelo cognitivo de contexto.” Como sublinham as autoras, os modelos servem

para monitorar os eventos comunicativos. Diz respeito ao conhecimento que circundo tais situações e se aplicam ao reconhecimento dos estilos, formatos e conteúdo dos gêneros textuais. Nobre (2014) pontua que esse tipo de intertextualidade marca as características de vários gêneros em um texto híbrido.

Quanto à intertextualidade tipológica, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) afirmam que se dá a respeito de características comuns que sejam relacionadas ao léxico, ao uso de tempos verbais, advérbios e outros elementos dêiticos em uma determinada classe como sequências ou tipos textuais – narrativas, descritivas, expositivas etc. Destacam ainda que esse conhecimento por parte dos leitores é que facilitam a construção e reconstrução dessas sequências. Não vamos discorrer com afinco sobre esses dois tipos de intertextualidade, pois, diante da coleta de exemplares para a nossa análise, percebemos que essas duas classificações fogem à nossa proposta, considerando que elegemos um gênero para descrevermos a relação entre o fenômeno da recategorização e a intertextualidade e não objetivamos, na sua constituição, apontar marcas que estejam relacionadas a outros gêneros ou sequências textuais que possam a ele remetê-lo.

Antes de adentrarmos às explanações acerca de outras categorias intertextuais usadas por Piègay-Gros (1996), é de grande importância destacar o posicionamento de Araújo (2014, p. 8), que, apoiada na proposta de Mozdzenski (2009), trouxe algumas contribuições acerca da noção do uso dessas categorias em intertextos multimodais. A autora usou, por exemplo, a noção de explicitude e implicitude abordada por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) ao analisar o fenômeno da intertextualidade em algumas imagens, como podemos ver:

FIGURA 14 – Pietá, de Michelângelo



Fonte: Araújo (2014, p.8)

FIGURA 15 – Pietá, de Jan Fabre



Fonte: Araújo (2014, p. 9)

FIGURA 16 – Pietá, foto de Samuel Aranda



Fonte: Araújo (2014, p. 12)

Considerando a figura 14 como o texto fonte, Araújo (2014) analisou as relações intertextuais nas figuras 15 e 16 e pontuou a primeira (15) como intertextualidade explícita e a segunda (16) como intertextualidade implícita, utilizando os mesmos critérios propostos por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), mostrando que é possível constatar tais relações levando em conta textos com mais de uma semiose, assim como iremos abordar nas nossas análises acerca do fenômeno em memes mistos e imagéticos.

Além dos casos de copresença, quais sejam, referência, citação, alusão e plágio, Piègay-Gros (1996, p. 230), também destacou os casos de derivação, a partir da perspectiva assumida por Genette (2010): paródia, travestimento burlesco e pastiche. A autora afirma que a paródia engloba o pastiche, mas é distinto do travestimento burlesco. Segundo ela, “a paródia mais eficaz é exatamente aquela que segue o mais proximamente possível o texto que ela deforma”. Genette (2010) considera a paródia como o uso literal de um texto em um contexto diferente para o qual ele foi destinado e considera o desvio como sua marca. Segundo o autor, a paródia assume outras perspectivas, além da recontextualização, podendo ser visto também como um meio de deformação para fins lúdicos ou satíricos através da imitação de um estilo.

Como realçam Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 136), “a paródia repete formas/conteúdos de um texto para lhe emprestar um novo sentido, podendo alterá-lo, inclusive, o gênero a que pertence [...], o que redundaria em outras

transformações, como a mudança do propósito comunicativo, do tom e de alguns aspectos estilísticos” e que podem assumir como propósito discursivo o humor, a crítica etc. Segundo Piègay-Gros (1996), muitas vezes a paródia é relativamente breve por assumir trechos do texto fonte em pontos específicos dos textos modificados que caracterizam a paródia, não podendo assim ser realizada em muitas páginas. A paródia foca na transformação de um texto, na mudança do seu conteúdo, mesmo havendo a manutenção do seu estilo.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 137) citam o exemplo a seguir para marcar esse tipo de intertextualidade (paródia da música “Já sei namorar”, dos tribelistas”:

44) Já sei bombardear

Os belicistas (W. Busch, Collin Powell)

Já sei bombardear
Já sei armar o míssil agora só me falta atirar

Já sei invadir
Já sei peitar a ONU agora só me falta explodir

Não tenho paciência pra negociação
Eu tenho é mania de perseguição
Não ouço ninguém, acuso todo mundo o Bin Laden e o Hussein
Não livro ninguém, exploro todo mundo acho que o mundo é meu também
Já sei derrubar
Já sei jogar a bomba na tua base militar
Eu sou o juiz, e não tô nem aí pra tantas vidas de civis

Peguei experiência com o Afeganistão
Se antes eu falhei, agora num erro não.
Não ouço ninguém, até o Collin Powell tá igual a mim também
Não livro ninguém, primeiro o petróleo depois Amazônia também

Eu to querendo, Sadan Hussein
Eu to querendo, tudo o que tiver
Tô te querendo, não tem pra ninguém
Tô te querendo, petróleo do Hussein...

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/hzKR1. Acesso em 14 de fev. de 2020.

O conteúdo é modificado, obedecendo ainda a uma estrutura que faz relembrar o texto fonte. Essa é característica que faz a paródia ser reconhecida como um processo intertextual.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) destacam que a intertextualidade estilística descrita outrora engloba os casos de paródia e pastiche. E ainda salientam que o *détournement* é um caso de intertextualidade muito próximo da paródia, mas que

não chega a transformar um texto inteiro, e que o processo é feito por meio de alusões a outro texto. As autoras não precisaram tal tipo de intertextualidade na classificação proposta por Piègay-Gros (1996), apenas pontuaram que talvez esteja entre a copresença e a derivação.

Para concluir a estruturação da percepção do que é a paródia, Cavalcante, Faria e Carvalho (2017, p. 17) defendem que “a paródia consiste nas transformações que operam desvios de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto fonte, sempre com finalidade humorística, podendo ou não apresentar outras finalidades, como a crítico-apreciativa”. As autoras destacam que todas as transformações humorísticas, desde aquelas com mais sutileza até as que tragam um rebaixamento de um texto com mais seriedade devem estar sob este rótulo. O exemplo seguinte é dado pelas autoras para marcar esse tipo de derivação:

FIGURA 17 – O grito



Fonte: Cavalcante, Faria e Carvalho (2017, p. 17)

De acordo com a análise das autoras, o famoso quadro O grito, de Edvard Munch é retratado na segunda imagem da figura 17 como uma paródia do quadro original, considerando que o conteúdo foi alterado, mantendo a forma, com o objetivo de trazer humor a partir da relação das festas de fim de ano com o aumento de peso.

Já o travestimento burlesco, segundo Piègay-Gros (1996, p. 234), ao contrário da paródia, retoma o tema, mas se afasta da forma do texto fonte, pois “trata-se de uma suposta memória de fatos e episódios, de temas e personagens, pois sua eficácia depende do reconhecimento do texto no qual ele se insere”. É visto como a reescritura de um estilo a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado e a paródia é vista como a transformação de um texto e modificação do seu conteúdo. Segundo a autora, o travestimento burlesco é uma variação da paródia. Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 140), compreendem que o travestimento burlesco consiste na “reescritura do estilo de um texto cujo conteúdo é conservado”. Sublinham ainda que assume como finalidade a sátira e usam como exemplo uma situação em que um mendigo famoso é travestido de rei.

Como destaca Piègay-Gros (1996), o pastiche surge remetendo à França do século XVIII, numa relação com a imitação de mestres da pintura da época. Segundo a autora, o pastiche foca na imitação de um estilo, independente da escolha do tema. Segundo a sua visão (p. 238), “ao contrário da paródia, a imitação de um estilo não supõe a retomada literal de um texto”. Ela realça que, como imitação de estilo, o pastiche assume uma prática formal e não deve, necessariamente, respeitar o tema do texto. Já Koch, Bentes e Cavalcante (2012) afirmam que o pastiche é aceito pelo senso comum como estratégia de satirização, observando o estilo do autor ou movimento de uma época. Segundo as autoras, o pastiche também pode ser usado para afastar o estilo do autor ou pode atender a outros propósitos, até mesmo fazer uma homenagem. Utilizamos aqui um exemplo das autoras (2012, p. 141) para retratar um caso de pastiche:

45) À maneira de Alberto de Oliveira
(Manuel Bandeira)

Esse que em moço ao Velho Continente
Entrou de rosto erguido e descoberto
E ascendeu em balão e, mão tenente,
Foi quem primeiro o sol viu mais de perto;

Águia da Torre Eiffel, da Itu contente
Rebento mais ilustre e mais discreto,
É o florão que nos falta (e não no tente
Glória maior), Santos Dumont Alberto!

Ah, que antes de morrer, como soldado
Que mal-ferido da refrega a poeira
Beija do chão natal, me fora dado

Vê-lo (tal Febo esplende e é luz e é dia)

Na que chamais de Letras Brasileira,
Ou melhor nome tenha, Academia.

Antes de concluirmos as explicações referentes à intertextualidade, não podemos deixar de sublinhar a observação de Faria (2014) quando cita Piègay-Gros (1996), destacando que a autora faz uma releitura da classificação de Genette (2010), mas, segundo Faria (2014), não leva em consideração alguns critérios utilizados pelo autor, como a transformação e imitação. Como ainda sublinha Faria (2014), a autora considera a copresença e derivação como processos excludentes. Faria, através do exemplo abaixo, mostra que os dois processos podem assumir uma estreita relação num mesmo texto, como no caso seguinte, citado pela autora (p. 49):

45) ORAÇÃO PARA ANTES DA NIGHT

Whisky e Vodka que estão no bar
Alcoolatrado seja o nosso fígado
Venha a nós o copo cheio
Seja feita a nossa cachaçada
Assim no boteco como na calçada
O "mé" nosso de cada dia nos dai hoje
Perdoai as nossas bebedeiras
Assim como nós perdoamos
A quem não tenha bebido
E não nos deixeis cair na Coca Diet
Mas livrai-nos da bÍlis Barman...

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/kFHRZ. Acesso em 14 de fev. de 2020.

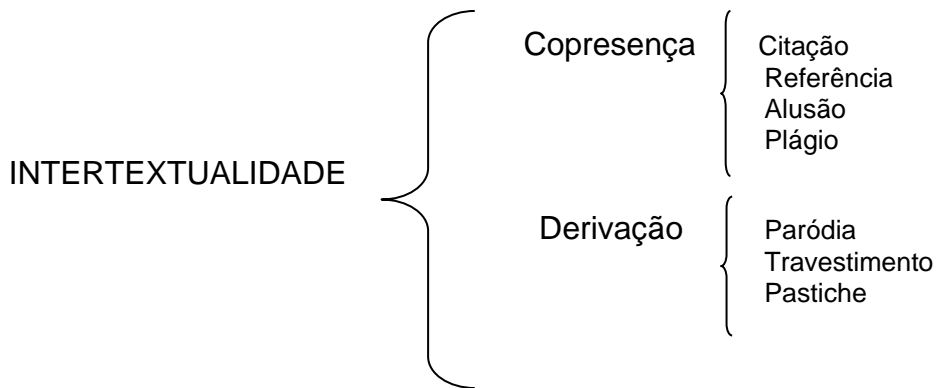
Segundo a análise de Faria (2014), algumas marcas no texto fazem alusão ao texto fonte, como “venha a nós, seja feita, perdoai, assim como etc.”, e são essas alusões que constroem o novo texto, classificado, de acordo com a proposta de Genette (2010), como pastiche, provando que é possível haver uma relação entre os dois processos – copresença e derivação -, não sendo, assim, excludentes. É sob essa percepção que conduziremos as nossas análises, considerando que num mesmo texto, há a possibilidade de relacionar mais de uma classificação, de acordo os processos envolvidos.

É importante ainda frisar que Piègay-Gros (2010), segundo Faria (2014), sublinhou que o lúdico e o satírico, respectivamente, fazendo referência à paródia e ao travestimento, não devem ser separados dessa maneira. E que essas categorias

de função não são estanques e devem ser consideradas pelo leitor no momento em diferentes textos.

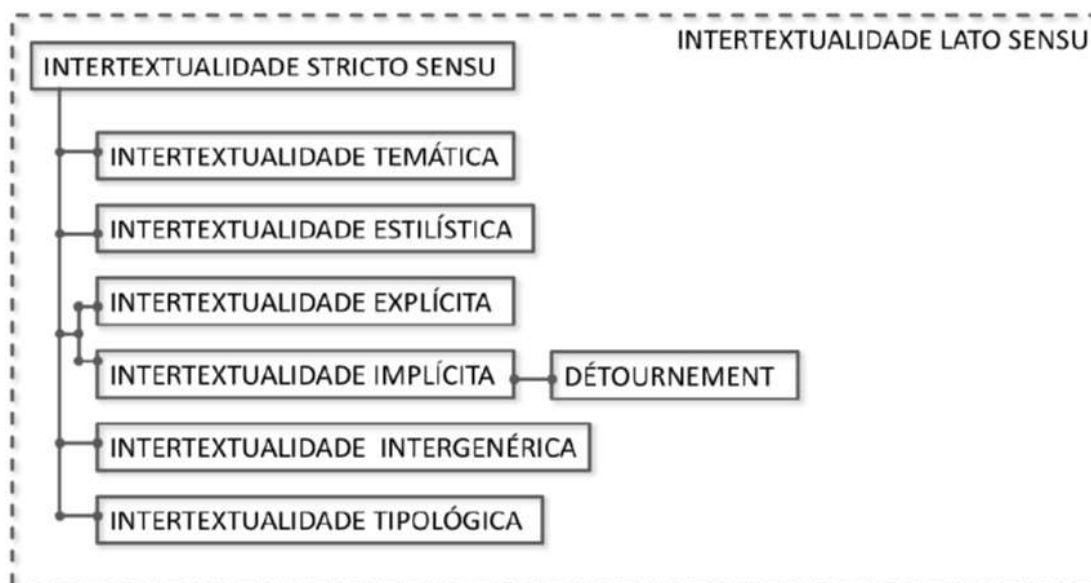
Piègay-Gros (1996) estrutura os casos de intertextualidade da seguinte forma:

FIGURA 18 – Intertextualidade por Piègay-Gros (1996)



Fonte: autoria própria

Percebemos, a partir do exposto por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), que há uma preocupação em mostrar que as relações intertextuais estão presentes em diferentes modalidades de textos. Apesar de elas optarem por apresentar, em maior quantidade, a intertextualidade no texto verbal, elas se preocupam em explorar, também, exemplos que contenham o verbal e o não verbal na construção dessa relação. Para resumirmos a perspectiva ora apresentada, pedimos emprestado a Nobre (2014, p. 73) o esquema por ele organizado a respeito da proposta das relações intertextuais por Koch (2004), seguido pela abordagem de Koch, Bentes e Cavalcante (2012):

FIGURA 19 – Intertextualidade por Koch (2004)

Fonte: Nobre (2014, p. 73)

Por muito tempo o fenômeno da intertextualidade foi visto apenas sob a ótica do texto verbal. É necessário ampliar cada vez essa gama de possibilidades de análise do fenômeno, a considerar que, com a evolução tecnológica, outros gêneros surjam e outros sejam modificados. Independente da constituição genérica, o importante é adestrar a nossa visão para compreender que todos os componentes do texto, sejam verbais ou não verbais, são essenciais para a construção dos sentidos ali pretendidos, como acontece nos casos que envolvem a intertextualidade.

De posse dessas informações, a nossa visão fica mais clara no que diz respeito à constituição dos textos multimodais para embasamento do fenômeno da intertextualidade. A nossa pesquisa se baseia em memes, gênero que envolve mais de uma semiose, para identificar a relação entre o fenômeno da recategorização e a intertextualidade.

Toda a explanação deste tópico nos direciona para um melhor entendimento acerca dos mecanismos da intertextualidade em textos constituídos de mais de uma modalidade, especificamente o gênero meme, não enfocando nas formas que caracterizam o fenômeno, isoladamente falando, mas nos mecanismos intertextuais que podem direcionar o leitor para os efeitos de sentidos pretendidos a partir da perspectiva de que mais de uma categoria por ser levada em consideração em um mesmo texto.

Partiremos, então, no próximo item, para os aspectos que envolvem a constituição e origem do gênero meme.

2.2 O meme

Para compreendermos o que hoje conhecemos como meme, é preciso retomar a ideia inicial de Richard Dawkins, na sua obra *O gene egoísta*. Nessa obra, ele trata a cultura humana como replicador, comparando, assim, com o gene humano. O termo surgiu de “mimeme”, termo de raiz grega, que lembra ‘memória’. Para que houvesse uma semelhança com o termo ‘gene’, a palavra foi reduzida. A intenção do teórico Richard é considerar o meme como um propagador da cultura humana, no sentido de imitação.

Na sua obra, ele faz menção a Jenkins, cujo trabalho faz uma descrição do comportamento de aves em ilhas próximas à Nova Zelândia. Ele observou que as aves imitavam sons que eram repetidos por outras aves. Quando uma ave não conseguia imitar o som com perfeição, seja pela altura de uma nota ou mistura com outros cantos já existentes, outro som era gerado e um novo canto surgia. Jenkins considerou essas mudanças como “mutação cultural”. Quando partimos para a observação do comportamento humano, compreendemos que a linguagem, como mostra Dawkins (1976), é uma das marcas dessa mudança cultural. Mas podemos observar também que essas mudanças podem ser vistas na arquitetura, moda e alimentação, por exemplo, como ressalta o autor.

Com base nesses comparativos, Dawkins (1976, p. 112) mostra que

Exemplos de memes são melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro.

Considerando que o estudo de Dawkins faz uma analogia entre a transmissão cultural e a transmissão genética, partimos desse comparativo para entender como se dá a constituição do que hoje conhecemos como meme, no meio digital.

Para chegarmos ao conceito de meme, precisamos entender, a partir de Horta (2015), o caminho que consolidou essa nomenclatura usada socialmente para determinar uma estrutura genérica cuja função pode assumir posturas variadas, destacando a satírica e humorística. O termo teve seu primeiro registro em 1998, quando Joshua Schachter criou o site *Memepool*, que continha links que viralizaram.

No início dos anos 2000, Jonah Peretti reuniu alguns amigos num festival que tratava de materiais que viralizaram na internet. No mesmo período, em uma série de entrevistas, muitas manifestações da cibercultura receberam o nome de meme, como parte de um fenômeno conhecido como *digital trash*. Dentre outros significados, *trash*, segundo Lemos (2005), quando relacionado a meme, é visto como “lixo”, no sentido de excesso de informações ou de material cibernético de baixa qualidade, produzido sem muita elaboração. Lemos (2005, p. 15) explica esse sentido ao dizer que

A apropriação social das máquinas de comunicação, como quer Perriault, se dá como um método de improvisação, onde os desvios do uso são responsáveis pelos desenvolvimentos na indústria da informática e por sua popularização. Assim, a sociedade da informação entra numa fase de excesso e de profusão desenfreada de informações, de “lixo”.

Além desse momento inicial, a expansão da internet, nos anos 1990, para além do meio acadêmico e o surgimento da Internet 2.0, que começou a fazer parte do cotidiano familiar, também impulsionaram o uso do termo.

Seguindo o pensamento de Horta (2015), há muitos materiais encontrados na Internet que assumem essas características de produção inferior, em comparação a outros produtos: montagens, fotografias, frases no *Twitter*, como afirma a autora. Entretanto, precisamos definir aqui que o meme, ao qual estamos nos referindo, assume características que podem ser vistas como padronização: geralmente, eles são apresentados através de um misto entre imagem e texto, sendo que a imagem são recortes de pessoas ou figuras famosas, ou que se tornaram famosas por algum episódio, ou também de situações comuns do dia a dia, a partir de um evento marcante que também viralizou na internet.

Uma das suas primeiras manifestações, segundo Lemos (2005), aconteceu em 1998, em que um jornalista, no momento em que fazia a cobertura de um evento em Caxias do Sul (RS), foi eletrocutado e a transmissão ao vivo foi cancelada e os

telespectadores não puderam compreender o que aconteceu exatamente. Anos depois, o mesmo jornalista passa a levar vários choques, que se tornaram públicos e icônicos. Por causa desses eventos, a imagem do jornalista ficou em destaque, sendo reproduzida por meio de montagens.

Podemos observar que o meme, como é conhecido hoje, sempre vem acompanhado de um viés ideológico, travestido de humor. E como em toda ideologia, não podemos descartar o contexto de produção e recepção do meme. Na maioria dos casos, é assim que eles são retratados. Diante dessas características, hoje bem marcadas, e não usamos aqui o termo “consolidadas” porque a mutação desse gênero tem sido constante, mas já apresenta certa consistência, pois há mais de dez anos vem ganhando espaço no meio digital, compreendemos que o meme, como gênero, assume marcas que podem, assim, caracterizá-lo. Partimos, dessa forma, da visão de Bakhtin ([1979], 2016, p.12), que considera o gênero sob a ótica

[...] do conjunto de enunciados a partir do conjunto formado pelo conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, considerando que cada enunciado é particular, individual, e, em cada campo de utilização da língua, elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais são denominados *gêneros do discurso*”.

Marcuschi (2010) compreende o gênero como resultado de vínculos entre o social e o cultural, automaticamente ligado ao coletivo, com o objetivo de realizar atividades comunicativas. O autor considera o gênero como estrutura evolutiva, de acordo com as necessidades sociais aos quais estes estão diretamente relacionados. Ele afirma que os gêneros devem ser considerados como o uso da língua nas mais diversas situações do dia a dia, e tudo relacionado a ela está diretamente ligado a um gênero. Essa visão é ratificada por Marcuschi (2011, p. 18) ao considerar a dinamicidade dos gêneros sob a ótica do conceito de gêneros como “formas culturais e cognitivas de ação social”.

Toda essa discussão sobre a natureza dos gêneros nos faz refletir sobre muitos aspectos de sua constituição, bem como da maneira como eles são utilizados socialmente. Parece-nos claro que essas definições nos levam a uma ideia muito volátil a respeito desses conceitos, uma vez que o foco na sua *estabilidade relativa* traz uma visão de gênero como estrutura socialmente construída e modificada, dinâmica e inacabada, e com impossibilidades que impedem sua concreta

classificação. Entretanto, existe outro aspecto relevante que equilibra essa constituição: essas visões não são tão soltas, como parecem.

Marcuschi (2011) apresenta o ponto de equilíbrio nessa discussão ao delimitar o gênero sob a identidade que eles carregam, considerando que eles trazem limites estruturais que, também, delimitam as escolhas e possibilidades de uso nos mais diversos meios sociais. Em outras palavras, a constituição dos gêneros impede que se façam livres escolhas fora dos parâmetros que eles apresentam. Existe uma liberdade limitada. Essa limitação ocorre não só pelo aspecto constitucional dos gêneros, mas também pelas questões sociais que delimitam essas escolhas, pois, como afirma Koch (2015, p. 64, 65):

A escolha do gênero se dá em função dos parâmetros da situação que guiam a ação e estabelecem a relação meio-fim, que é a estrutura básica de uma atividade mediada (...). A escolha do gênero é, pois, uma decisão estratégica, que envolve uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor aos parâmetros da situação (mundos físicos e sociossubjetivo) e os usos atribuídos aos gêneros do intertexto. A escolha do gênero deverá, como foi dito, levar em conta os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes.

Podemos observar que todas essas perspectivas defendem o *social* como fator essencial para a existência dos gêneros. O gênero não pode ser concebido, e visto, sem essas possibilidades sociais, que permitem o seu uso. Marcuschi (2011) considera que o gênero deve ser observado na ação social em que ele é executado, baseado na ideia de que o gênero é uma “ação social tipificada”.

Marcuschi (2011, p. 19) considera que os gêneros

Devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional. [...] São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos.

Com base nesses posicionamentos, consideramos o meme como um gênero, cujo destaque se volta para a *remixagem* (jogo de recortes de imagens e textos verbais). É importante destacar que há memes que assumem características apenas visuais, ou imagéticas, como denominamos nesta dissertação. Lemos (2005) nos mostra a definição desse termo, ao considerar que:

O princípio que rege a cibercultura é a “re-mixagem”, conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens, *cut-up* de informação

a partir das tecnologias digitais. Esse processo de “re-mixagem” começa com o pós-modernismo, ganha contorno planetários com a globalização e atinge seu apogeu com as novas mídias (Manovich). As novas tecnologias de informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços nesse início de século XXI trazendo uma nova configuração cultural que chamaremos aqui de “ciber-cultura-remix.

Além dessa questão estrutural, o meme, para ser considerado como tal, precisa viralizar, ou seja, a mensagem nele contida precisa se tornar pública e ganhar uma grande proporção de visualização/compartilhamento, considerando a ideia de gene, defendida por Dawkins. E a partir da função social de propagar uma crítica ou apenas reportar a uma situação do cotidiano, sob um viés humorístico, ou não, podemos considerar o meme como um gênero, proveniente do meio digital, como no exemplo:

FIGURA 20 - Chapolin



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/qzAMW. Acesso em: 30/01/2020

A figura 20 exemplifica um meme, cuja ideia faz relação com a sensação compartilhada nas redes sociais de que o mês de janeiro de 2020 estava muito longo, provocando, com isso, a divulgação de memes relacionados com a temática, como no exemplo. O sentido construído só pode ser compreendido se o interlocutor compartilhar da mesma sensação apresentada no meme e/ou acompanhar as diversas postagens sobre a questão. Em outras palavras, o interlocutor precisa

necessariamente estar inserido no contexto de produção e compartilhamento (ou viralização) do meme.

As discussões apresentadas aqui se tornam base para a nossa pesquisa, uma vez que visamos a observar o fenômeno da recategorização em memes, também com um olhar voltado para a intertextualidade para, assim, alcançarmos a essência desta pesquisa que é relacionar essas teorias nas nossas análises, mais adiante.

O item posterior visa a fazer um resgate dos principais pontos teóricos até aqui discutidos. Essa retomada é importante para que, diante das explanações, possamos compreender como todos esses posicionamentos teóricos corroboram para o alcance da nossa hipótese, por meio da sintetização do que foi discutido. É uma forma de apresentar o resumo dos principais pontos, aqueles que são fundamentais para as análises.

2.3 Focalização dos aspectos teóricos

Todo o aporte teórico aqui apresentado e discutido visa mostrar como o fenômeno da recategorização foi evoluindo e apresentando novas perspectivas até chegar nas propostas relacionadas aos gêneros multimodais, foco da nossa pesquisa, além de discorrer sobre alguns posicionamentos a respeito da intertextualidade. Este tópico traz um resgate dos pontos mais relevantes do que aqui foi colocado para mostrar como a recategorização pode ser analisada a partir de uma relação com o fenômeno da intertextualidade.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) trouxeram a primeira discussão acerca do fenômeno da recategorização, numa visão puramente lexical, a considerar a identificação do fenômeno na materialidade do texto, propondo uma classificação para as ocorrências, até então identificadas por eles.

Lima (2003), a partir da proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), apresenta uma percepção do fenômeno numa perspectiva sociocognitiva, ponto não desenvolvido pelos autores, mesmo assumindo a sua existência nos casos que envolvem a argumentação, dentro das discussões sobre as recategorizações lexicais explícitas.

Lima (2009) estende a compreensão acerca da recategorização, assumindo que o fenômeno pode se revelar ou não por meio de expressões referenciais. Para isso, a autora parte das investigações de casos em que o fenômeno é licenciado por metáforas e metonímias.

Custódio Filho (2011) aponta lacunas sobre processos que envolvem a construção dos referentes, tendo como foco o texto, sob a visão da dinamicidade que o envolve, além de ser considerado como objeto multifacetado. O autor compreende a necessidade de analisar situações textuais e elementos relacionados ao contexto e com a cognição na construção dos referentes, especificamente falando sobre o papel das imagens nesse processo. A partir dessa proposta de Custódio Filho (2011), podemos compreender a gama de possibilidades em que o fenômeno da recategorização pode ser identificado e analisado, sobretudo em casos que envolvem a multimodalidade, como no gênero meme, foco das análises desta pesquisa.

Cavalcante e Lima (2015) fazem um resgate dos parâmetros que envolvem o fenômeno da recategorização: sob a perspectiva textual-discursiva; sob o caráter cognitivo-discursivo; sob os aspectos que consideram a multimodalidade. É partir desse trabalho, juntamente com as contribuições de Custódio Filho (2011), que podemos compreender como o fenômeno da recategorização pode se relacionar com a intertextualidade em memes mistos e imagéticos, a partir de elementos ou pistas textuais, não se restringindo a uma relação lexical marcada explicitamente no texto, como afirma Lima (2009, p. 57):

ii) o entendimento de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por e concentrar-se em expressões referenciais, de forma que a sua construção não se restringe a uma relação explícita lexicalmente entre um referente e uma expressão referencial recategorizadora; iii) em decorrência de ii), por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da superfície textual, isto é, em elementos radicados em modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas.

Em outras palavras, alguns memes são baseados em outros textos, a própria intertextualidade, por meio de pistas fornecidas no cotexto. E são essas pistas que corroboram para a efetivação do fenômeno da recategorização.

Além dos aspectos teóricos que envolvem a recategorização, na segunda parte deste trabalho, explanamos sobre a Intertextualidade sob a perspectiva

abordada por Piègay-Gros (1996) e redimensionada por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), sob as concepções que regem a intertextualidade *stricto sensu*, isto é, por copresença e por derivação.

O próximo capítulo é destinado às particularidades metodológicas que conduzem esta pesquisa e às análises dos dados.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a constituição do *corpus*, os procedimentos metodológicos, procedimentos de coleta e de análise. Esta etapa consiste na caracterização da metodologia que irá funcionar como guia desta pesquisa, a partir da descrição dos pontos mais relevantes que instruirão qual a linha que trará a perspectiva abordada neste trabalho.

3.1 Tipo e natureza da pesquisa

Esta é uma pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório e descritivo e tem uma abordagem de natureza qualitativa. Tal tipo de pesquisa permite uma visão geral acerca do fato pesquisado. No nosso caso, o processo de recategorização e marcas de intertextualidade a partir da investigação de memes mistos e imagéticos de temática política. A escolha por uma pesquisa qualitativa se justifica pela finalidade explicativa e compreensiva, além da visão interpretativa e interativa pela qual se sustenta esse tipo de metodologia. Nesse tipo de pesquisa, estatísticas são dispensadas, uma vez que o investigador foca em características não quantitáveis. Nesse caso, os critérios para seleção são observados de acordo com pontos que marquem e unifiquem a seleção. Segundo Oliveira (2008, p. 8), esse tipo de pesquisa tem como base a ideia de interação e construção de sentidos assumidos pelo homem socialmente. A autora afirma que “o pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos.”

Baseado em Moreira (2002), Oliveira (2008, p. 14) elenca as principais características da pesquisa qualitativa:

- 1) A interpretação como foco; nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes;
- 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes;
- 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição *a priori* das situações;
- 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise;
- 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência;
- e 6) O reconhecimento de que há uma influência

da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

Por também ser descritiva, esta pesquisa assume como característica descrever ao máximo os assuntos que a sustentam, quais sejam, a recategorização e a intertextualidade, revisando as teorias que marcam esses estudos. E por ser exploratória, esta dissertação busca identificar um objeto de estudo ou problematização, com base nas teorias escolhidas, abrindo possibilidades para discussões futuras.

3.2 Constituição do *corpus*

Coletamos 20 (vinte) memes com temáticas políticas, no segundo semestre de 2018, um deles foi coletado em 2019, referentes ao período eleitoral brasileiro. Dentre eles, depois de analisá-los, selecionamos 10 (dez) memes, sendo 1 (um) apenas imagético e 9 (nove) mistos, observando nestes os referentes recategorizados, além de elementos sinalizadores do fenômeno da intertextualidade. Utilizamos como amostra para análise cinco exemplares, sendo um apenas imagético e quatro mistos. Optamos por essa temática, uma vez que observamos a forte ocorrência do fenômeno da recategorização em memes que envolvem assuntos dessa natureza. É importante destacarmos aqui que optamos pela nomenclatura “memes mistos e imagéticos”, considerando as mais diversas características assumidas pelos memes, sejam eles compostos por semioses verbais, não verbais, verbais e não verbais concomitantemente.

É importante ressaltar que é essencial que na amostra coletada haja marcas relacionadas ao contexto social nacional, considerando que os memes só fazem sentido quando os interlocutores dominam o contexto no qual estão inseridos. Não descartamos análises que tenham relação com algum contexto internacional, desde que haja relação com algum acontecimento brasileiro.

Os memes foram selecionados a partir de alguns perfis do Facebook que divulgam, especificamente, este gênero. São eles: 1. Memes do Lula; 2. Corrupção Brasileira Memes; 3. Eleições 2020 Memes; 4. João Machado; 5. Direita Rondônia; 6. Don Edgard MTD. E de um perfil do Instagram: @pt.inder. Os exemplares foram

selecionados, considerando os acontecimentos políticos relacionados ao período entre o primeiro semestre de 2018 e o segundo semestre de 2019. Tais perfis assumem posicionamentos totalmente políticos, voltados para críticas relacionadas a assuntos da política brasileira discutidos na mídia e que ganharam repercussão nacional. Essas páginas descrevem diariamente situações políticas, através de jogos de imagens (com ou sem estruturas verbais). A intensidade das postagens com temáticas políticas, sobretudo, utilizando de técnicas de remixagem, chamou a nossa atenção para um olhar mais atencioso do que diz respeito às ocorrências de fenômenos que são discutidos atualmente pela Linguística de Texto, dentre eles, a recategorização e a intertextualidade.

3.3 Procedimentos de Análise

Iniciamos o nosso trabalho apropriando-nos das teorias que nortearam esta pesquisa. Com base nas teorias estudadas, coletamos os memes nos perfis listados no tópico anterior.

Após a coleta dos memes, identificamos quais apresentaram o referente recategorizado e qual o tipo de recategorização em cada meme, descrevendo o tipo ocorrido. Para isso, levamos em consideração as marcas que caracterizam o objeto recategorizado, desde características físicas até comportamentais dos personagens envolvidos, dependendo de cada meme, a partir do contexto de publicação e circulação. Para isso, apropriamo-nos de categorias que foram apresentadas e discutidas em teorias aqui explanadas, como: 1) recategorização metafórica manifestada lexicalmente (LIMA, 2003); 2) recategorização metafórica não manifestada lexicalmente (LIMA, 2003); 3) recategorização por interação metáfora-metonímia (LIMA, 2009); 4) recategorização sem menção de expressão referencial (CAVALCANTE E LIMA, 2015).

A partir daí, analisamos o tipo de intertextualidade presente no meme, para depois, verificar como recategorização se relaciona com a intertextualidade em memes mistos e imagéticos. Para direcionar a análise a respeito da intertextualidade, tomamos como base as seguintes categorias discutidas Piègay-Gros (1996): 1) Copresença; 1.1) Referência; 1.2) Citação; 1.3) Alusão; 1.4) Plágio; 2) Derivação; 2.1) Paródia; 2.2) Travestimento Burlesco; 2.3) Pastiche.

A partir das categorias selecionadas, apresentaremos no próximo capítulo uma amostra do *corpus* analisado sob o olhar acerca do fenômeno da recategorização e do fenômeno da intertextualidade e será apresentada conforme os procedimentos de análise, a saber: 1. Apresentação do contexto da imagem; 2. Identificação e classificação do fenômeno da recategorização; 3. Identificação e classificação das marcas intertextuais; 4. Relação entre o fenômeno da recategorização e intertextualidade nos memes mistos e imagéticos para observar a construção de sentidos por meio dessa relação.

Essa última etapa da pesquisa será de extrema relevância para constatar a validação da hipótese levantada de que a recategorização remodula o referente e assume relações com a intertextualidade na construção de sentidos em memes mistos e imagéticos.

3.4 Análise dos Dados

Este tópico está destinado às análises com base no aporte teórico ora discutido, e será guiado pelos procedimentos descritos no tópico anterior.

A seguir, apresentaremos um meme que circulou nas redes sociais em 2018, período que marcou as eleições para presidente da República do Brasil. A imagem foi retirada de um perfil do Facebook, Memes do Lula. Salientamos que a figura 21 é um exemplar de meme imagético, isto é, na sua constituição, há somente elementos semióticos que remetem ao não verbal. Na figura 21, é possível reconhecer duas figuras públicas brasileiras: Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do país, e Jair Messias Bolsonaro, atual presidente. Antes de adentrarmos nos aspectos que envolvem os dois fenômenos foco deste trabalho, quais sejam, a recategorização e a intertextualidade, é imprescindível que conheçamos o contexto que envolve o meme.

É importante destacar que nessa época, as eleições já haviam sido decididas a favor do atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Além dessa marca temporal caracterizada pelas eleições no Brasil, há outro episódio que precisa ser explanado.

FIGURA 21 – Bolsonaro e Lula

Fonte: Disponível em: <http://twixar.me/Mmv1>. Acesso em: 09/11/2018

FIGURA 22 – Fúria de Titãs

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/nyKQZ. Acesso em: 27/01/2020.

Perseu, filho de Zeus, foi preso por Hades, deus das profundezas. Na prisão, Perseu conhece o personagem Io, deusa que nunca envelhece, e se propõe a ser sua auxiliadora. Io afirma que Perseu é o único capaz de derrotar o deus do inferno. Perseu vai à procura das Bruxas Estíguas, únicas que sabem como derrotá-lo.

Perseu e sua tropa encontram as Bruxas e elas revelam que eles só poderiam vencer se conseguissem a cabeça da megera Medusa, um monstro. Zeus dá a Perseu uma dracma para subordinar um barqueiro das profundezas, para que eles pudessem entrar no lugar onde vivia Medusa, no Tártaro. Num confronto, Perseu e Io conseguem sobreviver e arrancam a cabeça da Medusa. Io é morta por Calibos, aliado de Hades, quando estavam saindo do mundo subterrâneo. Perseu consegue matar Calibos com a espada recebida de Zeus.

Em confronto com Hades, Perseu usa a cabeça da Medusa e petrifica-o, conseguindo destruí-lo e usando a espada para mandá-lo de volta para o inferno.

Considerando o contexto ora apresentado, podemos ver na figura 21 que o referente Bolsonaro é comparado a Perseu, considerado o grande herói da história da mitologia grega. O referente Lula se encaixa nas características que marcam a personagem Medusa, uma vez que sua cabeça aparece no meme desmembrada do corpo, assim como foi o destino de Medusa, na narrativa.

Considerando o período eleitoral como um embate, podemos ver que as figuras políticas retratadas podem ser comparadas com os personagens da história narrada, também marcada com um impasse entre eles. Como na mitologia grega, os personagens são vistos como “aquele que é revestido de poder” e “aquele que é mal e perigoso”. Partindo da data de divulgação do meme, novembro de 2018, consideramos que a história escolhida para compor o quadro é relacionada ao fato de o referente Bolsonaro ter sido eleito presidente do país nas eleições em questão, isto é, “aquele revestido de poder”. Dessa forma, o referente Lula é visto como derrotado, tendo estabelecida uma relação com a figura de Fernando Haddad, à época candidato à presidência da República ao qual a figura de Lula foi relacionada, por serem do mesmo partido político.

É importante ressaltar que nas eleições que marcam o contexto desta análise, Luiz Inácio Lula da Silva não foi candidato, mas a sua figura foi relacionada, como já sublinhado, a um dos partidos que concorriam ao cargo de presidente, corroborando para que seu nome estivesse presente no período eleitoral.

De posse desses detalhes contextuais, o próximo ponto que analisamos diz respeito à forma como as figuras públicas brasileiras mencionadas foram apresentadas na figura 21. De acordo com o aporte teórico discutido neste trabalho, podemos observar que tanto o referente Bolsonaro quanto o referente Lula foram recategorizados. Ou seja, a forma como foram apresentados na imagem traz novas

informações acerca dos referentes. A imagem dos dois referentes foi remodelada para construir novos sentidos e, com isso, alcançar o(s) objetivo(s) pretendido(s) pela imagem, dentre eles, divulgar a imagem do referente Bolsonaro como vencedor das eleições de 2018.

De acordo com o direcionamento teórico dado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), os objetos de discurso sofreram transformações, a partir do ponto de vista do enunciador, trazendo uma nova informação acerca dos referentes. Em outras palavras, foi recategorizado. Para isso, assim como direcionam os autores, foi preciso lançar mão do contexto e de mecanismos linguísticos e extralinguísticos para a composição do meme.

Como foi discutida, a proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) foi ampliada por outros autores. Lima (2003), por exemplo, confirma que o fenômeno da recategorização pode ser concebido além da porção textual, homologado no texto, e que devem ser considerados também os aspectos sociais, cognitivos e culturais, para que a construção do sentido se dê de maneira satisfatória. É o que podemos constatar na figura 21. Além disso, Lima (2009) também admite que nem sempre a recategorização se dá diretamente no nível textual-discursivo, podendo ser construída a partir de elementos do texto num nível cognitivo. Ao considerar tal posicionamento da autora, reconhecemos que o exemplo acima se encaixa exatamente no que ela defende. É preciso evocar elementos que não estão necessariamente no texto, mas que são acionados por elementos presentes nele, como na história mitológica, a partir da disposição dos referentes no meme (figura 21).

O fenômeno da recategorização pode ser manifestado sem, necessariamente, a homologação de uma expressão referencial, classificando o caso como *recategorização sem menção de expressão referencial*, de acordo com Cavalcante e Lima (2015), visto que há casos em que a homologação se dá apenas no nível cognitivo, como na figura 21, não sendo necessário revelar-se por meio de expressões referenciais. Podemos marcar também a *recategorização metafórica não manifestada lexicalmente* (LIMA, 2003), considerando a mesma perspectiva de realização do fenômeno.

Como proposta deste trabalho, além dos aspectos que envolvem a recategorização, a intertextualidade também necessita ser pontuada, uma vez que é essencial seu destaque nesta análise para fins comprobatórios no que diz

respeito àquilo que lançamos como hipótese desta pesquisa. De acordo com a proposta de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), podemos identificar no meme (figura 21) o primeiro tipo de intertextualidade proposta pelas autoras, *stricto sensu*, aquele em que um texto é identificado em outro texto. Como as próprias autoras sublinham, a própria intertextualidade. Partindo dessa primeira classificação, podemos encaixar a figura 21 dentro do conceito de intertextualidade implícita, observando pistas dadas pelo cotexto.

A intertextualidade pode partir não somente de elementos verbais, mas também de elementos multimodais e o papel do produtor é essencial na manipulação das informações para haja compreensão dos efeitos pretendidos pelo produtor da imagem. Considerando as marcas intertextuais identificadas na figura 21, compreendemos que essa forma marca uma classificação conhecida como alusão, segundo Piègay-Gros (1996), a partir da intertextualidade por copresença. Na alusão, é preciso que haja uma percepção entre os textos para se chegar à ideia que a relação intertextual quer passar. A alusão traz apenas marcas implícitas acerca do texto fonte, como podemos perceber na figura 21.

De acordo com Piègay-Gros (1996), na alusão, a relação a outro texto não é marcada e é preciso um jogo de palavras para a construção de sentido nesse tipo de intertextualidade. Levando para a figura 21, essa relação é estabelecida na sua composição, a partir do jogo de imagens e cores, também observada no texto fonte, figura 22. A posição dos referentes, tanto nas imagens com os referentes recategorizados quanto no texto fonte, se encontra de forma semelhante. As cores escuras com jogo de sombras também podem ser observadas com alto grau de semelhança entre as imagens dos referentes recategorizados e o texto fonte. Como ainda afirma a autora, é preciso que haja uma cumplicidade entre o leitor e o produtor para que ocorra a identificação da alusão.

Compreendendo que numa mesma imagem vários mecanismos podem ser utilizados para o cumprimento dos objetivos do texto, observamos que a alusão identificada na imagem 21 serve de suporte para a realização da intertextualidade por derivação, também classificação proposta por Piègay-Gros (1996), sendo especificamente subclassificada como derivação por paródia, atentando para a forma, que é mantida, mas o conteúdo modificado para fins de sátira. A posição do referente Perseu e do referente Medusa foram mantidas (forma), mas o conteúdo foi substituído pela imagem do referente Bolsonaro e do referente Lula.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) classificam esse tipo de intertextualidade (paródia) como estilística, a considerar o direcionamento teórico na figura 21 como a imitação do estilo da história da mitologia retratada na figura 22. Todas essas considerações são possíveis, quando fazemos uma comparação entre as figuras 21 e 22.

Diante desse quadro, percebemos que só chegamos às novas informações dadas por meio das recategorizações, que, por sua vez, estabeleceram uma relação intertextual com o episódio mitológico, dado por meio de mecanismos que favoreceram o fenômeno de intertextualidade, através do jogo estabelecido pelas imagens, cores e posição dos personagens. A figura 21 pode ser facilmente comparada com a figura 22 por meio dos elementos semelhantes nas duas imagens. A primeira faz referência (aqui diferenciando da classificação de intertextualidade por referência) à imagem que marca o filme *A fúria de Titãs*, que narra a história da mitologia grega descrita.

Retomando a nossa hipótese de que a recategorização, além de apresentar uma nova informação acerca do referente, estabelece uma relação intertextual a partir dos mecanismos de intertextualidade, confirmamos que, através da análise da figura 21, com base nas categorias usadas para tal, a nossa hipótese foi validada, de acordo com o contexto descrito.

O próximo meme, classificado como misto a partir do jogo de elementos verbais e não verbais, marca ainda o período eleitoral brasileiro, apresentando o referente Marina Silva como foco da imagem.

FIGURA 23 – Marina como Mestre dos Magos



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/bgjE2. Acesso em: 09/11/2018.

FIGURA 24 – Mestre dos Magos

Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/nopBS. Acesso em: 28 de jan. de 2020.

Assim como a figura 21, a figura 23 também faz menção ao período eleitoral brasileiro de 2018. O site www.imprensaviva.com divulga a figura 23 como uma crítica à postura da então candidata à presidência da República, Marina Silva. De acordo com o site, Marina Silva construiu a sua imagem política aparecendo publicamente apenas em momentos isolados, como no período eleitoral.

Outro ponto que precisa ser explanado diz respeito à figura 24, que representa o Mestre dos Magos, que também faz parte da caracterização relacionada ao referente Marina Silva na figura 23. O velho sábio é personagem de um desenho animado conhecido como a Caverna do Dragão. A série de animação foi originalmente transmitida entre os anos de 1983 e 1985 nos Estados Unidos pela rede de televisão CBS. No Brasil, a série começou a ser transmitida pela Rede Globo a partir de 1980.

A série conta a história de seis jovens que estavam em uma roda gigante cujo nome era Dungeons & Dragons. Enquanto se divertiam, abriu-se um portal e os seis jovens foram levados para outra dimensão, para um lugar chamado de Reino. Os garotos aparecem vestidos com outras vestimentas e com armas mágicas, conhecidas como Armas do Poder, dadas por um homem baixinho, chamado de Mestre dos Magos. Cada um recebe uma arma específica. Eles passam por várias aventuras, enfrentam inúmeras situações, envolvendo monstros e momentos perigosos, com o objetivo de conseguir voltar para casa. Durante essas aventuras, um personagem chamado de Vingador, tenta tomar as armas dos jovens para, assim, derrotar o Mestre dos Magos.

O ponto máximo dessa descrição faz referência ao comportamento do Mestre dos Magos, que só aparece em situações específicas na série, mostrando aos jovens a possibilidade de voltar para casa, apontando portais que podem levá-los de volta ao lar. Mas sempre nessas situações, em que os garotos precisam da sua ajuda, ele desaparece, e a chance de poder retornar para casa também. O cenário do Reino é composto por florestas que escondem armadilhas e é sempre no contexto da floresta que os garotos enfrentam algum mal.

Apoiado nos modos semióticos presentes da figura 23, é possível perceber a semelhança entre as características do referente Marina Silva e o referente Mestre dos Magos, figuras 23 e 24, respectivamente. O modo semiótico não verbal marca a semelhança da roupa do referente Marina e da roupa do referente Mestre dos Magos, seguindo o mesmo modelo e cor, além do cabelo, posição das mãos e o medalhão. A semiose verbal é marcada pelo texto “Ano eleitoral: a Fada da Floresta está de volta.” A relação semiótica entre os elementos diz respeito ao personagem da série.

O referente *a candidata à presidência da República Marina Silva* foi recategorizada duas vezes: como “Fada da Floresta”, pela porção verbal; e como “Mestre dos Magos”, pelo texto imagético, fazendo referência ao comportamento marcante do referente Marina Silva ao aparecer publicamente apenas nos períodos eleitorais, assim como o referente Mestre dos Magos, que faz sua aparição apenas em momentos peculiares da história retratada pela série, de acordo com as figuras 23 e 24.

Podemos considerar que as recategorizações sofridas pelo referente *candidata à presidência da República Marina Silva* podem ser assim classificadas, segundo a classificação proposta por Lima (2003): *Recategorização Metafórica Manifestada Lexicalmente*. O fato de o texto verbal conter a expressão “Fada da Floresta”, fazendo referência a um de seus perfis profissionais, ambientalista, além de estabelecer uma relação com o personagem Mestre dos Magos, justifica a classificação, observando que, metaforicamente, o referente candidata Marina Silva foi recategorizado como “Fada da Floresta” e “situacionista”. Além disso, a imagem também reforça a ideia marcada na semiose verbal, levando desse modo a classificar a segunda recategorização, também proposta por Lima (2003), como *Recategorização Metafórica Não Manifestada Lexicalmente*, observando que o referente *candidata Marina Silva* foi recategorizado como Mestre dos Magos, mas

não houve nenhuma expressão lexical para homologar no cotexto o fenômeno, tendo o seu processo efetivado apenas no cognitivo, a partir das pistas dadas pelo texto.

É preciso, dessa forma, resgatar o posicionamento de Lima (2009) para os aspectos cognitivos que envolvem o fenômeno, uma vez que apenas cognitivamente o personagem que deu origem à imagem recategorizada poderá ser recuperado, ultrapassando os limites do texto: nem sempre o fenômeno da recategorização será construído num nível textual-discursivo, podendo em alguns casos radicados num nível cognitivo, a partir de pistas dadas pelo texto, de acordo com Lima (2009).

Seguindo o mesmo raciocínio, lançamos mão da classificação de Cavalcante e Lima (2015), a partir da proposta de Custódio Filho (2014), e classificamos a segunda recategorização, o referente *candidata Marina Silva* como Mestre dos Magos, como *Recategorização sem Menção de Expressão Referencial*, que segue a mesma justificativa da classificação proposta por Lima (2003).

Quanto ao aspecto intertextual, a relação entre o referente *candidata Marina Silva* e o texto fonte, fazendo referência à série Caverna do Dragão, foi marcada pela semiose não verbal, que nos levou para a associação do referente *candidata Marina Silva* e o seriado, num jogo de composição baseada em cores, posição corporal e o próprio texto verbal, remetendo ao mago, que sempre aparece no contexto da floresta.

Nesse caso, a figura 23 traz um exemplo de intertextualidade explícita, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), uma vez que há marcas claras no texto que remetem a outro. No caso, a roupa, a posição do referente, além do cabelo e medalhão, que remetem explicitamente ao seriado Caverna do Dragão, especificamente ao personagem Mestre dos Magos. Sendo assim, a intertextualidade explícita pode ser ainda classificada como *referência*, dentro da classificação que remete à intertextualidade por *copresença*, proposta do Piègay-Gros (1996), percebendo que o texto trouxe apenas algumas marcas, fazendo referência ao texto fonte, sem marcá-lo literalmente.

Seguindo a mesma perspectiva do primeiro meme analisado (figura 21), julgamos ser possível considerar um texto sob mais de uma classificação quanto aos mecanismos de intertextualidade presentes. Dessa forma, a classificação de intertextualidade por *referência*, dentro da intertextualidade por *copresença*, defendida por Piègay-Gros (1996), serve de estrutura para indicar outro tipo de

intertextualidade: intertextualidade por *derivação*, subclassificada como *paródia*, uma vez que a forma foi mantida, mas o conteúdo alterado.

Na figura 23, também é possível perceber a relação entre o fenômeno da recategorização e a intertextualidade, confirmando a nossa hipótese no que se refere ao fato de o fenômeno da recategorização, que além de apresentar uma nova informação acerca do referente faz relação com outro(s) texto(s) por meio dos mecanismos de intertextualidade, já que os mecanismos de intertextualidade presentes na figura 23 deram suporte para que o referente fosse recategorizado.

O próximo meme retrata a figura do referente ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Destacamos que a figura 25 exemplifica um meme misto, baseado na composição verbal e não verbal presente.

FIGURA 25 – Lula tatuado



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/ijBT5. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

FIGURA 26 – Adolescente tatuado



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/tBLU5. Acesso em 11 de fev. de 2020.

A figura 25 representa um caso político que repercutiu na mídia brasileira em 2016, a saber, investigações que suspeitavam de corrupção contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A figura 25 circulou nas redes sociais em 2018 devido ao período eleitoral. Outro fato que precisa ser esclarecido para que possamos compreender a relação entre as duas imagens diz respeito ao caso do adolescente, representado pela figura 26, que teve a testa tatuada, em 9 de junho de 2017, por dois homens, um tatuador profissional e seu vizinho, no centro de São Bernardo do Campo (SP). Os dois tatuaram a frase “Eu sou ladrão e vacilão”, justificando que a medida foi tomada como forma de punição, em momento de revolta, em que acusaram o garoto do roubo de uma bicicleta na região, segundo o site g1.com.

Com base no contexto apresentado, podemos perceber que a figura 25 é marcada pela recategorização do referente *ex-presidente Lula* como ladrão. É possível considerar essa interpretação, a partir da comparação com a imagem original, figura 26, em que o garoto também é assim acusado. Partindo das categorias selecionadas, a figura 25 se encaixa nas *Recategorizações Metafóricas Manifestadas Lexicalmente*, de acordo com classificação proposta por Lima (2003), haja vista que o termo “ladrão” escrito na testa do referente *ex-presidente Lula* marca esse tipo de recategorização defendida pela autora.

É preciso destacar ainda que precisamos resgatar as contribuições de Lima (2009), quando a autora pontua que em alguns casos é preciso fazer um resgate no nível cognitivo para poder construir o sentido pretendido, uma vez que não há claramente no texto o porquê da imagem está sendo recategorizada daquela maneira, indo além do cotexto. No caso, é preciso resgatar cognitivamente o episódio em que o garoto é tatuado para que haja uma compreensão efetiva do fato.

Além do caso de recategorização, uma situação de intertextualidade também é observada na figura 25, quando comparada com a figura 26. Duas marcas podem ser destacadas: a parte verbal, considerando a frase tatuada no rosto do referente garoto; e a posição semelhante do texto verbal: tanto no rosto do referente Lula quanto no rosto do referente menino, a tatuagem está na testa.

Considerando a classificação por copresença, de Piègay-Gros (1996), ratificada por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) na classificação de intertextualidade *explícita*, percebemos que há marcas da figura 26 na figura 25, tal como sublinhamos. A marca verbal nas duas imagens indica a classificação da intertextualidade encontrada na imagem do referente Lula como explícita por

referência, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), e por *copresença* por *referência*, de acordo com Piègay-Gros (1996), uma vez que, claramente, houve uma referência ao fato ocorrido com o adolescente em São Paulo por meio do mesmo texto da tatuagem e do mesmo local apresentado nos referentes nas imagens 25 e 26.

Assim também, como nos dois memes analisados (figuras 21 e 23), os fenômenos intertextuais identificados abrem caminhos para que outro processo seja efetivado na figura 25. Os fenômenos por intertextualidade explícita/copresença por *referência* autorizam a realização de outro mecanismo intertextual, qual seja o *travestimento burlesco*, classificação proposta por Piègay-Gros (1996) como uma classificação da intertextualidade por *derivação* e também ratificada por Koch, Bentes e Cavalcante (2012) dentro da intertextualidade *estilística*, considerando que o conteúdo foi mantido e a forma alterada, a partir da alteração da figura do referente garoto pela imagem do referente Luiz Inácio Lula da Silva.

Diante do exposto, identificamos que o fenômeno da recategorização apresenta uma nova informação acerca do referente Lula e, ainda, estabelece uma relação intertextual por meio dos mecanismos analisados, confirmando, desse modo, a nossa hipótese acerca do comportamento do fenômeno da recategorização em memes. Essa relação acontece de forma automática, sendo os dois fenômenos realizados concomitantemente.

O próximo meme analisado faz referência também ao referente ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. A figura 27 também representa um meme misto, a partir da sua composição baseada nas semioses verbal e não verbal.

FIGURA 27 – Lula como Elsa



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/hJNS2. Acesso em 02 de jan. de 2020.

FIGURA 28 - Elsa



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/hiEJ7. Acesso em 14 de fev. de 2020.

A figura 27 assume como contexto as mesmas marcas contextuais apresentadas na análise da figura 25, qual seja, os fatos que culminaram na prisão do referente ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Antes de desenvolvermos a relação entre o fato em torno do referente ex-presidente Lula e a figura 28, é imprescindível que conheçamos o contexto que envolve a personagem Elsa (figura 28), protagonista de um filme de animação dos estúdios Walt Disney Pictures.

A princesa Elsa tinha uma irmã, cujo nome era Ana, que por sua vez, conhece Hans, um oportunista que se aproveita dos seus sentimentos para se aproximar do reino de Arendelle. Num momento de discussão entre elas, Elsa solta uma rajada de seu poder, que era transformar tudo em gelo, assustando todo o reino. Após esse episódio, Elsa sai correndo do palácio e Ana vai atrás da irmã, incumbindo Hans a assumir o trono na ausência da princesa.

O ponto máximo da história é exatamente no momento em que Elsa chega à montanha, lugar escolhido por ela para se abrigar. Triste, começa a construir um castelo, todo em gelo, fruto do seu poder. É neste exato momento em que a personagem começa a cantar uma música cujo ápice é marcado pelo trecho “Livre estou”.

Voltando ao contexto da figura 25, após meses preso, Lula é solto no dia 8 de novembro de 2019. O ex-presidente estava preso desde o dia 7 de abril de 2018. Tais informações estão de acordo com o site www.folha.uol.com.br.

Ao observar o contexto que envolve as duas imagens, reconhecemos, por meio das pistas dadas pelo cotexto da figura 27, que a imagem do referente Lula está sendo recategorizada como Elsa, fazendo referência à soltura do referente Lula e a marca da personagem dos estúdios Walt Disney, “Livre estou.”. Conhecendo como o referente Lula foi recategorizado, lançamos mão da proposta de Lima (2003) e classificamos a recategorização ora identificada como *Recategorização Metafórica Não Manifestada Lexicalmente*, observando que não houve nenhuma expressão referencial no cotexto que marcasse o fenômeno, observando que o referente Lula foi metaforicamente recategorizado como Elsa.

Seguindo a mesma ideia, podemos utilizar a classificação proposta por Cavalcante e Lima (2015), *Recategorização sem Menção de Expressão Referencial*, cuja ideia é também dizer que o referente foi recategorizado, mas não houve nenhuma marca na superfície do texto que confirmasse a efetivação do fenômeno, cujo processo foi apenas cognitivo, a partir de marcas no texto que nos levasse a

resgatar o contexto de construção da imagem e efetivar o processo, apenas mentalmente (ou seja, no nível cognitivo). Isso mostra que os aspectos sociocognitivos que envolvem o fenômeno da recategorização são muito importantes para reconhecer o comportamento do fenômeno em textos que apresentam mais de uma semiose, como os memes.

O tal resgate do contexto de construção da imagem citado no parágrafo anterior pode ser compreendido pelos mecanismos de intertextualidade que podem ser identificados na figura 27. Em comparação com a figura 28, podemos apresentar algumas marcas em comum entre as duas imagens: cor de fundo, posição da cabeça, a roupa, a forma como o cabelo foi retratado, além da própria cor do cabelo e dos adereços nele contidos, fazendo menção ao gelo, símbolo do poder da personagem Elsa. Tais indicações na figura 27 nos levam à história da personagem Elsa, através dos mecanismos de intertextualidade. Analisando a figura 27, podemos vê-la de acordo com a proposta de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), sob a classificação da intertextualidade *stricto sensu*, cuja função diz respeito às marcas explícitas contidas em um texto que remetem a outro(s), qual seja, a intertextualidade *explícita* por *referência*. As indicações em comum entre a figura 27 e a figura 28 sustentam essa classificação. Piègay-Gros (1996) classifica esse tipo de intertextualidade como intertextualidade por *copresença*, cuja subclassificação se dá, também, por *referência*. As marcas imagéticas pela cor do cabelo, roupa e acessórios, além da posição da cabeça do referente Lula justifica tal classificação. Ademais, a semiose verbal também nos leva também a classificar de tal forma.

Compreendendo, a partir da visão de Faria (2014), que em um mesmo texto podemos identificar mais de um tipo de intertextualidade, considerando que as suas categorias não são estanques, apontamos que as marcas intertextuais encontradas na figura 27, classificadas como referência, dão suporte para que outro tipo de intertextualidade seja realizado, qual seja, a intertextualidade por *derivação*, cuja classificação de Piègay-Gros (1996) nos leva a subclassificar como *derivação* por *paródia*, a saber que a forma foi mantida, mas o conteúdo alterado. Em outras palavras, é possível perceber que as formas que caracterizam a personagem Elsa foram mantidas, mas o seu rosto foi substituído pela imagem do referente Lula, como uma estratégia de derivação.

Essas relações observadas nos levam a verificar que o fenômeno da recategorização trouxe, a partir da análise da figura 27, uma nova informação a

respeito do referente Lula, remodelando-o, e ainda, ao mesmo tempo, estabeleceu uma relação com outro texto por meio de estratégias intertextuais, confirmando a nossa hipótese. As marcas de intertextualidade encontradas na figura 27, numa relação com a figura 28, corroboraram para a efetivação do fenômeno da recategorização.

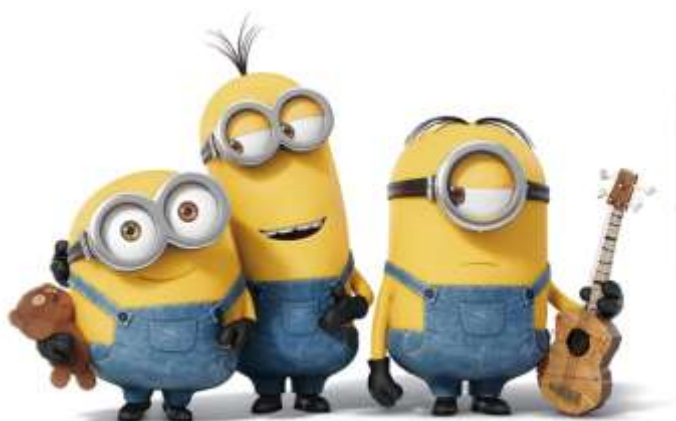
O próximo meme, classificado como misto, retrata o referente atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.

FIGURA 29 – Bolsonaro como minion



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/htu45. Acesso em 9 de nov. de 2018.

FIGURA 30 - Minions



Fonte: Disponível em: encurtador.com.br/qlrv9. Acesso em 11 de fev. de 2020.

Na figura 29, temos a imagem do referente presidente Jair Bolsonaro. Essa imagem é marcada por uma relação com uma animação “O meu malvado favorito”. O desenho conta a história de alguns seres inicialmente unicelulares, os minions,

que procuram alguém para liderá-los. São criaturas que têm como uma característica em destaque a obediência aos seus líderes. Outra característica marcante desses seres é que eles existem desde o começo dos tempos e têm como objetivo servir aos seres maus da história, como Drácula, Napoleão e T. Rex. Eles têm a necessidade de servir a pessoas más. O termo ‘minions’ significa ‘servo’.

A figura 29 assume como contexto as eleições presidenciais de 2018, assim como os outros memes analisados. Na imagem, podemos reconhecer o rosto do referente atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Na época das eleições, numa guerra fria entre os eleitores, os simpáticos pelas propostas do presidente foram tachados de minions, numa relação com comportamento dos personagens da animação ora descrita.

Na figura 29, vemos que a imagem do referente Jair Bolsonaro é modificada fazendo uma relação com os minions, retratados na figura 30.

De posse dessas informações, observamos que a imagem apresentada na figura 29 serve para identificar outro referente associado a ele: os eleitores de Bolsonaro, chamados pela oposição de bolsominions. A imagem do referente Bolsonaro recategorizado como minion precisa de várias pistas intertextuais para ser identificada e compreendida. Durante o processamento textual desse meme, o referente “bolsominion”, ou eleitor de Bolsonaro, tem sua construção associada à animação cujos personagens, chamados de “minions”, são utilizados em comparação às atitudes criticadas no meme: eles são cristãos e usam palavrão, discurso de ódio etc.

Além disso, a relação entre a imagem e o texto verbal se dá, como já dissemos, pelo apoio dado pelos eleitores do referente Jair Bolsonaro às suas falas e entre a imagem recategorizada do referente Jair Bolsonaro como minion, seres que obedecem aos seus líderes, na animação.

De acordo com a perspectiva abordada por Lima (2009), não há claramente uma expressão referencial que marque a recategorização do referente Bolsonaro como minion, uma vez que essa compreensão/construção só acontece no nível cognitivo, permitida por pistas dadas pelo cotexto para tal realização. A classificação que se encaixa na análise da figura 29 é *Recategorização Metafórica não Manifestada Lexicalmente*, segundo a proposta de Lima (2003), e *Recategorização sem Menção de Expressão Referencial*, proposta por Cavalcante e Lima (2015), que compreendem que, nessa classificação, não há a homologação do fenômeno da

recategorização por meio de uma expressão referencial, ficando apenas no nível cognitivo. O referente Bolsonaro está metaforicamente apresentado como minion, como já explicado. As duas classificações marcam a mesma forma de realização do fenômeno da recategorização. A diferença está apenas na nomenclatura, já que a segunda foi uma proposta em observação ao que havia colocado Custódio Filho (2014). É importante destacar que a parte verbal contida no meme não traz nenhuma expressão referencial que homologue a recategorização do referente Bolsonaro como minion.

Podemos ainda considerar nessa análise a proposta classificatória de Lima (2009) ao considerar a *recategorização por interação metáfora-metonímia*, a saber a relação metafórica explanada no parágrafo anterior e a relação metonímica “parte pelo todo”, ao observarmos que a figura de um minion está representando todo o grupo de minions, também numa metáfora com os apoiadores do referente Bolsonaro. Compreendemos, desse modo, que a classificação abrange o caso analisado devido à manifestação dos fenômenos descritos, que são observados na perspectiva de um *continuum*, como marca Lima (2009). Em outras palavras, os fenômenos acontecem ao mesmo tempo em que os sentidos são construídos, concomitantemente.

Ainda sobre a figura 29, percebemos que a imagem faz relação com outro texto, que é exatamente a imagem dos minions, reatratados na figura 30, como representação da história dos seres unicelulares que obedecem aos seus líderes. Essa relação, que aqui marcamos teoricamente como intertextualidade, é estabelecida através de alguns mecanismos. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), podemos classificar o caso de intertextualidade na figura 29 como intertextualidade *scripto sensu, explícita por referência*, uma vez que a cor e o formato fazem uma referência aos minions. De acordo com a classificação proposta por Piègay-Gros (1996), a intertextualidade da figura 29 é marcada por *copresença* que, por sua vez, é marcada também como *referência*, sob as mesmas justificativas apresentadas na classificação de Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Os mecanismos intertextuais pontuados autorizam a estruturação de outro tipo de intertextualidade, assim como Faria (2014) mostra que é possível. De acordo com a proposta de Piègay-Gros (1996), percebemos que há na figura 29, uma intertextualidade por *derivação* que, por sua vez, ainda pode ser classificada como *paródia*. A justificativa por essa classificação se dá pela manutenção da forma,

retratada na figura 29, porém com alteração no conteúdo, já que o rosto do minion foi substituído pela imagem do referente Bolsonaro.

De posse desse detalhamento, constatamos que o fenômeno da recategorização permite que uma nova informação acerca do referente seja dada, além de estabelecer relações intertextuais com outros textos. A análise da figura 29 mostra que isso é possível, considerando o aporte teórico abordado, considerando as categorias utilizadas para essa confirmação, validando, mais uma vez, a nossa hipótese.

Nesta última parte, analisamos cinco exemplares de memes. Pudemos constatar que, tanto nos memes imagéticos quanto nos mistos, a recategorização modifica o referente, característica inata ao fenômeno, e estabelece relações intertextuais por intermédio dos mecanismos de intertextualidade. Independente de o meme conter apenas uma parte imagética ou apresentar uma parte verbal e outra não verbal, o fenômeno da recategorização se comportou do mesmo modo.

Identificamos sete situações quanto à relação entre formato dos memes e o fenômeno da recategorização, (considerando que as classificações *recategorização não manifestada lexicalmente* e *recategorização sem menção de expressão referencial* consideram a mesma perspectiva de realização do fenômeno):

1 meme apenas imagético;

- 1.1 com recategorização sem menção de expressão referencial (figura 21);
- 1.2 com recategorização metafórica não manifestada lexicalmente (figura 21)

2 memes mistos;

- 2.1 com recategorização metafórica manifestada lexicalmente e sem menção de expressão referencial (figura 23);
- 2.2 com recategorização metafórica manifestada lexicalmente (figura 25);
- 2.3 com recategorização sem menção de expressão referencial apenas (figuras 27 e 29).
- 2.4 com recategorização por interação metáfora-metonímia (figura 29)
- 2.5 com recategorização não manifestada lexicalmente (figura 23; figura 27, figura 29)

Tanto nos memes mistos quanto no meme imagético foi possível observar a manifestação do fenômeno da recategorização sob diversas classificações, não restringindo a realização do fenômeno a apenas uma forma. E em todos os memes foi possível identificar e classificar os mecanismos intertextuais.

Um ponto a salientar em relação a esse aspecto é que o fato de observarmos esse comportamento do fenômeno da recategorização nos memes selecionados não implica, necessariamente, comportamento ou característica classificatória estanque, haja vista que há uma gama muito grande de estilos e formatos de memes que podem apresentar outras características e possibilidades de realização. E seríamos inconsequentes se fechássemos a questão dessa maneira. Para isso, precisaríamos de um tempo do qual não dispusemos para a realização desta pesquisa, abrindo, dessa forma, caminhos para que outras propostas sejam realizadas para a constatação, ou não, desse questionamento. Mas, por meio das análises aqui feitas, podemos afirmar que há uma forte incidência de o fenômeno da recategorização sempre estabelecer relações intertextuais, a partir da observação de que há sempre uma relação com outro texto que permite que o fenômeno seja efetivado.

Além disso, pudemos constatar que os textos com mais de uma semiose permitem que a recategorização possa ser vista sob mais de um viés, como nos exemplares aqui analisados, em que apercebemos que o fenômeno autoriza a modificação do referente e ainda estabelece uma relação intertextual por meio dos mecanismos de intertextualidade, mostrando que o texto assume significação além das expressões referenciais. Tal complexidade permite que outros pontos de vista sejam criados.

Posteriormente, seguem as considerações finais desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte desta pesquisa, nos voltamos para a descrição de estudos sobre a recategorização, sublinhando aspectos que ampliaram os seus desdobramentos. Destacamos aqui dois que consideramos relevantes para o progresso deste trabalho: a relação entre o fenômeno da recategorização e a sociocognição, bem como a recategorização e a multimodalidade. Na segunda parte, apresentamos teorias que apresentam e sustentam os mecanismos da intertextualidade, sob a perspectiva das classificações da intertextualidade *stricto sensu*.

O percurso teórico assumido neste trabalho apresentou o posicionamento de alguns estudos sobre a recategorização, pontuando pesquisas que marcaram a evolução do fenômeno e que trouxeram grandes contribuições para estudos posteriores. Não descartamos aqui a importância de outras pesquisas acerca do fenômeno, apenas nos limitamos, por uma questão de espaço, a descrever algumas dessas contribuições.

Esta pesquisa assumiu como propósito analisar a realização do fenômeno da recategorização e da intertextualidade, mostrando a forma como esses dois fenômenos podem ser vistos na construção de sentidos em textos multimodais, especificamente, o gênero meme. A composição desse gênero abriu possibilidades para que estudos fossem vistos na prática quanto à observação da realização dos dois fenômenos. O resultado das análises nos mostrou que é possível o fenômeno da recategorização assumir mais de um papel na constituição do meme, a saber, a remodulação dos referentes e a relação com outros textos por meio dos mecanismos de intertextualidade, confirmando, desse modo, a nossa hipótese e ampliando a compreensão em torno desses casos.

Em todas as situações, conseguimos identificar ocorrências do fenômeno da recategorização, ocorrências do fenômeno da intertextualidade e conseguimos aplicar as categorias selecionadas, ratificando as teorias escolhidas, cumprindo, desse modo, os objetivos pretendidos.

A multiplicidade de semioses presente nos textos nos permite compreender que a constituição de textos deve ser analisada, considerando o seu conjunto de elementos. Quando nos voltamos para a disposição desses elementos nos memes, entendemos que a recategorização se manifesta baseada na relação que esses

componentes constroem no texto. Da mesma forma, o nosso olhar deve se voltar para a intertextualidade, uma vez que o fenômeno depende também do encadeamento de todas as semioses presentes no texto. Atentando para essas características, pudemos alcançar os objetivos aos quais nos propusemos nesta pesquisa.

O meme assume o seu propósito de construir a ironia, o humor ou o sarcasmo por intermédio da reconstrução dos referentes, ou das recategorizações, em muitos casos, que assumem um papel muito importante para o alcance dos sentidos pretendidos no gênero. A forma como os referentes são apresentados nesse gênero garante que o interlocutor compreenda os sentidos direcionados pelo produtor. Assim também acontece com a intertextualidade, sabendo que o texto fonte só pode ser resgatado se houver uma participação ativa do interlocutor nesse processo, que também só poderá ser garantida mediante o modo como o referente está sendo construído.

O surgimento de gêneros no meio digital expande a gama de possibilidades de análise de outros fenômenos e permite que os fenômenos aqui discutidos sejam analisados de outras formas. Esta pesquisa não afadiga as formas de percepção em torno desses gêneros, muito menos limita as perspectivas voltadas para a recategorização e a intertextualidade, abrindo caminhos para que outros trabalhos possam ser construídos, a partir das contribuições que aqui foram elaboradas.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ D., REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. *In*: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (eds.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995, p. 227-71.

ARAÚJO, Ana Cláudia Menezes. **A intertextualidade imagética**: análise das relações imagético-cognitivas mantidas com Pietá, de Michelângelo. Littera Online. Número 08, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. [1929-1930] Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antonia Dilamar and ARAGAO, Cleudene de Oliveira. **Multimodalidade e multiletramentos**: análise de atividades de leitura em meio digital. Rev. bras. linguist. apl. [online]. 2016, vol.16, n.4, pp.623-650. ISSN 1984-6398. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820169909>.

BENTES, Anna C.; RIO, Vivian C. **A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários**. *In*: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005, p. 265-291.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Expressões referenciais**: uma proposta classificatória. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, v. 44, p.105-118, 2003.

_____, Mônica Magalhães. **Anáfora e dêixis**: quando as retas se encontram. *In* KOCH. Ingedore Villaça; MORATO, Edwirges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs). Referenciação e Discurso. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, M. A. P. **Intertextualidades, heterogeneidades e referenciação**. Linha d'Água, n. 24 (2), 2011, p. 259-276.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Revisitando os parâmetros do processo de recategorização**. ReVEL, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COSTA, Maria Helenice Araújo. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUSTÓDIO, Fernando Elias. **Intertextualidade nas crônicas de José Simão**. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FORCEVILLE, Charles. **In-Multimodal Metaphor in Ten Dutch TV Commercials**. The Public Journal of Semiotics I (1), January 2007, pp. 15-34.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Alusão e Citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.

FORCEVILLE, Charles. **Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research**. In: FORCEVILLE, Charles; URION-APARISI. Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor. New York: Mouton de Gruyter, 2009.

FONTANELLA, Fernando Israel. **O que vem de baixo nos atinge: intertextualidade, reconhecimento e prazer na cultural *digital trash***. Trabalho apresentado no IX Encontro de Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009a.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Mirian Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading images. The Grammar of Visual Design. Second Edition. London/New York: Routledge, 2006.

KRISTEVA, J. (1967). **A palavra, o diálogo e o romance**. In:_____. (1969). Introdução à semáanse. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. - 2. ed., 1ª impressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2015.

_____, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKOFF, George. **The contemporary theory of metaphor**. In: Ortony, Andrew (ed.), *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

LEITE, Ricardo Lopes. **Metaforização textual: a construção discursiva do sentido metafórico no texto**. 2007. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LEMO, André. **Ciber-cultura-remix**. Artigo escrito para apresentação no seminário “Sentidos e Processos” dentro da mostra “Cinético Digital”, no Centro Itaú Cultural. Tema da mesa: “Redes: criação e configuração”, São Paulo, Itaú Cultural, ago. de 2005.

LIMA, Jorgelene de Sousa. **O processo de recategorização no gênero charge: um estudo à luz da perspectiva sociocognitiva**. 2013. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. **(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

_____. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo dos processos de recategorização**. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. **A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva**. Revista Estudos Linguísticos e Literários. Nº 57, jul-dez| 2017, Salvador: pp. 225-240.

MATOS, Janaíca Gomes. **As funções discursivas das recategorizações**. 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MARCUSCHI, Luís Antônio.; KOCH, Ingedore Villaça. **Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada**. In: ABAURRE, M. Bernadete, RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). Gramática do Português Falado. v. VIII. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-56.

_____, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, Acir Mário. GAYDECZKA, Beatriz. BRITO, Karim Siebeneicher. Gêneros textuais: reflexões e ensino. – 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MONDADA, Lorenza, DUBOIS, Danièle. **Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation**. *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de Linguistique), nº 23, 1995, p. 273-302./ Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; revisão de Francisco Roterdan F. Damasceno e Alena Ciulla/.

MONDADA, Lorenza. **A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirurgia**. In KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs.). Referenciação e Discurso. – 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOZDZENSKI, Leonardo. **Multimodalidade e Gênero Textual: analisando criticamente as cartilhas Jurídicas**. Recife: EDUFPE, 2008.

_____. **A intertextualidade no videoclipe: uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva**. Contemporânea, vol. 7, n. 2. Dezembro, 2009. 1-33

NOBRE, Kennedy Cabral. **Critérios classificatórios para processos intertextuais**. 2014. 129f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.

PIÉGAY-GROS, Nathalie. **Introduction à l'intertextualité**. Paris: Dunod, 1996. Traduzido por Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe. Interseções, Rio de Janeiro, n. 1, p. 220-244, 2010. In: Interseções – Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais. ISSN: 1984-2406. Centro Universitário Padre Anchieta Jundiá (SP)

SANTOS, Francisco Roberto da Silva; MESQUITA NETO, José Rodrigues de. **Sentidos verbais e visuais em memes: uma análise sociosemiótica**. In: LIMA, Ana Maria Pereira; FIGUEIREDO-GOMES, João Bosco; SOUZA, José Marcos Rosendo. Gêneros multimodais, Multiletramentos e ensino. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

SOUZA Santos, J. E.; NOBRE, K. C. **Intertextualidades explícitas e intertextualidades Implícitas**. Signótica, 2019, v.31: e56809.

SILVA, Franklin O. **Processos de referenciação no gênero notícia**. 103p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SILVA, Marcos Helam Alves da. **O processo de recategorização metafórica na construção de sentidos de memes verbo-imagéticos**. 107p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão Técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaró Silva. São Paulo: Contexto, 364 p. ISBN 85-7244-254-5.